UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MAÍRA MORAES DOS SANTOS

Jaime Cubero:
uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida

São Paulo
2015

MAÍRA MORAES DOS SANTOS

Jaime Cubero:

uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Educação, na área de Cultura, Organização e Educação.

Orientadora:
Profª Dra. Doris Accioly e Silva

**São Paulo
2015**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

377.3
S237j Santos, Maíra Moraes dos
Jaime Cubero: uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida / Maíra Moraes dos Santos; orientação Doris Accioly e Silva. São Paulo: s.n., 2015.
190 p. ils.; tabs.; anexos

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Jaime Cubero 2. Educação 3. Anarquismo 4. Educação Libertária
5. Centro de Cultura Social I. Accioly e Silva, Doris, orient.

Nome: Maíra Moraes dos Santos

Título: Jaime Cubero: uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Educação, na área de Cultura, Organização e Educação.

Orientadora:
Profª Dra. Doris Accioly e Silva

Aprovada em: 05/10/2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura _____

À

Jaime Cubero, por sua maestria artesanal

Agradeço...

ao Jaime Cubero, por sua existência única, singular, significativa e sua afetividade que chegou a mim por todo o processo da pesquisa. Não tive o prazer de vivenciar nenhum momento ao seu lado, mas hoje, sua trajetória é parte integrante da minha pessoa.

à minha orientadora Doris Accioly e Silva, pelas nossas conversas, pela disponibilidade e receptividade com que recebeu a mim e a minha pesquisa, às taças de vinho e xícaras de chá que dividimos nos encontros para melhor desenharmos essa pesquisa.

à leitura generosa e às ricas contribuições recebidas pelos professores Antônio Valverde, Christina Lopreato e Marcos Tarcisio Florindo durante a qualificação.

à família Cubero's (imensamente): Parmênides, Maria, Maruja, Eanne e pequena Sofia. Acolheram-me em suas casas, em suas vidas e compartilharam comigo suas histórias e memórias, não há como descrever essa gratidão.

Ao Nilton Melo e à Miquelina Veiga, por compartilharem comigo as suas memórias.

Agradeço a minha família, sem a qual não sou...

minhas avós e avôs: Ana, Valdemar, Carmela e Osias responsáveis pela minha possibilidade de existência, sempre me incentivando a seguir meus sonhos.

minha mãe, Sandra Maria Moraes, minha amiga e companheira com a qual divido todos os meus anseios e desejos, uma ouvinte atenta às minhas leituras.

meu pai, Marcos Ferreira dos Santos, por sua orientação, compreensão e por ser uma referência, não só bibliográfica, mas de vida.

meus irmãos: Gibran e Lucas, amados companheiros que com suas brincadeiras alegrem meu viver.

Solange Cleide Francisco meu socorro sempre disponível, paciente e cheio de carinho.

Ana Estrella, amiga e confidente e revisora para todas as ocasiões.

Paulo, companheiro de sonhos e desejos.

Também sou grata...

às pessoas do Centro de Cultura Social, da Biblioteca Terra Livre, Casa da Lagartixa Preta, Núcleo de Estudos Libertários Carlos Aldegheri e demais coletivos libertários que abriram espaço para vivenciar e compartilhar práticas libertárias.

aos participantes e monitores das atividades do Lab_arte da FEUSP que proporcionaram vivências únicas, onde educação, arte e cultura não possuem fronteiras.

aos funcionários e docentes da FEUSP, em especial os professores Rogério de Almeida e Elizabeth Braga.

aos inúmeros docentes que contribuíram e contribuem com minha formação e constantes transformações, nesse caminho infinito da aprendizagem.

E finalmente, grata

à enorme paciência das pessoas que conviveram ao meu lado ao longo desse processo do mestrado, aos alunos, aos colegas de trabalho, todos que acompanharam tanto os momentos de felicidade e superação, como os momentos de desespero e aflição que esse conhecimento institucionalizado nos proporciona.

Resumo

SANTOS, Maíra Moraes dos. **Jaime Cubero: uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida**. 2015. 185 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015

A presente dissertação busca compreender a trajetória de Jaime Cubero (militante anarquista brasileiro que viveu entre os anos de 1926 e 1998) cuja existência constituiu um paradigma de práticas libertárias para a educação e para a vida. Tal trajetória é esclarecedora das próprias concepções anarquistas no Brasil e de que maneira estas são inseparáveis das lutas anarquistas internacionais. Os fundamentos metodológicos são provenientes das técnicas da História Oral Híbrida e das pesquisas das Ciências Sociais a partir de 1950, com registros gravados. Para sua realização foram coletados depoimentos de militantes e familiares de Jaime Cubero, depoimentos publicados anteriormente sobre ele, por meio dos quais é revelada sua dimensão de mestre, ou seja, de quem forma sujeitos a partir de sua própria condição tríplice: educador-narrador; educador-artesão; e educador das escolhas. Os desdobramentos de tais práticas são observados na vida e pensamento daqueles que optaram pelos princípios libertários a partir de seus locais de trabalho e de sua vida cotidiana. As lições de Jaime Cubero são também muito importantes como crítica da educação e do ensino atuais.

Palavras-chave: Jaime Cubero – Educação – Anarquismo – Educação Libertária – Movimento Anarquista

Abstract

SANTOS, Maíra Moraes dos. **Jaime Cubero: A trajectory of libertarian practices for education and life.** 2015, 185 f. Thesis (Master's degree). School of Education, University of São Paulo. São Paulo, 2015.

This presentation has as subject matter Jaime Cubero's (brazilian anarchist militant Who lived from 1926 to 1988) path, whose existence has constituted a paradigm of libertarian practices to education and life. Such trajectory is enlightening of the own brazilian anarchist conceptions and how they are inseparable from international anarchist fights. The methodological basis is originated from Hibrid Oral History techniques and from Social Sciences researchs since 1950, with recorded data. To be made, speeches from militants and Cubero's relatives were collected, early public speeches about Jaime Cubero, where his dimension as a master is revealed, in other words, the one who form individuals from his own triple condition: educator-narrator; educator-artisan; and choice educator. The outcomes of those practices are observed in the life and thoughts of those who have chosen the libertarian principles in their workplace and daily life. Cubero's lessons are also very important as a critic to current education and teaching.

Key-words: Jaime Cubero – Education – Anarchism – Libertarian Education – Anarchist Movement

Sumário

ITINERÁRIO DE FORMAÇÃO: prenúncios da investigação.....	13
Escolhendo Sementes.....	17
Capitulando.....	18
CAPÍTULO I - Adubação Teórico-Metodológica.....	23
1.1 Fontes da Pesquisa.....	23
1.2 Metodologia para entrevistas.....	26
1.3 Inspirações interpretativas.....	33
CAPÍTULO II – Arando Conceitos.....	37
2.1 Brotando Jaime.....	52
CAPÍTULO III - Trajetória de Jaime Cubero, irrigada pelos depoimentos.....	57
3.1 Gerações em constante renovação.....	57
3.2 O Centro de Cultura Social – CCS.....	62
3.3 Princípios do movimento anarquista na perspectiva de Jaime Cubero.....	73
3.4 Questão sindical.....	82
3.5 Jaime Cubero: uma referência.....	86
3.6 Imanência, Transcendência e Religião.....	92
3.7 Outros espaços de atuação.....	101
3.8 A questão do feminino, do amor livre e da família.....	108
3.9 Referências para Jaime Cubero.....	121
3.10 O cotidiano reforçando ideais.....	123
3.11 Pedagogia libertária na trajetória e prática de Jaime Cubero.....	130
CAPÍTULO IV - Florescendo Ideias.....	143
4.1 Jaime Cubero um educador-narrador:.....	143
4.2 Jaime Cubero um educador-artesão:.....	144
4.3 Jaime Cubero um educador das escolhas:.....	146
COLHENDO FRUTOS.....	151
CRONOLOGIA.....	155
APÊNDICES.....	165
1. Quadro das participações de Jaime Cubero em eventos.....	165
2. Mitos de origem - narrativas dos começos.....	169

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	179
--	------------

ANEXOS – Roteiros das entrevistas.....	189
---	------------

Índice de Imagens

Imagem Capa – Janela – Robert Delaunay (1912-1913)

Imagens 01 – Jaime Cubero compartilhando conhecimento com público mais jovem.....	61
--	-----------

Imagem 02 – Fachada do CCS.....	73
--	-----------

Imagens 03 – Jaime Cubero no Jornal O Globo – Matéria de 13/MAI/1957.....	86
--	-----------

Imagens 04 – Piquenique de 1º de Maio em 1943	101
--	------------

Imagens 05 – Nosso Sítio em Mogi das Cruzes SP.....	105-106
--	----------------

Imagens 06 – Calçados Cuberos LTDA.....	108
--	------------

Imagens 07 – Jaime Cubero e Maria Cubero.....	108-109
--	----------------

Imagem 08 – Jaime Cubero e Francisco Cuberos no sítio anos de 1990.....	110
--	------------

Imagens 09 – Carteira de Saúde de Maria Cubero de 1947.....	114
--	------------

Imagens 10 – Entrevista-encontro-conversa com Maria Cubero AGO/2014.....	115
---	------------

Imagem 11 – Dedicatória.....	126
-------------------------------------	------------

Imagem 12 – Jaime Cubero e Parmênides JAN/1972 no sítio.....	131
---	------------

Imagem 13 – Caderneta – início.....	133
--	------------

Imagem 14 – Caderneta – prova livre.....	134
---	------------

Imagens 15 – Caderneta – Encerramento.....	134
---	------------

Imagem 16 – Jaime Cubero / 29 de agosto de 1992.....	153
---	------------

Imagens 17 – Jantar – Seminário de Educação Libertária – SC.....	177
---	------------

*no ofício múltiplo
de sábio e sapateiro
um homem se cria
palmilhando pregos, sonhos,
lutas e sentidos
nascidos da dura dignidade da matéria*

*seu olhar de horizonte
abraça o perto que foge
em invisível delicadeza
e o que nos acena lá longe
como impossível e alheio
sendo nosso residente*

*no ouvir
acolhe o outro
que então se reconhece.
a palavra em alteridade
é maré de epifanias*

*convive com os bens simbólicos
que lhe chegam através das eras
como pássaros e constelações*

*cultiva estranhas flores no limiar dos abismos
na improvável praia pressentida
entre o horror, o cosmos, a radical liberdade
e a mais terna compreensão dos seres*

¹ REVISTA VERVE, 2008, p. 251-252

² Noção foucaultiana da vida como obra de arte.

³ O roteiro utilizado nas entrevistas, bem como os pontos da conversa com Maria Cubero, seguem no

Itinerário de formação: prenúncios da investigação

Toda vez que respondo à pergunta: o que me trouxe até aqui? Estou respondendo pelo meu destino, estou dialogando com potências que me formaram como sou.

Marcos Ferreira Santos &
Rogério de Almeida

Refletindo ao longo da investigação sobre minha própria trajetória, após já ter reorganizado minhas lembranças na construção do memorial (apresentado no exame de qualificação) compreendi melhor que a decisão de seguir com o mestrado não foi projetando um futuro, foi antes, um compromisso com um passado, com meu *itinerário de formação* (FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2012). Para compreender o olhar com o qual a investigação é construída, não basta observar as referências bibliográficas, é necessário compreender o percurso que a antecede.

A formação familiar; as brincadeiras favoritas; as interfaces culturais com o teatro e a dança; a relação com a escola e com a figura de professor – presente na escola e em casa; a participação em projetos autogeridos de *educomunicação*; pesquisas realizadas na graduação; e as experiências profissionais públicas e privadas: com questões ambientais, práticas administrativas; pesquisa de campo; docência; coordenação de projetos sociopolíticos; consultoria de negócios em uma instituição de fomento, etc. Contribuíram de forma vivencial para realização dessa pesquisa. Para uma identificação profunda entre quem pesquisa e o que se pesquisa.

O anseio em estreitar as ligações entre a biografia e a pesquisa é reconhecido por C. Wrigth Mills que desenvolveu essa possibilidade como método de pesquisa, intitulado *imaginação sociológica*, embora não seja restrito ao campo da sociologia:

É a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano – e ver as relações entre as duas. Sua utilização se fundamenta sempre na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam.

É por isso, em suma, que por meio da imaginação sociológica os homens esperam, hoje, perceber o que está acontecendo no mundo, e compreender o que está acontecendo com eles, como minúsculos

pontos de cruzamento da biografia e da história, dentro da sociedade.”
(MILLS, 1975, p. 13-14)

Exercitando a *imaginação sociológica*, um simples oscilar de canais na televisão, na leitura das manchetes de jornal, nos assuntos mais citados na internet, nas conversas dentro dos meios de transporte, nos bares e nas ruas, tudo denuncia a banalização da vida, a intensificação da coisificação do homem, um consumismo que consumiu o próprio sentido da existência. O descaso com o outro, com a natureza, a não percepção do todo. São aspectos da contemporaneidade, da violência e degradação desenfreada que nos assola.

No âmbito do ensino e da educação escolar – vivenciado como aluna, como docente e como membro da sociedade atual, de onde todos podem observar – é possível se deparar com um cenário onde, com raras exceções, os docentes já não conseguem estimular o desejo pelo conhecimento. Em muitos casos, isso ocorre pois esse desejo não foi despertado nem no corpo docente que passa a enfrentar seu ofício no mesmo patamar de outros trabalhos assalariados sem necessário engajamento, mas como mera forma de subsistência. Parece improvável um escrito dos anos de 1790 refletir tal situação, mas em Willian Godwin pode-se encontrar parte da justificativa de tais ocorrências:

Aquele que aprende porque deseja fazê-lo ouvirá as instruções que recebe e aprenderá o seu significado. Aquele que ensina porque deseja fazê-lo cumprirá suas tarefas com entusiasmo e energia. Mas no momento em que uma instituição política tomar a seu cargo a tarefa de indicar o lugar que cada homem deve ocupar, todos passarão a desempenhar suas funções com indiferença e preguiça.
(1981, p.248)

Somado a esse quadro de *indiferença e preguiça* que se torna cada dia mais nítido nas instituições de ensino públicas e privadas (e em diversas outras instituições e relações de trabalho), o ambiente escolar tem reencenado em sua estrutura os aspectos da contemporaneidade relatados acima. Isso se evidencia nos casos, cada vez mais recorrentes e alarmantes de violência de alunos contra professores e entre eles. Violência não só física, mas implícita em frases como: “Professor, você não tinha mais o que fazer em casa, porque você veio?”, “Sou eu quem pago seu salário. Que nota é essa que você me deu?”. O número expressivo de professores afastados por transtornos psíquicos, reabilitados que não podem ouvir o barulho do sinal da escola que entram em estado de pânico, são casos

frequentes. O apelo da sociedade de consumo e a incompatibilidade salarial da categoria de professores os direcionam à jornadas exaustivas de trabalho, 12 ou até 14 horas/dia, divididas em mais de uma unidade escolar. Cobranças de ordem meramente burocráticas totalmente desvinculadas da atividade de ensinar consomem os horários reservados para o chamado planejamento pedagógico. Tais circunstâncias constroem o exercício da docência, embora felizmente, apesar de todas essas limitações ainda haja alguma resistência. Ainda há quem vença esses obstáculos e realize trabalhos que resgatem sentidos e torna a aprendizagem um processo significativo e prazeroso ao docente e ao aprendiz.

Embora atual, nos relatos de Herbert Read, já está expressa a falta de sentido e a desumanização presentes na década de 1950 resultados de um longo caminho percorrido na educação formal. Nesse caso, ele indica uma educação artística, com base libertária, como possível solução para a retomada dos sentidos da existência:

As reivindicações cada vez mais energéticas para que seja dado um maior destaque à educação artística não são provocadas apenas pelo desejo de utilizar a arte como um meio de dar à criança uma personalidade mais equilibrada: a integração que se deseja obter é a integração da criança com o grupo e com a comunidade em que vive. Nunca nos atrevemos a pesquisar as possíveis ligações entre o estado caótico de nossa civilização e o nosso sistema de ensino. Se nossas escolas estivessem formando personalidades que pudessem ser descritas como equilibradas, integradas e harmoniosas, certamente não admitiríamos viver num estado de permanente desunião e desconfiança mútua. Deveríamos, portanto, reexaminar toda a nossa tradição de ensino desde a Renascença e ter a coragem de perguntar a nós mesmos se, de uma maneira geral, ela foi capaz de produzir indivíduos cuja serenidade lhes permitia viver harmoniosamente. É possível que nos víssemos forçados a admitir que na nossa exclusiva preocupação em acumular conhecimentos científicos, deixamos de cultivar as qualidades humanas ligadas aos aspectos emocionais e integrativos do ser humano e criamos monstros desumanos, alguns com órgãos de inteligência gigantesca e aumentados, outros completamente atrofiados. Não faço afirmações científicas: apenas constato que em certas áreas ainda não tivemos coragem suficiente para questionar as pressuposições de nossa tradição acadêmica e que ao mesmo tempo essas pressuposições estão claramente ligadas ao caráter de nossa civilização.” (READ, 1981, p. 264)

A partir dessas percepções aflitivas sobre educação e ensino na realidade escolar, buscava com o mestrado dar continuidade à pesquisa realizada na graduação sobre pedagogia libertária, que já tinha me alimentado com uma visão antagônica às ocorridas em salas de aula. E para recortar com clareza um objeto de

pesquisa, capaz de saciar meu desejo de propagar e aprender mais sobre essa vertente, foi sugerido por meu pai pesquisar sobre Jaime Cubero pois a partir de sua trajetória seria possível identificar as concepções e práticas libertárias de educação sem necessário vínculo institucional ou escolar.

Como Jaime Cubero faleceu em 1998, meu encontro com ele se deu pela leitura de seus escritos, entrevistas e outros textos que o citavam. Encontro de puro deleite. Apaixonei-me perdidamente pelas ideias, atitudes e pela forma como elas eram apresentadas, e com muito carinho e dedicação me debrucei para escrever o projeto de mestrado. Durante a elaboração do projeto me deparei com um número expressivo de pessoas do meu círculo de afinidades que conheceram Jaime Cubero, por meio do Centro de Cultura Social (CCS), e revelavam a importância dele em sua formação.

Por causa dessa constatação, comecei a frequentar as atividades desenvolvidas no Centro de Cultura Social e em especial no dia 25 de maio de 2013, houve um encontro intitulado: "Velhas Vozes Libertárias: Homenagem aos Antigos Militantes do CCS (Jaime Cubero, Chico Cuberos, Antonio Martinez, Diego Gimenez, Carlos Aldegheri, Virgílio Dell'Oca...)" no qual Miquelina Veiga e Marcolino Jeremias apresentaram algumas fotos, vídeos e entrevistas com esses militantes. Foi emocionante, e reforçou em mim a importância de resgatar a trajetória de Cubero. Durante a apresentação o Marcolino Jeremias disse "O Jaime era o dicionário anarquista (...) ele falava sobre tudo", e ressalta que com sua morte a militância perdeu muito. Não houve ninguém que desse conta do seu legado e que "há uma dívida muito grande com o Cubero, pois ele não teve tempo de escrever como gostaria, pois se dedicava o tempo todo ao movimento como seu porta-voz". Miquelina disse durante a apresentação: - "*Era muito agradável ouvir o Jaime*", e posso dizer: é muito agradável escrever sobre ele!

Entre 2013 e 2014 monitorei o núcleo da Palavra do *Lab_arte - Laboratório experimental de arte, educação e cultura* da FEUSP – a proposta foi realizar a leitura coletiva (em voz-alta) de contos anarquistas (ou de inspiração libertária) propiciando o espaço para criação de escritos individuais ou coletivos. Durante as discussões, quase involuntariamente, surgia a questão educacional (escolar, ou não), e o grupo reforçava a importância da pessoa "subversiva", que traz tanto a inquietação, como

aponta possibilidades de escolhas, de novos caminhos. Nesse processo de busca por conhecimentos sem uma finalidade utilitarista, efetivamente se dá o sentido da formação. Essa pessoa subversiva é aquele que assume o papel de mestre (GUSDORF, 1987). E vejo Jaime Cubero ocupando esse papel nos espaços por onde ele passou e nas pessoas pelas quais ele passou e ainda passa como lembrança ou leitura. É o caso da presença de Jaime Cubero, mestre, em minha própria trajetória.

Jaime Cubero se tornou inspiração sólida para uma *estética da existência*², uma vida plena de sentido em que o eu e o outro se encontram nas suas diferenças e semelhanças. Permitiu ampliar os horizontes da educação e da própria vida.

Escolhendo sementes

É necessário escolher sementes apropriadas para a realização dessa pesquisa que se propôs a compreender a trajetória de Jaime Cubero, por meio de suas práticas libertárias e seu pensar. Para tanto, as sementes: *trajetória*, *educação* e *vida* foram selecionadas e serão brevemente apresentadas dentro da ótica escolhida, para poder semeá-las no terreno das práticas libertárias.

Optei pela escolha de **trajetória** para apresentar a vida de Jaime Cubero, por acreditar que todos nós percorremos um *trajeto antropológico singular* (FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2012, p. 77-78). Uma dinâmica incessante de trocas entre o objetivo e o subjetivo. A trajetória implica a permanente tensão entre as esferas das sensibilidades e subjetividades frente ao objetivo e coercitivo impostos pelo mundo em que vivemos. Se por um lado não podemos escolher previamente o campo objetivo, podemos por meio do campo das sensibilidades e subjetividades alterar nossa maneira de mediar essa tensão interna e agir para alterar as condições dadas. Há, também, nuances no subjetivo pelo objetivo, não se trata de instancias impermeáveis. Portanto, esse trabalho não é uma mera descrição biográfica dos fatos ocorridos na vida de Jaime Cubero, mas a tentativa de iluminar os elos e nexos de sua trajetória, atentando para as escolhas realizadas, a atitude adotada e o legado formativo em que reside um dos principais ensejos da reflexão e da pesquisa.

² Noção foucaultiana da vida como obra de arte.

A questão da trajetória integral de modo muito forte, as filosofias existencialistas para as quais não é a essência que determina a existência, mas a existência que determina a essência. Encontramos em autores como Sartre, Camus e Simone de Beauvoir um desnudamento do universo coercitivo a partir do qual é possível o exercício da liberdade. Ainda nessa direção é possível lembrar Spinoza para quem a liberdade é consciência de necessidades – Somos tanto mais livres quanto melhor conhecermos o que não nos torna livres.

Educação neste trabalho é compreendida em seu sentido mais amplo sem associá-la, única e exclusivamente à escola, ou a uma instituição, mas como prática humana de compartilhar experiência e conhecimento (FÉTIZON, 1978) sobre a relação entre o que nos cerca (mundo objetivo), e o que sentimos (mundo subjetivo) propiciando o exercício reflexivo, sensível, autônomo e transformador. Educação e Cultura são termos que se complementam, pois educação seria o meio de transmitir a cultura e, ao mesmo tempo, de transformá-la e vice-versa.

As práticas libertárias de Jaime Cubero são importantes para a educação e para a **vida**, no sentido de transformação de ambas. Movimento que inclui e ultrapassa a educação formal e se constitui numa formação plena, individual e social.

Capitulando

Compartilho da metáfora largamente utilizada que compara o desenvolvimento do conhecimento ao desenvolvimento do *drama vegetal* (ORTIZ-OSÉS, 2003; FERREIRA-SANTOS, 2012; GUSDORF, 1987; entre outros). Utilizarei, portanto, essa metáfora do processo vegetal para acompanhar o desenvolvimento da pesquisa e para adentrar o jardim/pomar de Jaime Cubero.

A relevância da metáfora não se reduz, entretanto, ao seu papel de ampliação da compreensão dos fenômenos que queremos conhecer, apesar de ser primordialmente esse o seu papel. Não se reduz também a um estado anterior de gestação dos conceitos e leis científicas. A metáfora pode ser concebida também como uma operação do pensamento pautado pela mobilização do espírito diante do mundo (ALMEIDA, 2003, p.24)

Inicialmente, para um fortalecimento da sementeira-pesquisa, será necessário um capítulo com a **adubação teórico-metodológica (Capítulo I)** que assegure um crescimento mais nutritivo da pesquisa, fortalecendo-a contra os ventos impetuosos

do academicismo (JAPIASSU, 1976). Para tanto, evidenciaremos as fontes da pesquisa; os recursos metodológicos da história oral utilizada na coleta dos depoimentos; os impasses que surgem ao trabalhar com dados oriundos da lembrança/memória de pessoas; a pesquisa como forma de resistência ao esquecimento e aos apagamentos planejados da memória coletiva; e as inspirações interpretativas que guiam a pesquisa.

Faz-se necessário após escolher bem o terreno da plantação, um terreno com peculiaridades anárquicas e/ou libertárias, arar os conceitos a fim de minimizar as ervas daninhas que comprometem o seu desenvolvimento. Em **Arando conceitos (Capítulo II)**, iremos conceituar e delimitar algumas definições como: práticas libertárias, educação libertária, cultura e cultura libertária, entre outras noções primordiais para a compreensão da pesquisa, para observar o brotar de Jaime Cubero. Em *Brotando Jaime*, teremos uma breve apresentação de sua trajetória, de forma mais linear e cronológica, para o leitor que não o conhece.

Mas essa pesquisa precisa ser regada com água direta da fonte, fonte que transborda nos depoimentos, sem os quais teríamos uma pesquisa murcha, seca, sem vida. São os depoimentos-água que dão vivacidade à pesquisa e permitem seu crescimento para florescer as ideias oriundas desse percurso. Os depoimentos irrigaram todo o resgate da trajetória de Jaime Cubero em **Trajetória de Jaime Cubero, irrigada pelos depoimento (Capítulo III)** dividido em temas recorrentes em seus manuscritos e nos próprios depoimentos.

Em *Gerações em constante renovação (3.1)* veremos como o movimento anarquista une “velhos” e “jovens”. Jaime Cubero entrou no movimento como um “jovem” que ajudaria a manter o legado dos “velhos” militantes e partiu dessa vida como um dos “velhos” que buscou deixar um legado a ser seguido.

Em *O Centro de Cultura Social – CCS (3.2)*, espaço primordial da atuação de Jaime Cubero, buscamos remontar sua forma de atuação, seus conflitos e suas contribuições, por meio dos seus escritos e dos depoimentos colhidos na pesquisa.

Em *Princípios do movimento anarquista na perspectiva de Jaime Cubero (3.3)* ao invés de remontar os princípios a partir de autores clássicos do anarquismo,

voltamos o olhar para esses princípios na perspectiva deixada por Jaime Cubero – que se formou a partir daqueles.

A esfera sindical foi tema importante e vivencial para Jaime Cubero, em *Questão sindical* (3.4) faremos um breve panorama sobre suas considerações sobre o sindicalismo e suas vivências relacionadas ao tema.

Em *Jaime Cubero: uma referência* (3.5) selecionamos algumas das abordagens que o tornaram uma referência, pois possuía conhecimentos obtidos por sua erudição e vivências. Ainda nesse capítulo temos uma relação com parte dos eventos aos quais Jaime Cubero foi convidado como orador.

Nos movimentos sociais, incluindo o anarquista, e na própria academia há vários questionamentos sobre religião, em sua esfera institucional (igrejas) e na transcendente (sagrado). Por ser um tema recorrente nos depoimentos e encontrado também nos relatos de Jaime Cubero, compilamos algumas de suas posições em *Imanência, Transcendência e Religião* (3.6).

Além do Centro de Cultura Social, Jaime Cubero atuou em *Outros espaços de atuação* (3.7). Relatamos nessa parte algumas vivências que ocorreram na Chácara, no Sítio, e na loja Calçados Cuberos. Espaços onde o movimento anarquista se reunia para conversas, tomadas de decisão e até para guardar documentos e proteger pessoas da repressão militar.

Durante a pesquisa percebemos *A questão do feminino, do amor livre e da família* (3.8) tratadas de forma peculiar por Jaime Cubero. Para isso juntamos o relato do encontro com sua companheira Maria Cubero, trechos selecionados de seus escritos e dos demais depoimentos colhidos na pesquisa para esclarecer tais peculiaridades.

Jaime Cubero absorveu diversas influências a partir do seu autodidatismo, mas houve também a contribuição de pessoas que se tornaram *Referências para Jaime Cubero* (3.9) e nesse trecho iremos realçar as figuras que tiveram esse papel em sua formação.

Em *O cotidiano reforçando ideais* (3.10) pontuaremos os fatos que ao longo da trajetória de Jaime Cubero reforçaram sua ética e seus ideais anarquistas.

Embora possamos compreender que todas as coisas pontuadas até o momento possuem sua relação com a pedagogia libertária, em *Pedagogia libertária na trajetória e prática de Jaime Cubero* (3.11) iluminaremos os momentos em que Jaime Cubero desempenhou o papel de educador libertário e, com os depoimentos, verificarmos o que isso significou para os que tiveram contato com ele.

A pesquisa gerou flores-ideias, algumas foram organizadas em **Florescendo ideias (Capítulo IV)** que reúne as três dimensões da prática pedagógica de Jaime Cubero, como educador-narrador, educador-artesão e educador das escolhas.

Colhendo Frutos é um capítulo de encerramento que busca reunir os pontos de destaque da pesquisa, mas que diferentemente das conclusões que se fecham, contém em si mais sementes para serem replantadas.

Após os capítulos há uma **cronologia** que buscou desenhar as condições históricas onde Jaime Cubero fez suas escolhas, pois não seria possível dar conta desse universo dentro da própria pesquisa. Há também dois **apêndices**, um com o quadro de *participações de Jaime Cubero em eventos* aos quais era convidado a compartilhar seu conhecimento. E o outro, intitulado *Mitos de origem - narrativas dos começos* uma compilação de depoimentos colhidos fora do contexto da pesquisa, mas que vão ao encontro dos coletados e citados ao longo dela, com uma breve introdução para guiar a leitura sob a ótica do caráter formativo que as narrativas de origem possuem, dando o testemunho de uma vida. Nos **anexos** é possível acessar os roteiros de entrevistas que guiaram os encontros com os militantes Nilton Melo e Miquelina Veiga e os pontos da conversa-encontro com Maria Cubero.

CAPÍTULO I - Adubação Teórico-Metodológica

Cada pesquisa é única. Por mais que possa utilizar métodos compartilhados, a singularidade de cada pesquisador fará desse método uma apropriação única. A pesquisa, assim como a obra de arte, exige técnicas, porém é a prática que origina a técnica, uma vez essa técnica sistematizada, se torna método. Cada criação exige adaptações da técnica e novas linguagens nascem do entrelaçar de técnicas e métodos em sua experiência. Nessa pesquisa não é diferente, existem algumas metodologias que nortearam a sua elaboração, mas foi necessária certa confluência para atender os anseios da pesquisa e da pesquisadora.

Livros são importantes, teorias são úteis, quando se consegue estabelecer entre elas e a experiência um diálogo constante. Se a gente não se expuser a aprender com a experiência, estabelece-se com as teorias uma relação de subordinação, e o exercício acadêmico que se consegue realizar com elas não passa de retórica e repetição, novos discursos dentro da mesma lógica. (PEY, 2000, p. 75)

Nesta mesma perspectiva, outro elemento metodológico que, rapidamente, desliza para a questão ética da produção de conhecimento é a forma da escrita. Neste sentido, assumo aqui a necessidade da conjugação em primeira pessoa, à revelia da tradicional adoção acadêmica da voz impessoal em terceira pessoa (a velha voz em *off*, a "*voz de Deus*" teatral e inquestionável). Aqui sou precedida e autorizada por buscas muito próximas e alentadoras:

Não sei se é hábito escrever-se uma monografia de mestrado na primeira pessoa do singular - esta vai escrita assim, porque assim foi constituída. (FÉTIZON, 1978, p. 9)

1.1. Fontes de Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida a partir de algumas entrevistas cedidas por Jaime Cubero: uma realizada por Antonio José Romera Valverde em maio de 1989, que foi publicada parcialmente em 2007 pela Revista *Educação e Pesquisa*; outra cedida a José Maria Carvalho Ferreira em maio de 1997 que foi publicada em 2001 pela Revista *Utopia*; e a outra publicada pela Achiamé, com uma reedição da Imprensa Marginal que foi realizada em novembro de 1997 por Rodrigo Rosa da Silva e Leandro Marcio Ramos. Dentro do documentário "Escolas Modernas: Educação

libertária na São Paulo do início do século" do Coletivo Cinestesia, com a direção de Carlos Romani, Humberto Pimentel e Oldimar Cardoso, filmada em 1995, há também uma entrevista com Jaime Cubero sobre a educação libertária.

Além das entrevistas, alguns textos escritos por Jaime Cubero que já foram publicados, como "As ideias força do Anarquismo" na apostila do curso livre (que era ministrado no CCS) intitulados "Anarquismo: Atualidade e Reflexão" (s/d), ou "Reflexos da Revolução Russa no Brasil", publicado na Revista Libertárias (1997) e no Boletim do CCS (2007); "A organização específica" (1990); ou o Histórico do CCS, disponível até hoje na página virtual do Centro de Cultura Social. Outros não foram escritos por Jaime Cubero, mas transcritos de suas palestras, a exemplo do texto "Antimilitarismo e Anarquismo" que foi publicado na Revista VERVE do Nu-Sol - Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP (2002); "Razão e Paixão na Experiência Anarquista", publicado na revista Libertárias e divulgado pelo portal do Nu-Sol; e "Educação independente da escola" registro de um seminário que foi publicado pela editora Achiamé em 1996 ao título de "Educação Libertária: textos de um Seminário" organizado por Raquel Stela de Sá Siebert.

Após sua morte em maio de 1998, alguns depoimentos foram feitos em sua homenagem como o texto "A semente e a Estrela (adeus a Jaime Cubero)" de José Carlos Orsi Morel, ou o pequeno relato da historiadora Margareth Rago (IFCH - UNICAMP) sobre quem foi Jaime Cubero, ambos bem difundidos na internet.

Muitos também são os materiais e textos que ainda não foram publicados, como a correspondência entre Jaime Cubero e os estudantes a respeito de vários temas, a exemplo disso tive acesso a uma carta enviada à Jaqueline em 23 de maio de 1990 sobre o Amor Livre, em que ele faz um apanhado com base em informações daquilo que ele leu, participou e viveu do tema, e assim reúne em 5 (cinco) laudas uma belíssima abordagem do tema.

A maior parte do material não publicado, de textos do próprio Jaime Cubero, obtive pelas mãos do Parmênides Cuberos, seu sobrinho. Na primeira visita que fiz à sua casa ele confiou a mim os textos já digitalizados e conferidos.

Você vê que tem o original. É o que a gente está fazendo com a Christina [Christina Lopreato] e o Morel [José Carlos O. Morel]. Na verdade a ideia era fazer uma compilação dos textos dele. Então estávamos transcrevendo, já tem uma boa parte feita. Transcrevendo e corrigindo, comparando com os originais no intuito de fazer uma compilação. (PARMÊNIDES *apud* SANTOS, Dez/2013, p. 23)

Inclusive quando ele [Jaime Cubero] morreu, o Zeca [José Carlos O. Morel], eu [Parmênides] e o meu pai [Chico Cuberos] e a Christina foi quem organizou esse amontoado de coisa do jeito que está. Está tudo organizadinho aqui. (op. cit., Dez/2013, p. 31)

O acesso aos textos referidos foi fundamental para complementar o material bruto da pesquisa. Por meio deles é possível conhecer mais o estilo de escrita de Cubero, seus temas, etc. Muitos dos temas e algumas frases são recorrentes em textos com datas diferentes, demonstrando que algumas ideias são mais significativas, tais como: a própria pedagogia libertária e a necessidade de incorporar cotidianamente os princípios anarquistas como uma ética e uma moral que acompanham todos os atos humanos.

A riqueza dos materiais disponíveis: as cartas, boletins, textos, entrevistas escritas ou televisionadas, artigos de jornal, peças teatrais, material do CCS, têm um grande potencial para serem coletados e organizados como acervo, abrindo caminho para que outras pesquisas sejam realizadas.

Na publicação sobre o Acervo João Penteado, Doris Accioly e Silva e Luciana Eliza dos Santos já indicam o potencial de acervo de Cubero comparando-o ao legado de Penteado: “Legou à posteridade uma rica documentação, procedimento comum a muitos anarquistas, como Edgar Leuenroth e Jaime Cubero, comprometidos com a preservação da memória anarquista.” (2013, p. 190)

Para fazer o paralelo com as práticas pedagógicas libertárias utilizarei como base a pesquisa realizada na graduação (SANTOS, 2010) que aborda autores como William Godwin (1756-1836) que já idealizava uma educação pela vontade, Paul Robin, Sébastien Faure e Francisco Ferrer, já conhecidos e reconhecidos pela academia como os "elaboradores" da educação libertária, que desenvolveram experiências práticas entre o final do século XIX e início do século XX.

Durante a pesquisa foi possível colher os depoimentos a partir da metodologia da história oral de: Nilton Melo e Miquelina Veiga, militantes do CCS que conviveram ativamente com Jaime Cubero entre fim dos anos 80 e os anos 90; Parmênides Cuberos, sobrinho de Jaime Cubero; e Maria Cubero, companheira de Jaime.

Outros depoimentos, já publicados, foram aproveitados para ampliar as visões sobre Jaime Cubero, oriundos do livro "*Anarquistas: ética e antologia de existências*" do Nildo Avelino, que teve a oportunidade de entrevistar Francisco Cuberos Neto (irmão de Jaime); Maria Martinez Jimenez (cunhada de Jaime); José Carlos Orsi Morel (militante anarquista, amigo de Jaime). Publicações da revista VERVE, em especial edição 14 de 2008, com depoimentos de Nildo Avelino; Maria Oly Pey; José Maria Carvalho Ferreira; Guilherme Corrêa; e Edson Passetti. Outra publicação traz um depoimento do Edson Passetti sobre o Jaime, dentro do livro "*Anarquismo Urgente*" da editora Achiamé de 2007.

O uso dos depoimentos oriundos de outras fontes que não tinham por objetivo a atual pesquisa contribui para uma visão ampliada da repercussão do pensamento-ação de Jaime Cubero na formação das pessoas que com ele conviveram. Tal procedimento minimiza questionamentos sobre uma possível manipulação na mediação das entrevistas realizadas, pois há similitudes entre os dois tipos de depoimentos.

1.2. Metodologia para entrevistas

Como se trata de resgatar a trajetória de alguém que faleceu sem deixar sua biografia é necessário um resgate por meio da história oral (HOLANDA e MEIHY, 2010) que possa contribuir com os elementos que auxiliem na reconstrução de sua trajetória, com os relatos sobre suas atitudes, concepções e práticas cotidianas. Mesmo com acesso a uma possível biografia, não conseguiríamos captar essas dimensões somente com base em fatos datados e não necessariamente articulados entre si.

Considero coerente o uso da história oral, como método para obtenção de fontes orais. As entrevistas realizadas são parte expressiva da pesquisa, foram

planejadas desde o projeto e executadas com o intuito de expor uma faceta histórica não reconhecida fora da *comunidade de destino*. Como a pesquisa não se embasou somente nas narrativas orais, estamos num quadro de *história oral híbrida*. Todas as entrevistas foram *temáticas*, não sendo objetivo realizar a pesquisa por meio de *história de vida* (HOLANDA e MEIHY, 2010).

No caso da história oral híbrida preza-se o poder de “conversa”, contatos ou diálogos com outros documentos, sejam iconográficos ou escritos como: historiográficos, filosóficos ou literários.

[...]

Ao relativizar a força única da expressão oral, de maneira quase que natural, exige-se a equiparação dos argumentos derivados de entrevistas com outros emanados de diversas fontes. Nesses casos, o que vale mais é a força temática que tira a força da lógica da construção da narrativa oral. (op. cit., p. 129-130)

Sendo assim, os depoimentos orais obtidos na pesquisa são colocados em diálogo com os escritos do próprio Jaime Cubero e com outras referências que possibilitam ampliar essa conversa, enriquecendo-a. Outro ponto importante apontado pela metodologia da História Oral é a devolutiva à sua comunidade de destino. Nesse sentido compreendemos como comunidade de destino, a família de Jaime Cubero e os espaços libertários de uma forma geral, que tão logo finalizada a pesquisa, receberam o material produzido por ela.

A História Oral suscita a questão de que a fonte obtida estar baseada na memória/lembrança que é transmitida pela narração do outro, sendo assim, é fundamental compreendermos minimamente esse cenário, pois ele influi diretamente na própria intenção subjetiva da pesquisa: manter viva a história de Jaime Cubero e do que ela representa para um coletivo.

O discurso sobre a memória é muito antigo. Nenhum indivíduo poderia memorizar todos os títulos que, desde a Antiguidade até hoje, fazem referência à memória. Mas é importante sublinhar que esse tema não se identifica e não se esgota nem com o tema das artes da memória nem com os problemas da neurociência. (...) O tema da memória é muitíssimo mais amplo, aprofunda suas raízes no temor primordial que acompanha, há dezenas de milhares de anos, a história de nossa espécie e a vida dos indivíduos desde o período da infância. [o temor de ser esquecido] (ROSSI, 2010, p. 23)

A morte é um fato que a humanidade parece não aceitar, por isso, há um grande esforço em criar e acreditar em uma vida pós-morte ou na reencarnação.

Além da morte física, o que mais nos assombra é a morte pelo esquecimento. Não ser mais lembrado, não ter deixado um legado para as futuras gerações, a partir do qual as pessoas possam ser imortalizadas na lembrança dos demais é tão ou mais atemorizante que a morte em si.

Terezinha Bernardo (1993) aponta para as vantagens de utilizar um recurso metodológico para obtenção de fontes orais que amplia a compreensão do que se pesquisa:

Esse recurso metodológico permite talvez melhor que qualquer outro não apenas lidar com a dimensão subjetiva do vivido, como também como uma teia de significações que unem as vidas dos sujeitos. No entanto, o recurso à memória pode possibilitar muito mais, à medida em que permite descortinar situações conflitivas, discriminações, jogos de poder entre as pessoas e grupos sociais e processos como o de construção de identidades, uma vez que memória e identidade se encontram imbricadas. Isto significa que o processo de memorização possibilita reconstruir e redefinir continuamente as identidades tanto individuais como coletivas. (p. 24-25)

A contribuição já bem apreciada na academia do renomado trabalho de Ecléa Bosi (1987) ao trabalhar com os relatos de idosos acima dos 70 anos é importante para situar o registro do encontro com Maria Cubero e alguns relatos do próprio Jaime Cubero:

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecimento, não raro desmentido por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida (p. 01)

Essas bases metodológicas despertaram tantas possibilidades de pesquisa e investigação, que se tornaram, até certo ponto, um modismo, mas é necessário compreender os motivos da larga aceitação e apropriação dessa metodologia:

Por trás das modas, com frequência se escondem motivações muito sérias: a atual, esse interesse quase espasmódico pela memória e pelo olvido, está ligada ao terror que temos da amnésia, das dificuldades renovadas que se interpõem em nossas tentativas de

conectar num conjunto, aceitável de algum modo, o passado, o presente e o futuro. [isso é válido para indivíduos e coletivos] (ROSSI, 2010, p. 30)

Jacy Alves de Seixas (2009) resgata de Halbwachs a distinção entre memória e história, que vem ao encontro da afirmação de Rossi, citada acima:

À memória coletiva, Halbwachs confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que lhe possa ser útil para criar um elo entre o presente e o passado, ao contrário da história que constitui um processo interessado, político e, portanto manipulador. A memória coletiva, sendo sobretudo oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; a história é uma atividade escrita, organizando e unificando numa totalidade sistematizada as diferenças e lacunas. (p. 40)

A memória/história das ditas minorias tem sido resgatada pela sedução que envolve esse resgate, e devemos vigiar até que ponto nós nos colocamos como os interpretes dessas memórias, como "defensores" daqueles que foram negligenciados pela "grande" história; e quando a transformamos em História, será que não estamos nós assumindo esse caráter político e manipulador com que Halbwachs define a história?

A imagem de uma "história" que sufoca e mata as vivazes memórias particulares e locais irá exercer uma sedução enorme, vai combinar-se de forma variada a um difuso e persistente clima de polêmica anticientífica e disso irá alimentar-se. [...] O que poderia ser mais agradável (e mais "progressista") do que fazer-se interprete de todos aqueles dos quais a "história" é incapaz de se lembrar porque *não quis* se lembrar? O que existe de mais "alternativo" do que confiar, uma vez mais, como no período que precede a grande historiografia moderna, na memória dos indivíduos e na das pequenas e negligenciadas coletividades locais? (ROSSI, 2010, p. 28-29)

Tal preocupação é necessária, para não crer que "a pesquisa" seja a única possibilidade de validar essa história, antes o seu inverso, somente por meio dessa história é que valido a pesquisa. Mas há, sem dúvida, a intenção de disseminar uma história para dificultar o seu *apagamento*.

Os "apagamentos" do nosso tempo, ou seja, as *emendationes* do século XX não têm nada a dever às da época da Contrarreforma. Creio que todos temos diante dos olhos célebres fotografias de grupos de políticos em que um personagem caído em desgraça foi, com maior ou menor habilidade, apagado do grupo, na tentativa de eliminá-lo da história depois de ter sido eliminado moralmente e, na maioria dos casos, também fisicamente. A história do século XX, conforme bem

sabemos também quando tentamos esquecê-lo, está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha. Obras inteiras de história foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período; catálogos editoriais foram mutilados, assim como foram subtraídas fichas nos catálogos das bibliotecas; foram publicados livros com conclusões diferentes das originais, passagens foram retiradas, textos foram montados em antologias numa ordem favorável a documentar filiações ideais inexistentes e ortodoxias políticas imaginárias. (ROSSI, 2010, p. 33)

Dos depoimentos colhidos por meio das entrevistas, mesmo sendo essas temáticas e guiadas por um pequeno roteiro³ que buscava ancorar a conversa, transbordavam lembranças e memórias e constituíam uma relação entre *experiência-memória social-oralidade* que Doris Accioly e Silva (2005b) denominou de *depoimentos ressonantes*, em seu trabalho sobre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto:

Os depoimentos ressonantes aqui trazidos permitem perceber também um tipo de memória oral em que o sujeito-narrador é ultrapassado no ato da lembrança, deixando vislumbrar os quadros sociais [Halbwachs], ao mesmo tempo em que retorna sempre, como singularidade criadora. Há, portanto, um movimento de transcendência do particular, que é transmutado em universal, e um refluxo do eu como condição do mundo para lembrar Antônio Cândido. (p. 164)

Os depoimentos ressonantes, também foram utilizados na tese de doutorado de Doris Accioly e Silva (2005a), onde sintetiza de forma mais objetiva:

Eles mostram a ressonância de determinada experiência na vida dos sujeitos, para além dos limites cronológicos nos quais aquela experiência transcorreu. Desse modo, os depoimentos ressonantes transcendem as experiências subjetivas, puxando os fios do tecido social e histórico e recriam a atmosfera de uma época, os diferentes papéis que nela desempenharam os vários sujeitos sociais. (p. 82)

As memórias evocadas na pesquisa podem até iniciar-se com uma memória mais voluntária, pois todo entrevistado tinha consciência de que estava prestando um depoimento que serviria para um material de pesquisa, e nesse sentido, provavelmente, até por ter sido avisado com antecedência, preparou e organizou algumas lembranças a serem relatadas. Mas é nítido que em um dado momento, as

3 O roteiro utilizado nas entrevistas, bem como os pontos da conversa com Maria Cubero, seguem no anexo 1

memórias mais involuntárias surgiam *carregadas de afetividade, com suas totalidades emocionais e "charme" afetivo*. (SEIXAS, 2009, p. 47)

Jacy Seixas irá afirmar que *"a dimensão afetiva e descontínua relegada pela memória voluntária é a dimensão exilada que parte das ciências humanas tem buscado precisamente integrar, com o estudo dos mitos, das sensibilidades e paixões políticas, da imaginação e do imaginário na história"* (2009, p. 48).

A sensibilidade criadora referida por Accioly e Silva pode ser o que Seixas pondera sobre as memórias involuntárias: *é este trazer à tona que constitui o fundamento mesmo da memória, pois o passado que "retorna" de alguma forma não passou, continua ativo e atual e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, reatualizado* (SEIXAS, 2009, p. 48).

A memória introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente *atualizando-o*; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar de descontinuidade. (op.cit., p. 49).

Em especial na conversa/entrevista com Maria Cubero acentua-se a dimensão da descontinuidade e lacunas da memória Proustiana (SEIXAS, 2009, p. 49-50). Diferente das demais, não foi possível transcrever e obter um texto e a partir dele realizar uma análise como se faria com outros textos. Mas no caso da Maria, o que teremos não é a fala transcrita da Maria, mas o relato desse encontro, que busca resgatar as dimensões afetivas que carregava sua fala. As descontinuidades e lacunas, muitas vezes são associadas ao esquecimento, mas nesse sentido é preciso lembrar também que:

(...) O esquecimento não pode ser considerado somente um problema biológico (...) O esquecimento está ligado, é claro, a um trabalho cerebral, mas refere-se a processos nos níveis consciente e inconsciente, a um trabalho de linguagem, às atividades do dia-a-dia, às interações, à história, enfim. Quem esquece não é um organismo, um cérebro. Quem esquece é uma pessoa. (BRAGA, 2004, p. 596)

O esquecimento é complemento da memória, não necessariamente uma oposição. É a face não iluminada da memória, como nos diz Ricoeur, ainda ao falar da fenomenologia da memória:

Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento (...) não devem ser tratadas de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que passou antes que o transformássemos em memória. (p. 40)

Ainda como conclusão parcial, Ricoeur nos fornece um aparato com o qual podemos compreender a memória como fonte fidedigna para pesquisa:

Eu não queria concluir com essa perplexidade, mas com a resposta provisória que se pode dar à questão, que podemos dizer, da confiança e que a teoria da memória transmite à teoria da história. Essa questão é a da confiabilidade da memória e, nesse sentido, de sua verdade. Essa questão estava formulada no plano de fundo de toda a nossa investigação a respeito do traço diferencial que separa a memória da imaginação. No final de nossa investigação, e a despeito das ciladas que o imaginário arma para a memória, pode-se afirmar que uma busca específica de verdade está implicada na visão da "coisa" passada, do *que* anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. Essa busca de verdade especifica a memória como grandeza cognitiva. Mais precisamente, é no momento do reconhecimento, em que culmina o esforço da recordação, que essa busca de verdade se declara enquanto tal. Então, sentimos e sabemos que alguma coisa se passou, que alguma coisa teve lugar, a qual nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas. Chamemos de fidelidade essa busca de verdade. (RICOEUR, 2007, p. 70)

Os depoimentos colhidos, a partir da memória-lembrança foram transcritos para posteriormente serem analisados e interpretados. Não incluí os depoimentos na íntegra por sua extensão, trechos reflexivos e ou desconectados do tema. Optei por utilizá-los de forma recortada, conciliando-os com as falas do próprio Jaime Cubero, outras referências e minhas reflexões, para colocá-los em diálogo, como é a proposta da História Oral híbrida. Isso só foi possível porque, como Maria Isaura Pereira de Queiroz nos lembra:

a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer texto escrito, diante do qual se encontra um estudioso e que, ao ser fabricado, não seguiu forçosamente as injunções do pesquisador; (...) e não é por esta razão que devam ser afastados como menos úteis. Pelo contrário, constituem hoje, como constituíram no passado, a base mais sólida sobre a qual se erguerá o edifício da investigação. É sobre ela que se realizará o procedimento primordial de toda pesquisa - a análise. E análise, em seu sentido essencial, significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível

com a síntese que se busca. Assim, diante destas considerações, o escrúpulo em relação aos recortes das histórias orais e à sua utilização parcial se afigura nitidamente como um falso problema. (1991, p. 5)

1.3. Inspirações interpretativas

Optei por reconstituir a trajetória intelectual de Jaime Cubero e as implicações de sua prática no âmbito de uma pedagogia libertária, com base num exercício de interpretação simbólica (hermenêutica), em que se necessita "*do olho do geógrafo, do espírito do viajante e da criação do romancista*" (RICOEUR, 1994, p.309). Com algumas pinceladas do pensamento complexo de Edgar Morin, que na leitura de Maria da Conceição de Almeida compreende como insustentável dissociar razão e emoção no exercício intelectual:

No panorama científico, a depender sempre da relação entre o intelectual e sua psique, tem se operado em algumas teorias e em certos períodos históricos, a hegemonia da razão, e argumentado a favor da dissociação entre intelecto e emoção. Um tal argumento que se torna cada vez mais insustentável e carece de rigor, alimentou por muito tempo o paradigma da separação entre ciência, filosofia, arte e literatura." (2003, p. 28-29)

Entre as tradições do pensamento e práticas libertárias, às quais essa pesquisa busca ser fiel, a contribuição de Wiliam Godwin, a respeito da educação pela vontade é uma parcela significativa. Pois a vontade é o elemento que guia a investigação, pelo desejo do eu pesquisadora em realizá-la. Apesar de esbarrar no aparato burocrático que envolve o estudo dentro de uma instituição, muitas vezes cerceador desses impulsos.

O melhor método de ensino será, portanto, sempre que houver condições para praticá-lo, aquele que garanta que todos os conhecimentos adquiridos pelo aluno sejam precedidos e acompanhados pela vontade de adquiri-los. (GODWIN, 1981, p. 251).

Os depoimentos coletados durante a investigação trazem uma dimensão *experienciada* que não será passível de expressão, porém por meio de sua escrita procurei registrar, imprimir uma mensagem capaz de fixar tal discurso e conceder a ele sua autonomia semântica, destinada a todos os leitores potenciais (RICOEUR, 1976).

(...) para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre. Por quê? Porque estar junto, enquanto condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano. (...) o que é experienciado por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal e tal experiência para mais ninguém. (...) E, no entanto, algo se passa de mim para vocês, algo se transfere de uma esfera de vida para outra. Este algo não é a experiência enquanto experienciada, mas a sua significação. Eis o milagre. A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação torna-se pública. (op. cit., p. 27-28)

A investigação possibilitou apropriar-me não somente dos escritos de Jaime Cubero, mas também da significação das experiências relatadas nos depoimentos. A hermenêutica proposta por Ricoeur não possui a ambição romântica de compreender o autor melhor do que ele mesmo, mas de compreendê-lo a partir de seu horizonte, seu repertório, sua formação, numa fusão com essas dimensões do autor. E se há uma ambição nessa pesquisa é que ela possa possibilitar outras *Horizontverschmelzung*:

a apropriação nada tem a ver com qualquer tipo de apelo de pessoa a pessoa. Aproxima-se antes do que Hans Georg Gadamer chama de fusão de horizontes (*Horizontverschmelzung*): o horizonte do mundo do leitor funde-se com o horizonte do mundo do escritor. E a idealidade do texto é o vínculo mediador neste processo de fusão de horizontes. (Op. cit., p.105)

Se em Ricoeur temos a analogia aos *horizontes* que direcionam a interpretação e a escrita, Maria da Conceição de Almeida nos remete à *lente* com a qual o pesquisador enxerga sua pesquisa, seus dados e elabora seu texto:

Nenhuma interpretação do mundo e dos fenômenos é incolor, inodora, ingênua ou inconsequente. Por isso é melhor carregar nas cores que produzem vida, movimento e transformação do que nos limitamos ao retrato em preto-e-branco. Isso vale para as teorias científicas. Mais do que um conjunto de preceitos normativos que orientam o trabalho de pesquisa, as teorias e interpretações das quais nos valemos *a priori*, foram construídas por sujeitos de carne e osso, alimentados por suas crenças fundamentais, suas estruturas psíquicas, mais ou menos resolvidas. E quando descreveram e lançaram suas hipóteses a respeito da origem, da dinâmica e do devir dos processos que investigaram, foram sujeitos dotados de subjetividade que descrevem esses processos a partir do lugar de um observador, que vê o mundo

com o auxílio de uma complexa lente constituída por crenças, convicções e uma atitude psíquica.” (ALMEIDA, 2003, p. 32-33)

Estas formas de interpretação dialogam com a reconstrução de sentidos na contemporaneidade como forma de contribuir com a tradição do pensamento e práticas libertárias, possibilitando que os leitores possam a partir dela, caso se identifiquem – a partir de seus próprios *horizontes* e *lentes* – desfrutar de sua autonomia semântica para gerar as suas próprias interpretações.

CAPÍTULO II - Arando Conceitos

Quando a semeadura não é ocasionada pelo acaso, é necessário preparar a terra para receber as sementes. Da mesma forma, no mundo do conhecimento acadêmico, antes de colher flores e frutos da pesquisa, é preciso preparar o campo da pesquisa, arando os conceitos, eliminando as ervas daninhas que provocam distorções ou mal entendidos.

Passado quase um século do auge do movimento anarquista e suas propostas libertárias, bem como após centenas de trabalhos acadêmicos pelo mundo que abordam as várias facetas que os envolvem, ainda hoje, no senso comum, a palavra anarquia é sempre retratada como "bagunça", falta de ordem, de moral, de respeito, entre outras afirmações pejorativas. Sendo assim, cabe aqui ressaltar que ao tratarmos do movimento anarquista, nos referimos a um movimento que em sua essência busca o "não governo", a "não concentração de poder" buscando a autogestão a partir de pessoas autônomas em livre associação. Ao contrário do que diz o senso comum, para se chegar à autogestão, é preciso muita organização, respeito, apoio mútuo, realização de planejamentos a partir de debates exaustivos e muitas vezes acalorados e pouco harmoniosos.

No Brasil, o movimento anarquista chegou⁴ com os imigrantes italianos, espanhóis e novos portugueses, em especial no fim do século XIX e início do XX (DULLES, 1977). Um país dominado pela cultura escravista, não mudou sua forma de trato com os novos trabalhadores, seja no campo, nos portos ou nas indústrias que se iniciavam em especial em São Paulo e Rio de Janeiro. A articulação anarquista liderou os sindicatos que eram formados, criou espaços de resistência, formaram-se ateneus, grêmios, centros culturais e escolas. O movimento anarquista no Brasil tornou-se um movimento social extremamente importante, com conquistas históricas para os trabalhadores, como a maior greve já realizada em nosso país, a

⁴ Embora como forma de movimento social de massa, o anarquismo tenha chegado ao Brasil por meio dos imigrantes. Há pesquisas, como a de Pierre Clastres (1979) que indicam a presença de princípios do anarquismo (como rejeição ao Estado, apoio mútuo, entre outros) em nossa matriz Guarani. Devemos lembrar também que a Colônia Cecília no Sul do Brasil, foi uma comunidade anarquista autorizada pela monarquia como experiência de práticas coletivas de convívio e gestão, destituída pelos republicanos. Houve ainda entre os republicanos federalistas ideias próximas aos anarquistas e alguns republicanos se tornaram anarquistas, com o Edgar Leuenroth.

greve de 1917⁵. Apesar de tantas conquistas e realizações, a maioria da população brasileira não conhece o seu papel, poucos sabem dessas passagens em nossa história, o que demanda de todo pesquisador na área ao menos uma breve apresentação.

A partir da leitura do texto de Dulce Whitaker (2010) *A desinvenção da tradição: esquecimento e memória na História do Brasil - Ensaio de interpretação sociológica* foi possível encontrar uma possível explicação para o movimento anarquista ser mais uma das tradições que parece ter sido *desinventada* do imaginário brasileiro. Segundo a autora, enquanto na Europa e nos Estados Unidos há um impulso de astúcia e mistificação para construção e invenção de suas tradições, como o já clássico "A invenção das tradições" (HOBSBAWM; RANGER, 2006) no Brasil, temos a capacidade de *desinventar* as tradições, tirar da memória quase todos os atos políticos e culturais relevantes. Com um olhar sempre voltado ao futuro e aos acontecimentos externos não valorizamos o passado, mesmo que recente, nem as manifestações artísticas ditas populares, os patrimônios históricos e culturais. Por isso a necessidade de defendê-los e de tantos pesquisadores nas ciências humanas como um todo se empenharem em evidenciar a existência dessa riqueza que temos, mas que não se valoriza.

A história do movimento anarquista no Brasil da mesma forma foi esquecida, sua tradição *desinventada*, embora assim como as demais, ainda haja pontos de resistência da sua memória e da sua prática. No texto "A chama e o silêncio: memória e esquecimento das lutas anarquistas no Brasil", Doris Accioly e Silva (2010) explicita que não é *casual* o hiato entre os fatos ocorridos e as pesquisas sobre o tema anarquista que só se intensificaram a partir dos anos 80:

O crepúsculo das lutas coletivas anarquistas no Brasil e o ostracismo a que foi relegada a sua memória entre nós, até os anos 1960, têm várias causas: a pesada repressão que o próprio movimento sofreu do Estado e das "forças da ordem"; o declínio mundial das lutas autônomas dos trabalhadores nos anos 1920, culminando com a ascensão do nazi-fascismo e do stalinismo; o quadro nacional pós-revolução de 1930, com a vinculação dos sindicatos ao Estado e o corporativismo daí proveniente; a política da III Internacional (stalinista)

⁵ Para mais informações sobre a Greve Geral de 1917 ver tese de Doutorado da Prof. Christina da Silva Roquette Lopreato intitulada: O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917) apresentada ao departamento de História do IFCH da UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Edgar S. De Decca em agosto de 1996.

e suas ações repressivas contra os anarquistas, e, mais tarde, uma historiografia de direita ou realizada no espírito da mesma III Internacional. (p. 115-116)

Precisamos compreender um pouco mais das intenções desse grupo anarquista para entender os motivos de os Estadistas de direita ou de esquerda (numa métrica política que já não faz muito sentido, mas ainda é uma convenção utilizável) desejarem o seu esquecimento total.

O anarquismo pressupõe a liberdade individual e isso acarreta a convivência com a diversidade, pois uma pluralidade sem proporções existe entre pessoas realmente livres. Jaime Cubero irá ressaltar essa constatação em seu texto "As Ideias-força do Anarquismo": *o pluralismo que caracteriza o movimento anarquista é condizente com a natureza humana. A máxima igualdade é aquela na qual cada um possa exercer plenamente sua diferença.* (s/d, p. 08)

O que assegura aos libertários que essa convivência seria pacífica é uma fé de base próxima à rousseauniana⁶ de que o homem é bom por natureza, porém corrompido pelo estabelecimento da propriedade privada, que origina a desigualdade. Há, entretanto, uma diferença latente e exponencial entre aspectos do pensamento rousseauniano e o anarquista. Para Rousseau o Estado seria o responsável por equacionar a desigualdade, prever a liberdade dos homens e mediar os conflitos. Já os anarquistas estão convictos de que o Estado não é capaz de realizar tal tarefa, pois é um dos responsáveis pela manutenção da desigualdade entre os homens, assegurando sua própria existência. O Estado, nessa perspectiva, não se empenha no fomento à autonomia individual e social, antes ele estabelece elos de dependência com, e entre, os cidadãos, forçando-os a crer na extrema necessidade do próprio Estado.

Mas talvez não seja apropriado chamar de fé, o que nasce de uma constatação empírica, cotidiana e de uma prática histórica. Veremos, no decorrer da pesquisa, que os fatos ocorridos no cotidiano foram fundamentais para fortalecer a convicção de militantes anarquistas, como no caso do próprio Jaime Cubero.

⁶ Vale ressaltar que Rousseau é um autor aceito por uma parte dos anarquistas e totalmente refutado por outros. Inclusive por sua proposta educacional, que para muitos era totalmente demagógica, uma vez que Rousseau abriu mão da educação de seus próprios filhos.

Além das constatações cotidianas de seus militantes, outra posição, de cunho científico, reforçou as possibilidades de uma sociedade sem Estado, sem concentração de poder, que poderia ocorrer com base na solidariedade: foi a constatação de Kropotkin sobre o apoio mútuo:

Em seus estudos, Kropotkin observou uma tendência natural e instintiva tanto nos animais quanto nos homens de se agruparem, de se ajudarem mutuamente, não só por necessidade biológica mas também pelo gosto de estar junto, da “simpatia mútua” (expressão de Darwin). A cooperação experimentada através das gerações tornou-se “instinto permanente” (expressão de Darwin) e possibilitou o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das espécies, assim como o progresso da humanidade.” (LOPREATO, 2003, p. 563-564)

Christina Lopreato, ainda nesse texto, recupera as constatações apresentadas por Kropotkin de uma história que reforçou sempre os pontos de conflito humano – guerras e atrocidades – tudo que nos apartou ao longo dos anos. E a ausência de trabalhos históricos que relatem os pontos de união, as vastas experiências de vida comunal que ocorreram no mundo.

Pode parecer óbvio que um grupo que deseja uma nova sociedade e, por conseguinte, uma nova mentalidade, encontre na educação e na cultura a forma de desenvolver isso em profundidade e escala. É visível o “sucesso” de seu uso pela Igreja e pelo Estado como estratégia eficaz de manter o controle sobre os corpos e mentes domesticados para atender seus interesses. Os anarquistas buscaram na educação e cultura ao mesmo tempo ferramentas de combate à estrutura existente e de criação do novo.

De acordo com Flávio Luizzetto (1987) a educação passou por primordialmente duas fases no movimento anarquista: O primeiro período teria ocorrido entre os anos de 1840 e 1882 fortemente marcados pela participação de Proudhon e Bakunin. O segundo período, de 1882 até os anos 20 do século XX, teriam como militantes e pensadores do movimento anarquista, Kropotkin e Malatesta. O ano de 1882 seria o divisor de águas dos períodos por ser o ano de divulgação do Programa Educacional elaborado pelo Comitê para o ensino anarquista.

O primeiro período era caracterizado por realizar fortes críticas ao ensino que vigorava, ou seja, o dominado pelo Estado e/ou pela igreja, pois esse ensino só

reproduzia as formas de dominação. Período em que foram pautadas propostas genéricas para modificar a educação. Com a divulgação do programa deu-se início ao segundo período que já apresentava de forma mais clara o combate direto ao ensino instaurado, com uma opção para substituir o modelo existente, apostando no poder transformador da educação, desde que sustentada por bases igualmente transformadoras.

Muitos foram os trabalhos acadêmicos que dedicaram suas pesquisas à análise da pedagogia libertária de um ponto de vista mais institucional, ou seja, a partir das escolas, centros de cultura, ateneus, entre outras instituições culturais e educacionais, desenvolvidas nos moldes do programa educacional apresentado pelo "Comitê para o ensino anarquista", de 1882. Tal programa contou com a grande colaboração de Paul Robin, que já havia desenvolvido experiências educacionais no "Orfanato Prévost" na França. O Comitê buscou definir no "programa" uma compilação de princípios que deveriam ser adotados pelos educadores, baseado em experiências que já estavam ocorrendo, tendo então a certeza que era possível colocarem em prática tais preceitos. Vejamos o que diz o próprio programa sobre a atuação dos educadores:

Deveriam, em primeiro lugar, suprimir três práticas habituais nas escolas: a *disciplina*, os *programas* e as *classificações*. A disciplina, porque "gera a dispersão e a mentira"; os programas, porque "anulam a originalidade, a iniciativa e a responsabilidade"; as classificações, porque causam "a rivalidade, a inveja e o rancor". Uma vez suprimidas essas práticas, "o ensino", prossegue o documento, "deverá e poderá ser verdadeiramente:

- a) **Integral**, isto é, favorecer ao desenvolvimento harmonioso de todo o indivíduo e fornecer um conjunto completo, coerente, sintético e paralelamente progressivo em todos os domínios do conhecimento intelectual, físico, manual e profissional, sendo as crianças exercitadas nesse sentido desde os primeiros anos;
- b) **Racional**, isto é, fundamentado na razão e conforme os princípios da ciência atual, e não na fé: no desenvolvimento da dignidade e da independência pessoal, e não na piedade e na obediência; na abolição da ficção divina, causa eterna e absoluta da servidão;
- c) **Misto**, isto é, favorecer a co-educação sexual numa comunhão constante, fraternal entre meninos e meninas. Essa co-educação, ao invés de constituir um perigo, afasta do pensamento da criança as curiosidades malsãs, e torna-se uma ocasião para sábias condições que preservam e asseguram uma alta moralidade;
- d) **Libertário**, isto é, numa palavra, consagrar em proveito da liberdade o sacrifício progressivo da autoridade, uma vez que o objetivo final da educação é formar homens livres que respeitem e

amem a liberdade alheia” (KROPOTKIN, 1976, p. 200-201 *apud* LUIZETTO, 1986, p. 24)

Na própria pesquisa de graduação (SANTOS, 2010) já ressaltava que se, ainda hoje, no mundo ocidental, pensar em abolir práticas como a disciplina, os programas e as classificações parecem levar ao caos, transportando essa proposta para sua época em 1882, em que a educação (em sua maioria religiosa) era pura disciplina que seguia um programa fechado e servia para classificar os homens, isso significou modificar por inteiro uma estrutura, buscando na educação fonte para espelhar na sociedade outras formas de sociabilidade.

Ao invés da disciplina, era estimulada a cooperação, ou seja, o desenvolvimento de atividades em conjunto respeitando a liberdade de todos. Substituíam-se os programas por um meio, em que, cada aluno faria seu caminho de acordo com suas escolhas, sendo que, nesse momento o professor deveria apenas mediar o caminho do aluno ao conhecimento, fazer a apresentação das possibilidades de estudo e estar aberto a receber alternativas dos alunos, incentivando a originalidade. Uma vez sendo abolidos os programas, os alunos podem conquistar um saber único. Para os elaboradores de tal pedagogia, isso, ao invés de causar rivalidade ou inveja, traria à tona a individualidade e singularidade, assumindo que há diferenças, mas que essas não os classificam como superiores ou inferiores.

Também propuseram incluir nessa educação a interligação das diferentes habilidades físicas, manuais, intelectuais e profissionais no sistema **integral**; em um momento em que a distinção entre quem exercia trabalhos manuais e intelectuais separava os homens em classes, resultando numa distinção de tratamento.

A ideia de um ensino **racional** baseado na ciência afrontava a Igreja, responsável pela educação da época, que tinha por base seus dogmas, que justificavam a posição que cada homem poderia ocupar na sociedade, alegando um *querer divino* do sofrimento de alguns e da felicidade e sucesso de outros. Por isso, a religião foi considerada pelos anarquistas causa da servidão – ou de sua aceitação passiva.

Ousadia maior, para a época, foi propor seu caráter **misto**. Em um mesmo espaço, meninos e meninas recebendo o mesmo ensino. A coeducação sexual foi

um dos pontos mais inovadores, pois nessa época, as meninas das classes mais abastadas até podiam estudar, mas em colégios para meninas, nos quais o sexo oposto não poderia estudar, na maioria das vezes colégios de caráter confessional.

Francisco Ferrer amplia a questão da coeducação, não só para a questão de gênero, estendendo-a às questões sociais ou de classe. Desenvolve fortemente a necessidade de fazer conviver ricos e pobres, e de dar-lhes o mesmo ensino. Isso porque, se fosse uma escola só para desprovidos, esses iriam desenvolver o ódio para com aqueles que exploram e subjagam os outros. Por sua vez, uma educação só para ricos os faria querer, cada vez mais, assegurar seus privilégios. Fornecendo a ambos, ricos e pobres, burgueses e proletários, um mesmo ensino baseado na racionalidade, seria um meio de não reproduzir as desigualdades da sociedade de classes, sem antecipar ódios, amores, adesões ou rebeldias. (LUIZETTO, 1986 p. 27-28; GALLO, 1995, p. 196-197)

Libertário, dimensão moral da educação anarquista para o desenvolvimento da solidariedade, ensinar a amar a liberdade não somente sua, mas do outro. Mudando a perspectiva das competições e indo ao encontro da cooperação, do apoio mútuo de Kropotkin.

Após realizar a leitura de algumas pesquisas que abordam o tema da pedagogia libertária, base da pesquisa de graduação e, de certa forma, para esta pesquisa de mestrado, foi possível constatar como fomos condicionados pela "escola" e também por sua extensão acadêmica – a universidade – a manter o foco das pesquisas em uma visão da educação muito dependente da escola, da instituição, o que na perspectiva anarquista ou libertária, torna-se uma contradição latente. Como uma pedagogia, com bases em princípios libertários/anarquistas, totalmente avessos à institucionalização, vai justamente criar um "programa" para suprimir os programas? Combater a "escola", criando escolas? Lógico que isso seria uma constatação muito rasa, pois há sem dúvida diferenças essenciais entre um modelo e outro, principalmente no tocante à sua forma de gestão, de organização.

Maria Oly Pey demonstra que a diferença está na estrutura autoformadora:

A mentalidade anarquista tem sido autoformadora. Sempre se tem distanciado de confundir aquisição de conhecimento com disciplinas escolares, em classes acadêmicas, em instituições piramidais. Cada

vez que os anarquistas fizeram funcionar escolas, inventaram para elas uma prática educativa que fez revolucionar as estruturas e o funcionamento escolar. (2000, p. 67)

Ainda nesse texto a autora deixa claro o motivo da repressão das instituições quando um professor dentro de uma estrutura hierarquizada tende a modificar sua prática educativa, para uma prática anárquica:

(...) evidentemente a instituição reprime não porque possa causar danos pedagógicos na ordem dos discursos, ou seja, no funcionamento da tarefa de ensinar - argumento institucional imediato -, mas porque causa dano na ordem estrutural das coisas, isto é, no funcionamento da máquina hierarquizante. Dado que relações de poder hierarquizadas fomentam subjetividades que, no mínimo, consideram as hierarquias como integrantes naturais da ordem das coisas, anarquizá-las significa potenciar o surgimento e desenvolvimento de tipos de subjetividades outras, talvez singulares, talvez plurais, porém desestabilizantes da ordem hierárquica que, via de regra, constitui sujeitos e o seu histórico de sujeições. (p. 68-69)

Nessa pesquisa de mestrado, um dos objetivos foi acompanhar a trajetória de uma pessoa que expressava sua prática educacional e libertária cotidianamente, nos mais singelos gestos, com uma formação primordialmente autodidata e militância ativa. Jaime Cubero, personagem ímpar para o movimento anarquista, com uma ética e conduta integralmente voltadas aos princípios libertários, é, nesse trabalho, pesquisado na área da educação por compreendê-lo como um educador singular.

Para elucidar sobre o que chamamos de princípios libertários, farei uso das próprias palavras de Jaime Cubero, extraídas do texto *"As Ideias-força do Anarquismo"* (s/d), porém encontradas também no texto *"Razão e Paixão na Experiência Anarquista"* (2007):

O anarquismo não é uma doutrina rígida, com artigos de fé, tábuas de lei, com profetas, com excomunhões, processos de heresia e sanções. É antes um conjunto de doutrinas e princípios, cujos postulados básicos são convergentes, e sempre aberto às novas contribuições. Esses postulados básicos formam um fundo comum, que no amplo universo das múltiplas e alternativas atividades libertárias são o anarquismo propriamente dito.

O sentido de justiça e equidade, a revolta contra a exploração econômica do homem pelo homem, o combate ao Estado com a consciência plena de que é a instituição que garante o regime de exploração e o privilégio como fonte geradora de opressão e violência sobre o indivíduo e a coletividade, a liberdade como um dos mais altos valores humanos (liberdade e autonomia plenas a partir do indivíduo para a associação livre), solidariedade e apoio mútuo. (...) Combate a todas as formas de autoritarismo, combate a todo poder de coerção, a

tudo que restringe, limita, sufoca e asfixia o potencial criativo do ser humano. (p. 05)

Logo, quando estou retratando um personagem como Jaime Cubero, e afirmando que ele é uma pessoa que teve uma trajetória de práticas libertárias, é esse aspecto que reafirmo: sempre aberto a contribuições; com um sentido claro de justiça e equidade; contra a exploração econômica dos homens sobre os outros, ou do Estado; contra a opressão e violência de toda a ordem; contra o autoritarismo e todo poder coercitivo; lutando pela solidariedade e pelo apoio mútuo. Definir e detalhar cada um desses conceitos renderia outra dissertação ou tese, mas sua definição mais literal, já é o suficiente para sua compreensão no âmbito dessa pesquisa.

Durante o trabalho o termo *cultura libertária* será utilizado para expressar a prática e incorporação dos princípios libertários retratados. No campo antropológico há uma vasta discussão sobre o conceito de cultura. Em particular, aprecio o debate instaurado no trabalho de José Carlos Rodrigues em *Antropologia e Comunicação*:

Não existe rigorosamente A Cultura, que é apenas um conceito totalizador, um artifício de raciocínio; mas miríades de culturas, correspondentes à multiplicidade dos grupos humanos e a seus momentos históricos. A Cultura é uma abstração, um artefato de pensamento por meio do qual se faz economia da extraordinária diversidade que os homens apresentam entre si e com o auxílio do qual se organiza o que os homens têm de semelhante. (1989, p. 132)

Portanto, a cultura libertária seria apenas uma das miríades de culturas possíveis no universo humano. Sabemos que esse conceito de cultura possui suas armadilhas de rotular e generalizar um grupo que possuiu suas diversidades internas, suas heterogeneidades individuais, como o próprio José Carlos Rodrigues nos alerta (p. 165-172), porém sua utilização se dá na forma de pensar a vida em sua dimensão coletiva e simbólica, atribuindo à vida sentidos construídos, expressos e compartilhados por uma coletividade.

Porém, em alguns momentos *cultura* será mencionada sem um adjetivo, e nessa forma a tratamos como o campo da *criação, da transmissão, da apropriação e da interpretação dos bens simbólicos e das relações que se estabelecem* (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012, p. 14). Em que sua criação e transmissão possam ocorrer por meio de manifestações artísticas: teatro, poesia, pintura,

literatura, a fim de que seus interlocutores possam se apropriar e realizar suas interpretações a partir de suas bagagens, iniciando novamente o ciclo com suas criações. Nessa esfera há um campo vasto para pesquisa, mesmo se restrito ao envolvimento anarquista no campo artístico-cultural, pois foi para seus militantes uma forma de propagar sua cultura libertária, e desta forma, constituir trajetórias autoformativas de valor educacional inquestionável.

A produção literária no movimento anarquista - alvo do belo trabalho organizado por Antonio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman (1985) – é uma rica demonstração do uso da cultura como resistência, luta, e criação.

Longe do andamento figurativo e esquemático do romance humanitário aberto às teses anarquistas (heróis redentores, moralismo purificado, humanismo artificial do *locus amoenus*), impunha-se o registro da opressão cotidiana que transformava a palavra em instrumento de sobrevivência, experimentando a narrativa curta na percepção do flagrante ou reinventando o teatro pedagógico de ação direta. (op.cit., p. 11)

Michael Parenti (2007) alimenta o debate sobre Cultura, mostrando seu lado arquitetado que não deve ser observada como um elemento neutro:

Nas ciências sociais acadêmicas ensina-se aos estudantes a pensar a cultura como algo que representa os costumes, os valores e as práticas acumuladas por uma sociedade, incluindo sua linguagem e sua arte, suas leis e religião. Tal definição soa muito bonita e neutra, porém a cultura é qualquer coisa, menos neutra. É algo mais que nossa herança comum, que o aglutinador social de nossa sociedade. O pensador político do século XVIII, Edmund Burke, referia-se a ela como o vínculo imponderável de consenso que mantém unida a sociedade. Porém a cultura além de ser um campo de consenso, também o é de conflito. Enquanto alguns de seus atributos são compartilhados por todos os membros da sociedade, outros não o são. Muitos costumes operam em benefício de algumas pessoas em particular em prejuízo de outras. Em outras palavras, a cultura frequentemente é algo que envolve privilégios e desigualdades. No século XIX os alemães cunharam o termo *Kulturkampf*, que com o tempo passou à língua inglesa e que literalmente significa, “luta da cultura”. (p.15 – Tradução livre Doris Accioly e Silva)

A escola de Frankfurt, a partir da junção de elementos teóricos de Freud e Marx elaborou uma crítica radical do que denominaram de *indústria cultural*, desvendando os processos manipulatórios presentes na fabricação e na reprodução de bens culturais na sociedade capitalista, processo esse ligado à alienação e a perda de autonomia social e individual também no campo na cultura.

Michael Parenti ainda nos alerta que o que chamamos de “nossa cultura comum” é na realidade a transmissão seletiva dos valores da elite dominante que busca justificar os seus privilégios alegando uma condição cultural como se fosse natural e imutável.

A cultura não é uma força abstrata que flutua no espaço e desce sobre nós, embora dadas as formas aparentemente subliminares em que nos influencia pode parecer algo oblíquo e incorpóreo. Em resumo, nós recebemos nossa cultura através de uma estrutura social, de uma rede de relações sociais que implicam outros grupos primários, tais como a família, e outras associações comunitárias ou, como é cada vez mais frequente, através de instituições formais como as escolas, os meios de informação, as agências do governo, os tribunais, as corporações, as igrejas, e o exército. Ligadas por relações comerciais ou por persuasão aos interesses dos que dominam a sociedade, tais instituições sociais se apresentam enganosamente como politicamente neutras, especialmente por parte dos que ocupam posições de mando dentro delas ou se beneficiam das mesmas. (op. cit., p.16 – tradução livre Doris Accioly e Silva)

Percebendo isso, os anarquistas foram ao combate para recriar essas concepções, em todos os níveis da estrutura social, criando e disseminando sua cultura libertária na prática. Dentro do cipoal em que se encontram os conceitos de cultura e educação, é necessário insistir que a ação pedagógico-cultural dos anarquistas era a arma para o embate direto contra a cultura estabelecida e também a base que sustentaria a criação da nova sociedade:

Essa cultura de combate também se realizava na imprensa operária, nos centros de cultura social, no teatro, na poesia e até mesmo em obras científicas, como as de Élisée Reclus e Kropotkin. Tais práticas culturais e pedagógicas marcam um raro momento em que as classes trabalhadoras moldaram uma reflexão e um conhecimento próprio, inseparáveis das formas autogestionárias de suas lutas. A fecundidade da educação ácrata se expressa privilegiadamente na intensa criação teatral e literária, na imprensa, na proliferação dos centros de cultura, vividos como modo de ser da educação, essenciais à formação dos trabalhadores e anunciadores da futura sociedade anárquica. (ACCIOLY e SILVA & SANTOS, 2013, p.193)

Nessa direção a tese de doutorado de Rodrigo Rosa é elucidativa no que diz respeito às concepções de ciência, conhecimento e educação entre os libertários com destaque aos espanhóis.

Para além de um discurso de busca da “verdade” pela ciência, os anarquistas visavam fazer descer o foco central da ação política, virando do avesso as relações sociais estabelecidas, empoderando os trabalhadores e explorados, dando-lhes ferramentas que lhes

permitissem sair das garras da igreja e da dependência dos patrões e de seus “especialistas”, cientistas e “sábios”.

(...)

Ao “politizar” a ciência, ou melhor, exigir um posicionamento dos intelectuais e cientistas, os libertários mantiveram sua crença na ciência, mas não naquela falsa ideia construída pelos poderosos de que o pensamento científico está acima ou fora das disputas políticas, e sim aquela ideia própria dos anarquistas de que a ciência em si é política e por isso um espaço privilegiado de disputa e de luta. (SILVA, 2013, p. 90)

Os anarquistas de uma forma geral são apreciadores de uma ciência viva, observável, bela, e em constante movimento, cada olhar e cada palavra pode conter uma nova descoberta, que não necessariamente invalide a anterior. Na correspondência de Élisée Reclus é possível verificar tais concepções de forma clara, não só no ponto de vista da ciência, mas de como ela deve ser apresentada às crianças:

A Ciência deve ser algo vivo; caso contrário, não passa de ciência escolar miserável (...) A grande arte do professor, tanto de geografia como de qualquer outra ciência, consiste precisamente em saber mostrar tudo completamente e de vários e infinitos pontos de vista, a fim de conservar sempre o espírito estimulado e facilitar incessantemente novas conquistas. (RECLUS, *apud* CODELLO, 2007, p. 196)

Reclus, em uma carta datada de 1881, faz suas críticas ao uso de livros escolares na formação das crianças. Aponta como esses livros podem cercear o pensamento e a criatividade da criança. Tais livros carregam uma verdade dada, irrefutável que se torna um *alimento morto*, pois se apresenta como algo já findado, a que nada mais pode ser acrescentado. Acredita que o professor possa fazer uso desses livros para seu estudo comparativo, para levantar as diversas possibilidades de compreensão que deverão ser transmitidas às crianças como algo vivo.

Para fazer a ciência viver, é necessário que a própria criança a viva, que acredite nela, por assim dizer, que a renove incessantemente e escute a cada uma de suas palavras como uma descoberta. RECLUS, *apud* CODELLO, 2007, p. 197)

Tais posicionamentos sobre a ciência foram debatidos por vários anarquistas. Kropotkin declarou “No dia em que as letras e as ciências se virem livres da escravidão mercenária tomarão o seu verdadeiro lugar na obra do desenvolvimento humano” (2011, p.93). Malatesta por sua vez afirma que não é a ciência que faz diferença entre os homens, mas os homens ao fazer uso dela:

A ciência é uma arma que pode servir tanto para o bem quanto para o mal; mas a ciência ignora completamente a noção de bem e mal. Assim, não somos anarquistas porque a ciência nos ensina a sê-lo; o somos, entre outras razões, porque queremos que todos possam usufruir das vantagens e dos prazeres que a ciência proporciona. (1984, p.46)

A atuação anarquista no campo da criação artístico cultural foi igualmente expressiva, no entanto, como bem pontuado por Prado e Hardman (1985), o objetivo não era profissionalizar o militante como artista, a causa atrelada à mensagem a ser transmitida era mais relevante do que sua forma:

Antes de mais nada, é preciso assinalar que o escritor libertário não é um escritor profissional e que, da sua perspectiva, a obra é produto muito mais da experiência coletiva do que propriamente o resultado de uma elaboração estética. No caso de seu trabalho, o que importa não é o texto e sim a decisão militante que repercute no gesto de escrever, o que leva a concluir que, para o anarquista, o impulso criador vale mais do que a própria obra. (p.15)

Além da não profissionalização artística dos militantes, para os anarquistas a arte não deveria ser privilégio nem de acesso, nem de produção. Não eram poucos os casos que os contos e outros escritos eram assinados anonimamente ou como *espírito popular, ou alma coletiva*, pois eles valorizavam o indivíduo enquanto pertencente a um coletivo, um povo:

(...) para os anarquistas as obras mais expressivas são aquelas que não têm autor conhecido, ou melhor: aquelas cujo autor se chama espírito popular, ou alma coletiva. A esse propósito, cabe lembrar a preocupação dos militantes do jornal Revolução em divulgar aos trabalhadores, em 1922, a ideia de que a arte libertária contemplava a existência simultânea de duas modalidades de artista: o artista-povo e o artista-indivíduo, que se alternavam numa atividade complementar de influência recíproca. Ou seja: só era possível a existência de indivíduos-artistas porque antes deles já existia um povo-artista. Daí a função pedagógica dessa arte-síntese que se interpõe entre o presente e o passado da humanidade, articulando luta e liberdade rumo à perfeita harmonia para a qual os anarquistas acreditavam estarem todos os homens destinados. (op., cit., p. 17)

As posições que Prado e Hardman compartilham a partir da pesquisa e análise dos contos anarquistas, já estavam presentes nas contribuições libertárias de Herbert Read (autor anarquista muito apreciado por Jaime Cubero) em seu texto “Uma abordagem estética da educação”, escrito no ano de 1955, busca posicionar o lugar da arte em nossa sociedade:

Em todas as tentativas que fizemos para definir o lugar que a arte ocupa na sociedade, lutamos continuamente contra a ideia de que a arte é algo não natural, de que o artista é um indivíduo raro e excêntrico, que tem muito pouco a ver com o homem comum. Mas só os grandes artistas é que são diferentes, só o gênio é que é excêntrico. A apreciação da forma, a percepção do ritmo e da harmonia, o instinto capaz de criar coisas belas e funcionais – essas são as características normais do ser humano, inatas mais do que adquiridas e que certamente estão presentes na criança desde os primeiros anos de vida. Ensinamos arte às crianças – ou talvez nem cheguemos a fazê-lo – mas não percebemos que as crianças são, de qualquer modo, artistas. Tão inevitável como o fato de que caminham, cantam, falam e jogam, elas são também artistas. A arte é apenas um dos métodos que os homens utilizam para expressar-se – o método que lança mão do traço expressivo, da cor expressiva ou da forma plástica. (1981, p. 258)

Retomando a contribuição de Spinoza de que *somos tanto mais livres quanto melhor conhecermos o que não nos torna livres* fica mais clara a preocupação dos anarquistas em compreender o que é o poder em todas as suas formas, desde a vida familiar, o Estado e a grande empresa. No que diz respeito à educação, os anarquistas construíram, nessa perspectiva, a crítica prática radical da educação estatal e capitalista, criando as escolas libertárias, para minimizar essas instâncias que nos tornam *menos livres*.

É preciso lembrar também, que a corrente anarquista comunista (LUIZETTO, 1987) foi a vertente que mais influenciou as práticas libertárias no Brasil e o próprio pensamento-ação de Jaime Cubero. Tendo como maiores expoentes Kropotkin e Reclus, com o princípio do apoio mútuo, a partir da comunhão indissociável do plano individual e coletivo:

O reconhecimento do outro como seu igual está na base da moral de Kropotkin, que assegura não ser necessária a coerção numa sociedade de iguais. Num regime igualitário “o homem poderia guiar-se apenas pela sua razão, a qual desenvolvida nesse meio social receberia necessariamente o cunho dos hábitos sociáveis desse meio. E assim poderia facilmente atingir a plena evolução de todas as suas faculdades, a íntegra expansão da sua individualidade” (LOPREATO, 2003, p. 568)

Segundo Castro (2010) foram esses mesmos princípios da ação direta e do apoio mútuo que nortearam o agir dos trabalhadores rumo a elaboração de suas próprias escolas que:

Conforme os princípios libertários, que rejeitam todas as formas de competição ou coação, seu objetivo fundamental se constituiu em

capacitar cada aluno a ser o principal mestre de si, abolindo as avaliações para que não sofressem o opróbrio dos incapacitados ou os louros da vitória, capazes de desenvolver sentimentos de superioridade que comprometeriam a ética libertária. (p. 32)

Tal posicionamento, que está contido também em Francisco Ferrer, se compromete com o mistério do conhecimento científico a serviço do homem, não o contrário. Mesmo ocupando uma posição de destaque na formação dos indivíduos, a razão significou somente uma das facetas dos seres humanos, à qual deveria ser somados os desejos e emoções. (CASTRO, 2010, p. 39)

Em síntese, a pedagogia libertária deveria despertar a sensibilidade dos trabalhadores para o caráter integral dos seres humanos, superando as diferenças entre trabalho intelectual e manual. Ultrapassando o simples objetivo de capacitar operários adequados ao sistema produtivo, proporcionaria, por sua natureza, uma instrução integral capaz de oportunizar a análise da sociedade capitalista ao integrar o exercício intelectual das salas de aula à prática nas oficinas. Mostrando que qualquer proposta pedagógica inscreve-se em um projeto social, sendo construída no real e não nos livros. Pelloutier nos orientou para a constatação de que um movimento social autônomo depende da aplicação de propostas educativas autônomas, capazes de instruir para prática da autogestão das tarefas cotidianas.” (op. cit., p. 47)

Na concepção dos anarquistas o trabalho é uma forma do indivíduo utilizar o máximo de sua capacidade, criatividade e habilidades contribuindo para o coletivo. Esse tipo de trabalho em nada seria uma exploração. O fato de o trabalho ter uma abordagem integral (força braçal e intelectual não dissociada) de possuir um sentido claro da sua necessidade ou colaboração coletiva livremente escolhida e executada, dispensaria o controle externo. Cada indivíduo autogere suas atividades. A reciprocidade entre os indivíduos ocorreria no plano coletivo segundo a máxima de Kropotkin “a cada um segundo suas necessidades, de cada um segundo suas possibilidades”.

Para que os trabalhos fossem realizados a partir da livre escolha, era necessário que anteriormente as pessoas pudessem conhecer as possibilidades para efetuar a escolha. Portanto, a proposta pedagógica libertária incluía a instrução nos diversos ofícios, para que desde a infância fosse possível ter contato com as diversas possibilidades e ir desenvolvendo e aperfeiçoando as de maior afinidade. Logo “a especialização deve vir depois de uma educação geral em que sejam

incluídos tanto a ciência como os trabalhos braçais e busque a formação de pessoas completas” (MORIYÓN, 1989, p.23). Com base nesses preceitos, CASTRO irá contrapor a educação técnica à concepção anarquista de politecnia, já presentes em Proudhon:

Contrapondo a educação tecnológica oferecida pelo Estado, que compreende o trabalho como um fim, a politecnia da aprendizagem o identifica como um meio, conectando pedagogia e luta revolucionária. Dedicada à formação de trabalhadores conscientes, inverte a lógica da ascensão social pela educação, colaborando para o florescimento de uma sociedade em que a autoridade coercitiva seja substituída por um processo de decisões que não aliene os indivíduos. (2010, p.47-48)

Após essa conceituação necessária para arar o terreno da pesquisa já é possível observar o brotar de Jaime Cubero. A seguir uma breve apresentação de sua trajetória que posteriormente será detalhada com as contribuições dos depoimentos.

2.1. *Brotando Jaime*

Minha avó materna quando chegou de São Paulo botou as mãos na cabeça e disse: Puxa vida, agora que tinha demorado um pouco mais vem dois!". A outra avó disse: "Não se preocupe, um está morto, só vai ficar um". Esse que estava "morto" era eu, não sabiam o trabalho que eu ia dar.

Jaime Cubero

Na própria fala de Jaime Cubero encontro as justificativas para seguir a pesquisa, e tentar diminuir a dívida que temos com ele, para que sua prática não desapareça como a de tantos outros a cujas histórias e trajetórias não tivemos acesso:

Não vou descrever a militância em detalhes. O pessoal quer que eu escreva minhas memórias, se eu tiver fôlego vou fazer alguns registros. Apesar de ter muita gravação por aí, às vezes as pessoas desaparecem. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 21).

Valverde: Você já pensou em assentar no papel tudo que você sabe, pensou e viveu como militante libertário?

Jaime: Já cheguei a pensar e às vezes me dá vontade de começar a fazer um registro, mas até agora não parei para fazê-lo (...) **Eu poderia até escrever mais, refletir e produzir mais, mas só tenho escrito quando sou solicitado a fazer.** Tem uma parte de minha função aqui no Centro de Cultura que é burocrática, então mantenho a

correspondência em dia, e artigos vou produzindo aos poucos.
(CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 407 – grifo meu)

Infelizmente não houve tempo, Jaime Cubero se dedicou muito a escrever tudo o que lhe era solicitado, pesquisar o que as pessoas gostariam de compreender melhor, fazer palestras, etc., mas não pode registrar suas memórias. Isso não poderei resgatar, mas o que pretendo é utilizar seu próprio material e os depoimentos sobre a sua pessoa, para remontar uma trajetória que foi, sem dúvidas, uma trajetória de práticas libertárias para a educação e para a vida.

Jaime Cubero nasceu dia 5 de abril de 1926 em Jundiaí e faleceu em São Paulo no dia 20 de maio de 1998. Perdeu o pai muito cedo e vindo para São Paulo para se tratar de uma enfermidade criou amizade com o filho de um espanhol e pouco a pouco, por meio dessa família que conhecerá ainda na infância, foi tendo contato com as ideias anticlericais e anarquistas de uma forma geral.

Começou a trabalhar em uma fábrica antes de completar 11 anos e teve que abandonar o estudo formal em virtude do trabalho. Aprendeu o ofício de sapateiro com os tios, foi jornalista no "O Globo" e após se envolver em uma greve foi demitido. Durante o período do regime militar de 1964 volta a trabalhar com sapatos, em uma loja da família.

Sua militância no movimento anarquista desde muito jovem ficou ainda mais forte quando aos 18 anos assumiu o cargo de Secretário Geral do Centro de Cultura Social e foi sempre reconduzido ao cargo até 1954 quando muda para o Rio de Janeiro onde morou por 10 anos.

O Centro de Cultura Social - CCS foi fundado em 14 de janeiro de 1933 em São Paulo, retomando os ideais de outras entidades anarco-sindicalistas e libertárias existentes no início do século XX. Segundo Cubero:

(...) cada associação, união, liga, ou como se chamasse a entidade profissional fundada, procurava criar seu centro, ateneu ou grêmio cultural, transportando para o Brasil a prática do Movimento Libertário europeu e a preocupação permanente dos anarquistas com a educação e a cultura. (2012, p.1)

O CCS assim como outros centros libertários sempre se propôs e mantém o desenvolvimento de atividades sociais:

(...) apoio às lutas das comunidades participando sempre a favor da autogestão e contra a manipulação de partidos políticos; incentivando a cultura e a educação libertária, organizando palestras, cursos, festas, cinema, teatro, bibliotecas e tudo o que a criatividade num espaço não reprimido possa germinar. (op. cit., p.5)

A participação de Jaime Cubero na área da educação se deu de várias formas. Sua prática pedagógica estava sempre calcada na perspectiva libertária, em todas as palestras, peças teatrais, orientação às pesquisas acadêmicas ou não, nas conversas dentro do CCS ou mesmo em sua casa, tudo gerava momentos de troca de conhecimento, momentos de vivência e construção de saberes.

Para exemplificar o que é a educação libertária aproveito as palavras de Maria Oly Pey: *por educação libertária, entendo todas as experiências educativas queensem e vivam a liberdade, a solidariedade e autogestão entre indivíduos e grupos, com vista à sua autonomia e autoformação* (SIEBERT, 1996, p.9).

Jaime Cubero passou pelo golpe de 1930, por toda a Era Vargas, pela Constituinte de 1946, pelo período pós-segunda Guerra Mundial, pelos governos Juscelino, Jânio Quadros e João Goulart, O golpe e a ditadura militar, a redemocratização, o desenrolar da constituição de 1988, o plano real, acompanhando também todas as mudanças no cenário internacional. Para melhor contextualização dos cenários que cercaram a vida de Jaime Cubero, ao final do trabalho está disponível uma cronologia com fatos ocorridos dentro e fora da conjuntura do movimento anarquista.

Por falta de oportunidade para seguir seus estudos, Jaime Cubero só teve 3 anos de ensino formal, concluindo o primário aos 10 anos de idade. Não fez o 1º ano por falta de vaga e foi matriculado direto no 2º ano primário. Tornou-se um autodidata que teve importante contribuição na formação de vários estudiosos e militantes antiautoritários, igualmente nos meios universitários e estudantis de forma geral, orientando informalmente inúmeras teses sobre a história das lutas sociais no país e a própria pedagogia libertária.

Accioly e Silva (2011) constata a importância de compreendermos a pedagogia libertária, principalmente por suas experiências que conciliam conceitos e práticas, separados em uma configuração formal e tradicional de ensino:

A paixão pedagógica dos anarquistas, sua aplicada dedicação ao ensino e às outras atividades culturais, a criação de uma prática teórica simultaneamente social e política, educacional e cultural, inseparável da forma de suas lutas, são ângulos ainda pouco explorados pelos estudiosos da educação e constituem pontos importantes para a compreensão crítica de nossas próprias dificuldades como educadores. (p.101)

Essa *paixão pedagógica* pode ser observada por meio da trajetória de Jaime Cubero. No entanto, Jaime Cubero dizia que *"o anarquismo tinha que ser primordialmente vivido e não explicado"* (apud MOREL, 1998, p. 1) e ele o viveu intensamente.

Para Jaime Cubero a definição de anarquismo é *"um conjunto de postulados gerais e convergentes, derivados de algumas ideias-força fundamentais como a liberdade, a responsabilidade e o antiautoritarismo"* (CUBERO apud MOREL, 1998, p. 2). Mas Jaime Cubero não se limitou a compreender somente o universo anarquista, fazia questão de estudar sobre diferentes assuntos, diferentes vertentes políticas e ideológicas, pois mesmo tendo escolhido desde muito cedo como visão de mundo o anarquismo, não deixou de tentar entender os fundamentos e as posições de outras concepções, ainda que contrárias às suas escolhas pessoais. Por ter uma amplitude de pensamentos e ideias ele conseguia dialogar com diferentes públicos e foi reconhecido como um grande mediador, buscando sempre apaziguar situações conflitantes, sugerindo sempre que buscassem compreender a posição alheia para que não agissem no impulso.

A educação libertária pode supor um fim e um meio, um caminho que necessita de uma instância apaziguadora, tranquilizadora, uma forma de nos auto-educar para a pacificação e a harmonia que nos ajuda a superar, a confrontar e a resolver, a conviver com os erros e os acertos, com a própria rebeldia e com a resignação aprendida e herdada de séculos e que induzem a uma reflexão profunda sobre os sentimentos, sobre a razão, sobre a imaginação, sobre o poder. (MONTERO, 2000, p. 49)

Maria Oly Pey, na mesma sintonia que Accioly e Silva (2011), revela motivos para que os estudiosos da área da educação pesquisem, compreendam e primordialmente experimentem a proposta anarquista:

A conveniência e a atualidade da educação libertária decorre da falência das organizações de ensino heterogestionadas, quer de origem estatal, quer de origem confessional ou empresarial, que não dão conta de trabalhar os saberes, aproximando-os da realidade, fazendo sentido para quem aprende e para quem ensina. (SIEBERT, 1996, p.10)

Por considerar Jaime Cubero como um militante, que em seu papel educativo estabeleceu o diálogo e a coerência teórico-prática indispensável à experiência libertária de ensino, é possível afirmar que ele foi, e ainda o é, um dos *motores* do movimento:

A educação libertária tem existência quando, na pequenez do cotidiano, nos grupos que se geram, existem pessoas que, como motores, se movem buscando o coletivo, o avanço, o estudo e a investigação no mais recôndito da imaginação destas pessoas e grupos, para transgredir o irremediável. (MONTERO, 2000, p. 49).

Resgatar a trajetória de Jaime Cubero - que viveu entre 1926 e 1998, vivenciando diferentes fases da história e também do próprio movimento anarquista, convivendo com alguns dos idealizadores da educação libertária em São Paulo (primeiras décadas do século XX), assim como com os anarco-punk das décadas de 1980 e 90 - é tarefa árdua, porém, necessária para compreender o próprio desenvolvimento das concepções libertárias no Brasil.

Com esse panorama geral de Jaime Cubero e de sua atuação, necessário para romper a terra que o cerca e fazê-lo brotar, sigo compartilhando sua trajetória ao longo do desenvolvimento da pesquisa, regada por depoimentos colhidos da fonte.

CAPÍTULO III - Trajetória de Jaime Cubero, irrigada pelos depoimentos

3.1. *Gerações em constante renovação*

Ao ler o texto que Cubero escreveu sobre Edgard Leuenroth, em 1986, é possível perceber como alguns traços se repetem, principalmente, em sua descrição de quando o conheceu, assim como no depoimento de Miquelina Veiga e Nilton Melo sobre quando conheceram Jaime Cubero, apresentando-se quase como em um ciclo dessa constante renovação de gerações:

Éramos um grupo de jovens, e o Edgar, como nós o chamávamos, então com 64 anos, discorria com entusiasmo juvenil sobre a reorganização do Movimento Anarquista, após a queda da ditadura getulista. (CUBERO, 1986, p. 1)

Miquelina Veiga:

Eu me lembro que quando eu cheguei e vi o Jaime assim eu falei: "Nossa mas como ele é velhinho". (risos) (...) foi uma surpresa, por que as pessoas que eu conhecia eram pessoas não tão velhinhas (...) mas o discurso dele era muito jovem, a maneira como ele colocava as coisas, e contava as histórias, já ali naquele momento, foi um momento muito interessante. (*apud* SANTOS, out/2013, p. 1-2)

E ao mesmo tempo surgia uma dúvida "Será que a gente vai poder ter um diálogo? Vai haver um diálogo?" E não só houve como em vários momentos eu já tinha a impressão que o Jaime era um dos mais jovens ali (risos) essa questão da jovialidade era um traço muito marcante. (*apud* SANTOS, out/2013, p. 2)

Nilton Melo:

Sabíamos que tinha um espaço anarquista onde tinha os velhinhos, (risos) que é assim que nós nos referíamos:

- olha tem o lugar dos velhinhos...
- onde é?
- O Centro de Cultura Social, o CCS, lá no Brás. Vamos lá?
- Vamos! Vamos lá!

E fomos lá. Na verdade, quando, por exemplo, eu e outros companheiros, outros colegas, fomos ao CCS procurando, quase como uma referência, um ícone que a gente via nos livros. (*apud* SANTOS, out/2013, p. 6)

Nos relatos também é possível observar que há um cenário histórico semelhante. Em 1945 o fim de ditadura getulista, em 1985 uma abertura do regime

militar, iniciado em 1964, são os panos de fundo para que jovens se reúnam para ouvir de "velhinhos" os conceitos e ideais do movimento anarquista. Uma busca de coligar forças para continuar na caminhada em busca de uma sociedade plena em liberdade e solidariedade. Isso sinaliza que os ideais e os anseios permanecem ao longo do tempo, não se trata de algo efêmero, ou de um "modismo". São ideias que mantêm acesa a chama da esperança nos mais velhos e que se acendem facilmente no coração dos jovens, que estão repletos de um combustível inflamável, conhecido pelo desejo de mudança.

Em uma entrevista realizada com Jaime Cubero em 1998, ele aponta como os períodos de repressão e censura podem provocar rupturas no movimento:

As ditaduras acabam com o movimento. Após a redentora, da nossa geração sobraram muito poucos, houve um hiato, um verdadeiro abismo entre as novas gerações e a velha. Tanto que hoje o anarquismo vem ressurgindo com grupos de jovens, sem nenhum vínculo com o anarquismo tradicional. Surgem espontaneamente, quase como cogumelos. (*apud* SILVA, 2012, p.17)

Ambos, Cubero e Leuenroth, foram autodidatas e tiveram que abdicar do estudo formal para trabalhar, mas isso não os separou do grande desejo pelo conhecimento. Leuenroth foi militante expressivo no movimento anarquista e ficou conhecido no meio acadêmico após a inauguração de seu acervo na UNICAMP. Cubero, por sua vez, com o mesmo potencial afirmado anteriormente, é mais conhecido por aqueles que tiveram contato com ele pessoalmente ou com seus poucos textos publicados. Ainda assim, sua lembrança e exemplo têm uma repercussão considerável, inclusive no movimento anarquista em outros países, como Itália, Espanha, Argentina e Uruguai.

Jaime Cubero conclui o texto sobre Leuenroth usando parte de uma metáfora do próprio Edgar Leuenroth, que pode se aplicar ao seu próprio legado:

Quando lembro do amigo, do companheiro de personalidade forte, que ainda em seu leito de morte queria ter o material em suas mãos para trabalhar em livros planejados, ainda em setembro de 1968, quando no dia 28 veio a falecer, penso que é preciso continuar "juntando pedras para construir o edifício libertário" para manter a dignidade da vida e sermos coerentes com todos os que dedicaram a vida com dignidade pelos ideais de superação humana. (CUBERO, 1986, p.5)

Nessa investigação prefiro pensar em *sementes*, e não em *pedras*. Mesmo que as pedras possam construir o edifício libertário, ele estaria concentrado e poderia ser demolido e só nos sobriam destroços sem vida. Mas as sementes podem manter vivas a sua essência e ser germinadas de forma pulverizada, onde haja um pedacinho de terra, mesmo que entre as calçadas de concreto.

Na década de 1980 e 90, o movimento Punk começa a "pipocar" em São Paulo, formado em sua maioria por jovens da periferia revoltados por sua baixa condição financeira, pela falta de acesso à educação universitária, o desemprego, etc. – dentro de um contexto histórico em que a censura e a repressão do regime militar diminuía. Os Punks demonstravam em seus corpos (cabelos moicanos, brincos, tatuagens), em suas roupas (rasgadas e remendadas) e em seu estilo de música a revolta e a não aceitação do modelo consumista e conservador da sociedade. Esse movimento encontrou no anarquismo um conhecimento que seria basal para suas discussões e objetivos. Criaram uma nova terminologia para esse grupo um pouco mais direcionado, os "anarcopunks".

Os *anarcopunks* começaram a frequentar o Centro de Cultura Social (CCS), como foi o caso de Nilton Mello que relata sua própria experiência:

Éramos um número expressivo de indivíduos, inclusive que hoje estão aí, que você deve encontrar por aí nas palestras, já estão carecas e barrigudos, nós subimos aquelas escadas ainda jovens - porque querendo ou não, já faz 20 anos. E quando cheguei eu estava no movimento punk, mais especificamente no grupo anarcopunk, que era um agrupamento, uma tendência um pouco mais politizada, do movimento punk, que inclusive foi o que me incentivou a participar, por que eu nunca fui necessariamente "nossa como era punk, punk pra caramba" (risos), era um punk mais ligh. Mas os punk com a sua própria dinâmica, tinha os grupos, mas tinha uma coisa: (...) nós éramos donos de um conhecimento, embora muito delgado. (*apud* SANTOS, Out/2012, p. 6)

Durante a conversa, Nilton Melo conta que dentre as pessoas que participam atualmente do CCS, cerca de 70% são os "*ex-punks*" que foram acolhidos no Centro de Cultura, em especial pelo próprio Jaime Cubero, que era, entre os velhinhos, o único que tinha mais paciência com eles. Vejamos o que o próprio Cubero diz a respeito:

Só para abrir parênteses aqui eu não considerava os punks uma instância anarquista. (...) Depois é que evoluíram e formaram o anarcopunk, aí já passaram a estudar. (*apud* SILVA, 2012, p. 30-31)

A Folha de São Paulo tem uma série de editores comunistas e marxistas, e foram me entrevistar enquanto anarquista. A manchete foi: "Movimento punk sucederá o movimento anarquista". Eu não falei isso, de jeito nenhum. Estão distorcendo tudo.

[...]

O jornal O Estado de São Paulo que é muito mais direitista, formal, tem sido fiel em todas as matérias que tem feito com os anarquistas, comigo. Depois ele dá a opinião que quiser, mas não altera a matéria. É por aí. Os punks hoje vão no Centro de Cultura, têm uma aproximação. (*op. cit.*, p. 33)

Várias vezes os punks estiveram entre velhos e eu me dou muito bem com eles, com os anarcopunks. Eles me procuram... Eles evoluíram muito e ainda têm o que muitos velhinhos, que já estão mais para lá do que para cá, não têm: o vigor da juventude, uma grande ânsia de liberdade, uma força tremenda de trabalho, são decididos, enfrentam as situações... (*op. cit.*, p. 31)

Jaime Cubero tornou-se uma referência para os *anarcopunks*, e em alguns momentos, quando eles acabavam tendo problemas com a polícia por vandalismo, ou mesmo por fazerem atos antimilitares em pleno 07 de setembro, eles acabavam chamando-o para ir à delegacia interceder por eles, como nos confirma Parmênides Cuberos:

A questão dos punks é verdade, isso eu sou testemunha (...). Nem todo mundo dos velhinhos gostavam dos punks. (...) Eles iam lá e botava o rádio alto para escutar música punk. Conversavam alto. (...). Foi na época do natal. Houve um movimento de fazer uma passeata contra o Papai Noel ou alguma coisa assim. E eles foram presos e realmente chamaram o meu tio. (*apud* SANTOS, Dez/2013, p.4-5)

Houve, porém um caso entre os punks que deixou todos os militantes mais desconfiados, causando muita discussão dentro do grupo. Mesmo sem perguntar, o caso do Leonardo Morelli apareceu nas duas entrevistas e o próprio Jaime Cubero relata o caso em uma entrevista:

[...] um sujeito que acabou prejudicando demais o movimento. Ele foi até no congresso da AIT representando o movimento, fez coisas tremendas. A editora "Madre Tierra", só de livros anarquistas, mandou para ele 8.000 volumes de diferentes livros, pois ele disse que era capaz de distribuir na América Latina, e ficaram todos presos na alfândega, ele não foi nem buscar. Hoje ele é aliado do Maluf (...) Ele

foi, praticamente, o responsável por arrasar o movimento anarco-sindicalista no Brasil. Agora é muito mais difícil. Os grupos começam a perder credibilidade. Um sujeito só fez esse estrago. Por isso que nós temos que tomar cuidado, tem que ter responsabilidade. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 30)

Miquelina Veiga relatou como esse assunto predominou em muitas e exaustivas discussões, mesmo muito após o ocorrido. Descobri, pelo Parmênides, que recentemente o referido Morelli prejudicou novamente o movimento, invadindo o *sítio*:

Leonardo Morelli (...) um cara que começou frequentar lá o centro. Aí não foi só o meu tio, né? Ele levou muita gente no bico, né? Entrou, começou a participar das reuniões. Fez palestra e tudo. Teve na época o COB [Confederação Operária Brasileira]. Ele pegou uma grana desse movimento aí foi pra Europa, ficou lá... Um filho da puta. Ele reapareceu aí um mês atrás invadindo esse sítio aí que você está se referindo. (*apud* SANTOS, Dez/2013, p.15)

Esse foi um dos fatores que levou o movimento a se fechar e agir de forma mais desconfiada e precavida com as pessoas que não eram muito conhecidas. Faço questão de destacar esse fato, pois se foi lembrado por todos os entrevistados não poderia ser ocultado.

Imagem 01 – Jaime Cubero compartilhando conhecimento com público mais jovem

Jaime Cubero, Edson Passetti, Paulo Collen e Leonardo Morelli no CCS em 12/DEZ/1987

Jaime Cubero apresentando o tema "Anarquismo: uma discussão sobre o verdadeiro socialismo", à direita Roberto Freire. Foto de Rui Takeguma em Espaço Cultural Rabo de Arraia / Olinda – PE (20/03/1991)

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

3.2. O Centro de Cultura Social – CCS

O Centro de Cultura Social de São Paulo, mais conhecido como CCS, foi o espaço de maior atuação de Jaime Cubero e tinha como proposta ser um espaço aglutinador de pessoas que estivessem interessadas em adquirir conhecimentos, cultura, debater assuntos variados, não exclusivamente anarquistas, como Parmênides pontua:

O Centro de Cultura nunca foi anarquista nos estatutos. Obviamente foi, mas nele veio pessoas de toda matriz ideológica e era muito aberto. Qualquer pessoa que entrava ali se ouvia e falava-se, mas tinha que ouvir o que as pessoas propunham e dialogar. Isso é importante. Um pouco o paralelo do meu tio, ele tinha uma bondade muito grande. Ele sentava com qualquer um. Falava sobre anarquismo ou educação libertária. Ele conversava com qualquer um. Se a pessoa era uma pessoa interessada, um “porra-louca” ou qualquer um... Isso é uma grande qualidade, eu acho. (*apud* SANTOS, Dez/2013, p. 4)

Embora Parmênides relate que "tinha que ouvir o que as pessoas propunham e dialogar" isso não era tão harmonioso como pode aparentar, muitas pessoas interrompiam as falas e ofendiam uns aos outros. Nesses momentos Jaime Cubero também aparecia como um apaziguador, para tentar acalmar os ânimos e retomar as atividades. Como todo espaço que se mantém aberto ao público em geral, muitos passam, mas nem todos criam raízes:

Pelo CCS, de vez em quando, passam também os doutrinadores, os sisudos, os presunçosos, os zombeteiros. Passam rápido, como os efêmeros anarquismos em época de liberdades, os anarco-espertinhos em busca de projeção individual, os anarco-pluralistas de ocasião, os anarco-marxistas datados, os anarco-turistas, os democratas juramentados, o pessoal que aprecia a frente, e os que dizem saber qual é o verdadeiro anarquismo. Estes, então, passam mais depressa, ligeirinhos e circunspectos, sem notar a salutar comicidade que olha para essa massa como anarco-isso ou aquilo, como ensinou o marcante Jaime Cubero, nos anos 1980 e 1990, diante dos sabichões e parlapatões. (PASSETTI, 2007, p. 72)

Para compreender a estrutura do CCS, é necessário resgatar a origem e os princípios, e ninguém melhor para falar do Centro de Cultura Social, e um pouco da sua história, do que o próprio Cubero:

O Centro de Cultura Social foi fundado em 14 de Janeiro de 1933 e tem (tinha) sua sede na R. Quintino Bocaiúva 80, no centro de São Paulo. No mesmo endereço funciona (funcionava) a Federação

Operária de São Paulo (FOSP). Nesse ano se intensifica a luta anti-fascista e centenas de manifestos e panfletos conclamando para comícios e manifestações são produzidos e distribuídos pelos anarquistas, assinados pelo CCS e FOSP. (CUBERO, 1989, p. 4)

Trata-se de uma origem extremamente ligada ao movimento operário e à forte atuação dos sindicatos. Ainda que não se restringisse à classe trabalhadora, é ela quem irá, na maior parte das vezes, desfrutar de experiências que o ambiente fabril jamais poderia proporcionar.

É aqui que a luta econômica liga-se a uma ética e uma estética anarquista que ultrapassam o limitado e sufocante cotidiano fabril; novos lugares são inventados e um novo cotidiano é dado ao indivíduo na forma de bibliotecas, conferências, concertos, piqueniques, espetáculos filo-dramáticos e musicais, realizados pelos sindicatos ou por outras organizações por eles criados como o Centro de Cultura Social de São Paulo. São lugares cujo objetivo é fazer o operário encontrar, nas palavras de Neno Vasco, "o conforto convidativo da luz, do ar e da arte [antípodas do ambiente fabril], eí-lo definitivamente roubado às consolações dúbias do botequim e das ilusórias fustigações do álcool [...]. A música, o teatro, a arte declamatória, enchendo os merecidos ócios do trabalhador, enriquecendo-lhe o cérebro, burilando-lhe o sentimento!" (AVELINO, 2002, p. 205)

Destinado a todos, com as mais variadas atividades:

As atividades dos Centros de Cultura devem orientar-se para o aprendizado e a formação das pessoas priorizando o tratamento da ética libertária, essência de todas nossas atuações e esquemas organizativos.

[...]

Os Centros de Cultura hoje, como os Ateneus Libertários ontem, são a resposta. Desenvolvendo atividade social, de apoio à luta das comunidades (ensino, ecologia, saúde, educação...) participando sempre a favor da autogestão e contra a manipulação de partidos políticos. Incentivando a cultura e a educação libertárias, organizando palestras, cursos, festas, cinema, teatro, bibliotecas e **tudo o que a criatividade num espaço não reprimido possa germinar.** (CUBERO, 1987, p. 71-72 – grifos meus)

Tudo o que a criatividade num espaço não reprimido possa germinar (op. cit). Esse era, e ainda é, o objetivo maior de todos os coletivos libertários, possibilitar o espaço e o encontro necessário para germinar todas as possibilidades da criatividade humana. Não é um objetivo modesto, mas factível dentro da perspectiva libertária.

Por meio dos depoimentos de Miquelina Veiga e Nilton Melo podemos perceber que o CCS cumpriu e cumpre os seus objetivos. Foi lá que eles começaram a interagir dentro do movimento e, aos poucos, foram incorporando em suas vidas, em suas atitudes, os princípios libertários. Segundo Jaime Cubero (1987) o CCS, assim como os outros centros, era a porta de entrada e, conforme as pessoas fossem demonstrando interesse e responsabilidade, poderiam talvez participar do movimento mais "*específico*":

Nossos Centros são frequentados por muitas pessoas em busca de informação e conhecimentos, que não são anarquistas. Pessoas que começam a ter contato com ideias e novas formas de relacionamento humano, que poderão, com tempo, integrarem-se ou não ao Movimento Libertário. Daí a necessidade de um Movimento Específico, onde participem somente os militantes, - pessoas com ideais e convicções definidas - que sem deixar de participar nos Centros, possam de maneira organizada e solidária articular-se na esfera das necessidades específicas. (CUBERO, 1987, p. 71-72)

Depois de um tempo Miquelina Veiga se uniu a Antônio Carlos, militante que era oriundo do movimento punk, estudantil e sindical. Ambos começaram a participar mais ativamente do CCS. Antonio Carlos tomou a iniciativa e sugeriu à Miquelina que eles poderiam organizar a biblioteca do CCS. Foi a forma que encontraram para colaborar com o coletivo e conquistar a confiança dos militantes mais antigos. Com a organização e sistematização dos livros que pertenciam ao CCS, Miquelina Veiga e Antonio Carlos possibilitaram que os visitantes pudessem retirar os livros e devolver depois, com certo controle para impedir que os livros sumissem.

Sobre a dinâmica estabelecida no CCS é importante mencionar o posicionamento de Jaime Cubero nas discussões e na tomada de decisão. No momento em que era preciso decidir quem seriam os palestrantes do mês, segundo Miquelina Veiga, muitas vezes o grupo não tinha mais ideias. Mas Jaime Cubero possuía relacionamentos com algumas *pessoas chave* pelas quais tinha grande consideração, e que sempre o atendiam, de uma forma ou de outra. Foram essas pessoas chave que abriram portas para que outras e outras pessoas fossem se aproximando e colaborando com as atividades.

Entre os membros do CCS para todas as decisões buscava-se um consenso, por mais trabalhoso e desgastante que fosse. Mas ao chegar a esse consenso sempre tinha certa gratificação, como nos relata Parmênides Cuberos:

Chegar ao consenso e tentar fazer o coletivo, dá trabalho. (...) É gratificante, quando você chega, é muito edificante quando você chega num consenso, apesar das discussões, da dialética e tal. É muito edificante, mas não é doce. (apud SANTOS, Dez/2013, p. 27)

Quando questionei Miquelina Veiga se Jaime Cubero não tentava se impor de alguma forma, por ser o mais velho, ou por sua função dentro do CCS, ela foi taxativa em dizer que "sozinho? Jamais!". Jaime Cubero não se impunha sobre o coletivo, e nem sempre as suas ideias eram as acatadas, ou pelo menos não da forma inicial com que foram apresentadas. Essa dinâmica de construção do consenso era a busca de um dos princípios libertários, a autogestão.

A autogestão é um princípio e método libertário almejado em todas as instâncias do movimento. Em especial dentro da educação libertária, foi fomentado desde as experiências de La Ruche com Sébastien Faure, segundo GALLO (1995). La Ruche possuía uma estrutura horizontal, onde a figura do diretor foi somente a daquele que tinha obrigações de prestar esclarecimento ao público externo e às questões burocráticas. Muito semelhante à estrutura que é possível encontrar no CCS pelo depoimento de Jaime Cubero sobre quando, aos 18 anos, assumiu a função de Secretário Geral:

O Centro não tem presidente, tem essa comissão de gestão onde tem um secretário geral que representa o Centro, porque pela lei tem que registrar o Centro para que ele tenha uma atividade pública, aberta, caso contrário ele é clandestino. Há exigência de ter alguém responsável (...) o secretário que representa o Centro junto às autoridades, se precisar de alvará, resolver questões burocráticas... (...) E o Edgard me propõe para secretário do Centro. Eu disse que não tinha condições, que não era capaz. "Não, você tem. Os outros ajudam...". E falaram, falaram e o resultado foi que acabei virando secretário. Fui secretário quase que permanente do Centro porque em toda a reunião para a escolha do novo secretário eu era sempre reconduzido, isso até 1954, quando me mudei para o Rio de Janeiro. Assim foi minha "entrada" no anarquismo. (apud SILVA, 2012, p. 11)

A autogestão é um princípio dentro do anarquismo que representa sua espinha dorsal, condensando a busca do desenvolvimento humano de forma autônoma e a solidariedade do apoio mútuo. Só assim a autogestão serviria de

alicerce para a construção da sociedade desejada pelos militantes. Alicerçando os princípios como o federalismo, internacionalismo. Bem abordado no trabalho de Silvio Gallo (1995):

O que defendem os anarquistas é a negação de toda e qualquer forma de ação política clássica com a qual temos contato diuturnamente, isto é, a política baseada no poder e na dominação, base e permissão dessa sociedade de exploração e injustiças que vivemos. Isso não significa, de modo algum, a destruição da política, mas sim a busca de uma nova política, fundada em bases outras.

(...) assumir um conceito de política que é mais abrangente, mais geral e mesmo anterior a este: a política como relacionamento social entre os indivíduos no sentido da construção e da manutenção de uma comunidade solidária.⁷

Tomada em sua interioridade, a proposta anarquista é essencialmente política, pois discute a instituição de uma nova ação política baseada na igualdade e na solidariedade e não na injustiça e na exploração.

(...)

Daí o repúdio aos partidos políticos como forma de organização política (...) e a opção pelos sindicatos, comissões de fábrica, de bairro, de escola, etc., e por qualquer tipo legítimo de organização dos indivíduos em estruturas não autoritárias, mas livres e solidárias.

É nessa perspectiva que surge a principal proposta libertária ao nível da organização política da sociedade: a autogestão no plano microsocial que se constitui, no nível macrosocial, no princípio federativo. (p. 99-100)

Para Jaime Cubero o CCS foi sua entrada oficial para a militância. O convite para conhecer o centro ocorreu na ocasião do casamento de sua irmã gêmea Aurora, com o Liberto, filho de José Lemos, que já tinha contato e vivência com os militantes anarquistas. Jaime Cubero resolveu fazer um discurso sobre "*Amor livre*" e isso chamou a atenção dos militantes presentes, entre eles Edgard Leuenroth, quem mais apostou em Jaime Cubero como figura que daria continuidade ao movimento.

Durante a ausência de Jaime Cubero do CCS, entre 1954 e 1964, momento em que estava morando e trabalhando no Rio de Janeiro, as atividades do CCS permaneceram e foram acompanhadas pelo seu irmão Francisco Cuberos Neto. Jaime Cubero, durante esses anos, participava do Centro José Oiticica. Ao retornar a São Paulo as atividades do CCS foram interrompidas pelo receio da repressão

⁷ Não poderia deixar de pontuar aqui, que tive contato com essa noção de política, ainda em minha infância, por meio da participação no Projeto "Cala-boca já morreu!". Após um encontro em que queríamos compreender o que era política um dos participantes voltou e disse: - "Eu fiz política! Eu dei bom dia a uma pessoa que não conhecia". Creio ser uma forma bem expressiva e simples, como só as crianças podem formular, para começar compreender o que é esse conceito de política.

pelo endurecimento do regime militar, retornando às atividades na primeira chance de abertura:

Nós paramos em 21 de abril de 1969 e retomamos o Centro em 14 de abril de 1985, depois da redentora. No dia em que inauguramos apareceram muitos professores universitários que deram uma força. Foram três estações de televisão, mas foi justamente nos dias em que o Tancredo Neves estava para morrer e isso acabou prejudicando a divulgação. A revista ISTOÉ publicou uma página inteira, aí o pessoal nos descobriu: "Os anarquistas reaparecem depois da redentora" (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 24).

Edgard Leuenroth tinha razão, Jaime Cubero foi, em grande parte, a figura responsável por dar continuidade ao movimento, agindo como *fio condutor* para as novas gerações que surgiam no CCS. Como nos revela Nilton Melo sobre a importância de Jaime Cubero como uma referência, ao chegar no CCS em 1992:

O Jaime, é a primeira coisa, é justamente a pessoa que representa o Centro de Cultura, isso para um jovem de pouca experiência e pouca leitura acaba sendo importante porque ele é que vai ser o **fio condutor**, porque acabamos utilizando a sua prosa como um certo cabedal, para estar nos localizando, nos informando.(...) acho que foi depois dessa época que ele estava passando um pouco a bola para o Carlos (Antonio Carlos), então algumas vezes o Carlos ficava também na mesa. Mas na primeira fila com a palavra obrigatória depois da palestra ou debate: o Jaime. (*apud* SANTOS, Out/2013, p. 5-7 – grifos meus)

O CCS, entretanto, não era uma exclusividade de São Paulo, ou algo que se iniciou só em 1933. Espaços semelhantes foram criados em vários locais do Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, como os trabalhos de José Damiro de Moraes (2009), Angela Maria de Souza Martins (2009), Kátia Rodrigues Paranhos (2009), Carlos Romani (2006), entre outros, ressaltam. Tais espaços eram sempre vinculados aos trabalhadores e operários, como reforça Jaime Cubero:

Situados em diferentes bairros de cidades grandes e pequenas, foram sempre um espaço de lazer e cultura para os trabalhadores, após o horário de trabalho. Ao mesmo tempo, eram centros de instrução destinados a substituir os valores tradicionais de uma ordem hierarquizada e dividida em classes. Centros onde se destacavam os valores defendidos pelo Anarco-Sindicalismo e o Movimento Libertário. Tais valores repudiam e continuam repudiando a sociedade autoritária, e apresentavam e continuam apresentando as alternativas de uma sociedade nova baseada no apoio mútuo e numa ética de responsabilidade pessoal intransferível. (*apud* VALVERDE, 2007, p. 405)

Os centros de cultura atuavam, e ainda atuam, como uma alternativa frente a tantas instituições repressoras da sociedade. Um ponto de resistência onde os rebeldes são bem vindos. Todos os que não encontram sentido na organização capitalista ou na presença do Estado, encontram nesses centros de cultura um *ninho* acolhedor. Sua forma de atuação, por meio de uma educação e cultura não institucionalizadas, irá *desenvolver uma consciência crítica, que faça dos homens e das mulheres, seres livres. Livres na atuação das ideias, sem influências estranhas ou artificiais à natureza de cada indivíduo* (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 405).

Assim, todas as atividades passavam por esse lado didático. Um militante com mais experiência e conhecimentos era convidado para tratar de determinado assunto de interesse geral no Centro de Cultura. Depois da exposição, seguiam-se as perguntas da plateia. Nem sempre pacíficas, pois as pessoas tomavam partido e se empolgavam. (*op. cit.*, p. 406)

Juntando as falas de Jaime Cubero às falas de Miquelina é como se pudéssemos entrar nesse universo, mesmo sem nunca ter participado, e acompanhar um pouco como era a dinâmica:

[...] depois quando o Carlos e eu começamos a atuar mais, a gente também já trazia as nossas referências, muita gente conhecida nossa também fez palestra, e aí também foi nessa convivência militante, a gente foi vendo que não era só o Jaime que deveria ficar na mesa, por que uma das questões também para a gente alimentar o debate, era que durante o tempo das perguntas a gente estivesse lá também para fazer perguntas, ou para responder certas questões, ou ter um diálogo com o palestrante, e era assim a **gente tinha a mesa como divisória, mas na verdade não era**, por que muitos dos antigos companheiros também as vezes iam e falavam, depois se retiravam, então a gente **tinha palestra lá atrás da mesa, mas tinha também na plateia**, e o debate também se alimentava, e quando a gente falava assim: agora já esgotou, já tinham passado 3 ou 4 horas. E o fato de o Carlos, eu e depois o Nilton ir para a mesa, liberava também o Jaime para sentir essa questão da plateia, de intervir (...)

o CCS como espaço público de divulgação era um lugar de construção, um **lugar extremamente humano, de paixão, de curiosidade, de modelos, de possibilidade que foi preenchendo nosso espírito mesmo**, e desde mais ou menos 88 até 92 - que depois quando eu engravidei eu me afastei, foi o lugar onde eu mais aprendi, pela variedade dos temas, pela importância das pessoas que passaram por ali, não só na mesa, mas na plateia, (...) um **exercício da condição humana extremamente rico**. (*apud* SANTOS, Out/2013, p. 11 – grifos meus)

É nesses pequenos detalhes da prática cotidiana que o espírito libertário é revelado. A horizontalidade das relações, a ausência de uma hierarquia que separa a mesa da plateia, um diálogo se instaura. Como Jaime Cubero pontua: não se trata de uma aceitação inquestionável, mas sim de travar um embate de ideias na busca de um consenso, ou de uma apuração dos pontos de vista. Isso nem sempre é tranquilo e harmonioso, há conflito, mas a busca de manter o respeito é indispensável, pois eram pessoas que na semana seguinte estariam novamente dividindo o mesmo espaço. Ainda que não só, trata-se de um princípio prático da convivência.

Essa vivência não poderia ser definida de forma mais significativa do que como um *"exercício da condição humana extremamente rico"*. É disso que se trata a experiência vivencial do CCS, ressaltando as condições, onde segundo GUSDORF (1987), temos a formação de mestres e discípulos. E onde os discípulos ao percorrerem seu próprio caminho podem se desvencilhar dessa relação com o mestre e estabelecer a relação de amizade. O discípulo não é subalterno ao mestre, ele está disposto a aprender e seleciona seu mestre que logo passará a ser amigo. Com essa prática é possível reforçar a ideia de que a escola é apenas um dos locais possíveis de educação, longe de ser o único. A educação é muito mais ampla do que a escola.

Miquelina Veiga qualifica esse período como uma verdadeira Universidade Livre, pela variedade de assuntos, pela grande consistência de conhecimento dos palestrantes, fossem eles mais específicos, como os físicos que José Carlos Morel levou ao CCS, ou pela linguista que ela mesma convidou. Todos tinham abertura para expor suas pesquisas e iam descortinando outras referências que se agregavam ao repertório de todos os participantes.

Nilton Melo ainda ressaltou que nesse período de 1990 o acesso à universidade era ínfimo, e o CCS aparecia para substituir, ou, no mínimo, alimentar de conhecimento os jovens que o frequentavam, pois não possuíam a perspectiva de entrar para o nível superior. Oriundos de uma escola pública, já em declínio, muitos chegavam ao CCS com uma bagagem muito rasa de conhecimento ou de capacidade de leitura.

Aos poucos, por meio das palestras, era despertado nesses jovens recém-chegados o desejo pelo conhecimento e eles puderam contar com a figura de outra pessoa muito importante para indicar uma leitura que daria continuidade ou aprofundaria o assunto da palestra: Antônio Martinez (1915-1998). Segundo os relatos, Martinez chegava sorrateiramente durante a palestra ou após o seu término, abordava as pessoas que ele percebia que tinham maior interesse e já deixava com elas um livro ou cópia de texto.

O Martinez recebia a gente, com aquele jeito fechado, mas ao mesmo tempo, mostrava força, mas ao mesmo tempo acolhedor. Eu me recordo que quando eu entrei o CCS eu até pensei "Será que eu posso entrar aí?" nossa parece que eu olhava assim, e só tinha pessoas adultas, pessoas conversando coisas, inclusive coisas difíceis, e a primeira coisa o Martinez, "não, vamos entrando, sentem-se à vontade", e quando se entra e senta na cadeira, e vê a mesa notoriamente, todo mundo vê o Jaime. (Nilton Melo *apud* SANTOS, Out/2012, p. 6)

Jaime Cubero e Antônio Martinez foram grandes amigos, décadas de militância conjunta, suas ações dentro do CCS eram complementares. Jaime Cubero era considerado o porta-voz, aquele que fala em público e por isso permanecia em evidência. Antônio Martinez, por sua vez, não gostava de falar em público, poderia falar com todos no particular, mas não gostava de ficar exposto, trabalhava para que a estrutura pudesse acontecer, gostava de limpar e organizar o espaço e os livros, mesmo quando era combinado que todos fariam isso, ele chegava antes.

Ambos, Jaime Cubero e Antônio Martinez, eram autodidatas de grande conhecimento. Cada um à sua maneira trabalhava e desenvolvia suas habilidades dentro da estrutura do CCS. Martinez mais rígido e Cubero mais flexível, como Nilton Melo ilustra:

O Martinez era o pai duro, que dava bronca e falava aquele espanhol, e dava bronca na gente "Pô! Vocês tem que dar exemplo, lê isso que vocês precisam" e o Jaime era a mãe bondosa, que afagava, que via a gente falando besteira e dizia "não, sim, sim... mas olha vai por esse outro lado..." (Op. Cit., p. 8)

Miquelina Veiga diz que é mais fácil falar do Martinez em comparação com Jaime Cubero, pois eram contrastes que se complementavam. *Quando começava a palestra o Jaime estava na mesa e o Martinez estava na porta, só que isso era o visível (apud SANTOS, Op.Cit., p. 10).* O invisível é a confiança que um depositava

no outro, a amizade e trocas entre esses dois *narradores*⁸, *um público: Jaime Cubero, e outro mais reservado: Antonio Martinez.*

Antonio Martinez também contribuiu para a universidade. Fato que quase ninguém sabe. A maior parte do Arquivo Edgar Leuenroth na UNICAMP foi inicialmente organizado e restaurado por Martinez. Ele possuía grande habilidade em restaurar livros e tinha muito cuidado com os jornais, reconhecia a importância daqueles documentos que registravam a vivência militante da qual fazia parte. É merecedor ainda de pesquisa que aprofunde suas contribuições para o movimento anarquista, em especial, na atuação dentro do CCS.

Assim como Antônio Martinez, há vários outros militantes e outras facetas do Centro de Cultura Social merecedores de uma investigação mais profunda. Francisco Cuberos Neto (irmão de Jaime Cubero) e o Laboratório de Ensaios são exemplos ainda pouco explorados. O teatro no movimento anarquista como um todo ainda merece mais estudos:

O CCS possui alguma atividade nesta área em todas as suas fases. Chamávamos isso de *arte militante*, era um meio de propaganda do ideário anarquista.

O teatro Colombo, fundado na década de 1910, logo em seguida à sua abertura já era ocupado pelos anarquistas. Só a história dele já merecia uma tese. Eu mesmo atuei várias vezes nele. O teatro pertencia à prefeitura, nós o solicitávamos e eles nos cediam com a condição de que não se cobrasse ingressos. Na época que foi fundado, toda a imprensa caiu de pau em cima dizendo que era um absurdo construir um teatro daqueles em um bairro operário [o teatro era localizado no Lago da Concórdia, no bairro do Brás da capital paulista]. O teatro era magnífico tinha 1700 lugares e uma acústica perfeita. A história dos anarquistas está muito ligada a ele.

O utilizávamos para várias atividades, comícios, festivais, peças. Em 1965, logo depois do golpe, nós visitamos o teatro, que estava abandonado, junto com um arquiteto e ele nos disse que o espaço estava em condições de ser ocupado. Enviamos um requerimento à prefeitura com uma série de documentos históricos sobre o teatro junto com uma exposição dos motivos. Nos comprometíamos a devolver várias atividades culturais sem nenhum ônus para a prefeitura. Dois meses depois tocaram fogo nele, logo depois foi demolido. (Jaime Cubero, *apud* BORGES, p.173-174)

O teatro tinha uma presença marcante e expressiva no movimento, desde Pedro Catallo, intensificada com a paixão de Francisco Cuberos Neto pela

⁸ Posteriormente desenvolveremos essa noção benjaminiana de narrador.

dramaturgia. Jaime Cubero também teve participação, mas nesse espaço de atuação, seu irmão é quem recebia os holofotes. Jaime Cubero relata o período do Laboratório de Ensaios e como eles se desvencilhavam da censura em plena ditadura militar:

A redentora foi em 1964. Logo depois nós criamos o que nós chamamos de "Laboratório de Ensaios". Havia a sede do Centro de Cultura, na Rua Rubino de Oliveira, no Brás. Nós tínhamos uma sala, mas construímos banheiros e um teatrinho de arena, em mutirão, pois havia pintores, marceneiros, pedreiros. Esse era o laboratório. Diariamente lotava, pois nós começamos a montar umas peças. Era um teatro de resistência. Um dos companheiros, o Valdir Copesque, escreveu uma peça chamada "Os Generais". Você sabe qual era o tema? Isso em plena redentora, só para você ter uma ideia do trabalho do laboratório. O tema da peça era como transformar um general num ser humano. E não conseguia, é claro. Como nós fazíamos com a censura? Nós dávamos um texto para eles e levava outro. Ou a gente dava uma peça para a censura e representava outra, ou eles podavam, mas nós representávamos inteira. Eram peças revolucionárias. Ali **apareciam fiscais do DOPS e nós dizíamos que era uma aula, que era uma escola e ele ia embora**. A gente não deixava entrar. Ficavam sempre dois ou três companheiros na porta do teatro para segurar os fiscais, a censura. Nós fazíamos em grandes teatros, que eram da prefeitura. Por isso muita gente estranha que, mesmo no teatro libertário das primeiras décadas do século, nos convites estava escrito que a comissão se reservava o direito de barrar a entrada de quem julgasse conveniente. (...) Não podia levar criança e nós deixávamos. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 22 – grifos meus)

Embora oficialmente não fosse uma escola, aquele espaço era de fato grande aprendizagem. Por meio da arte é possível uma reflexão imensurável e particular a cada um que assiste ao espetáculo. Cada espectador vai realizar a sua leitura do espetáculo a partir das suas referências. Parmênides Cubero disse que entre os anos de 1990 e 2000 o CCS realizou várias leituras dramáticas, peças, recitais que funcionavam como forma de atrair o público e introduzir leituras importantes aos recém-chegados ao coletivo.

O envolvimento com o teatro contou com a participação das mulheres, entre elas: Maria Cubero, esposa de Jaime Cubero e Maria Martinez Jimenez (Maruja) sua cunhada, ainda em períodos anteriores ao Laboratório de ensaios. No encontro em que tive a oportunidade de conversar com Maruja e Maria Cubero, elas afirmaram suas participações e que era uma atividade prazerosa, embora não tenham participado na mesma intensidade que seus companheiros.

Imagem 02 – Fachada do CCS

Fonte: acervo pessoal de Parmenides Cuberos

O CCS foi, sem sombra de dúvida, o espaço de maior atuação de Jaime Cubero onde ao longo dos anos foi desenvolvendo e ampliando sua própria concepção sobre os princípios anarquistas. Na sequência iremos abordar essa visão cuberiana de forma mais detalhada, a partir dos seus próprios textos e entrevistas.

3.3. Princípios do movimento anarquista na perspectiva de Jaime Cubero

eu, por exemplo, falando da minha vida e das minhas experiências é que vou falando também de anarquismo.
Jaime Cubero

Inicio com uma citação de Jaime Cubero, que condensa muitos conceitos e perspectivas norteadores de sua ideologia e prática. Essa citação aparece no texto "O Anarquismo: Uma Visão da Educação da Criança na Família" de 1995 e se repete em um texto de 1997, publicado pela *Libertárias*, intitulado "Razão e Paixão na Experiência Anarquista":

Quando dizemos que o anarquismo é, antes de tudo, sinônimo de socialismo, temos que dar um mínimo de clareza ao nosso conceito de socialismo: daí a expressão socialismo libertário. Socializar é tornar

a propriedade e os instrumentos de trabalho, enfim, toda a riqueza e o que a produz à disposição da sociedade, acabando com a exploração do homem sobre o homem, assim como todas as formas de opressão do homem sobre o homem. Mas para o socialismo libertário não basta socializar os bens materiais; é preciso socializar o saber, a informação e todos os bens culturais (CUBERO, 1995, p.1 / 2005, p. 2)

Nessa pesquisa não é possível fazer uma análise aprofundada do movimento anarquista e de seus princípios defendidos pelos autores clássicos como Bakunin, Proudhon, Kropotkin, Malatesta, Reclus, entre outros. São eles, no entanto, que embasam os pensamentos e ações de Jaime Cubero. Há uma forma de expor os preceitos libertários, apesar de calcado nesses escritores, que é própria de Jaime Cubero e é à ela que busco me ater.

Jaime Cubero, realizando uma recuperação histórica sobre o desenvolvimento do anarquismo no Brasil, ressalta que as tendências mais voltadas aos anarco-comunistas tiveram mais aderência no solo brasileiro, com sua tônica mais pujante na solidariedade:

No Brasil as influências de Kropotkin, Malatesta e Elisée Reclus contribuíram para o fortalecimento do anarco-comunismo. A polêmica entre sindicalistas e anarquistas teve poucos reflexos no Brasil além de algumas posições teóricas que originaram um ou outro manifesto. A prática levava a uma convergência de posições e o movimento todo era muito solidário. (CUBERO, 1989, p. 51)

O movimento anarcosindical foi o expoente de toda uma geração de anarquistas, Jaime Cubero herdeiro dessa geração, ao falar na Exposição *Barcelona Anarquista* de outubro de 1993, pontua os horizontes que despontavam à frente desse grupo:

Antes de anarcosindicalistas somos anarquistas, propagadores del socialismo libertario, en toda la rica extensión de la palabra, somos pues anticapitalistas y defensores de la acción directa y de la autogestión de las luchas, procurando desarrollar dentro de la sociedad una mentalidad antiautoritaria que nos lleve a la superación del modo capitalista de vivir. La sociedad que nosotros preconizamos es regida por la autogestión generalizada y libre, sin la existencia de instituciones autoritarias, como la propiedad privada; el mercado y el Estado. Somos igualmente solidarios, esto es, partidarios del más amplio federalismo social, económico y político en la más perfecta etimología de la palabra POLITICA. Deseamos la más completa autonomía del individuo en el grupo local, de este en los grupos regionales y estos últimos en la Federación Internacional de Regiones Autonomas. Como consecuencia de esta posición somos tambien

Internacionalistas, o mejor, sin llevarmos en cuenta el moderno concepto de nación. (CUBERO, Out/1993, p. 43)

Para compreender essa autogestão, é preciso definir um pouco mais a ausência de governo, atrelada à etimologia da palavra anarquismo e as implicações do "não-governo". Apesar de diversas pesquisas sempre delimitarem o conceito "anarquismo" na tentativa de desassociar do senso comum (associado à bagunça, ou falta de organização), é impressionante que mesmo após décadas de pesquisa no Brasil e de mais de um século da existência do movimento anarquista, ainda prevalece a distorção conceitual no senso comum. Cubero de forma muito didática tenta "limpar" o conceito:

Anarquia significa ausência de poder ou de autoridade constituída. Há uma diferença sutil no discurso, mas importante na realidade, entre poder político e poder social. O primeiro exerce o poder de coação: uma ou mais pessoas têm o poder de obrigarem outras a fazerem o que não desejam. Ocupam o governo do Estado, o Kratos, o poder político no sentido grego, qualquer que seja sua forma: teocracia, aristocracia, monarquia, oligarquia, democracia, em todas as instâncias: é contra esse poder hipertrofiado nos estados nacionais modernos que os anarquistas lutam hoje.

[...]

O outro poder, o poder social, é participado, exercido por todos nas decisões coletivas: o poder de uma assembléia de tomar decisões (...) É o poder que é exercido por todos em qualquer prática autogestionária nas decisões realmente coletivas.

[...]

A proposta anarquista é pela organização e, nesse sentido, pelo autogoverno, como sinônimo de autogestão. (CUBERO, 1995, p. 1)

É, portanto, sobre esse *poder social* que a proposta libertária se guia. Ainda na ânsia de delimitar a forma *cuperiana* de compreensão do anarquismo, segue a citação que considero a mais provocativa, que nos força a refletir sobre a atualidade, mesmo tendo sido escrita há 20 anos:

O anarquismo combate todas as formas de autoritarismo, combate todo o poder de coação, tudo o que restringe, limita, sufoca e asfixia o potencial criativo do ser humano. (...) Se o crescimento físico fosse limitado por qualquer meio artificial, tal fato seria qualificado de monstruoso. Mas, a limitação do desenvolvimento de sua sensibilidade, do seu desenvolvimento intelectual, moral e afetivo, anulando o seu potencial criativo seria lógico considerar-se também uma monstruosidade. **No capitalismo esse crime se dá em todas as**

instâncias da vida social e ninguém considera isso um crime, somente os anarquistas. (CUBERO, 2005, p. 2 – grifos meus)

Essa posição é apresentada também no texto "O anarquismo: uma visão da educação da criança na família" de 1995. Esse crime, muitas vezes, só é percebido quando exposto desta forma comparativa. Poderia fazer uma analogia à deficiência visual leve, a pessoa nunca considera que enxerga mal até o momento que passa a utilizar os óculos ou lente de contato. Somente munido desse artifício é possível constatar que antes não era capaz de enxergar.

Esse *crime* é característico de todas as instituições sociais e principalmente das escolares, apesar de termos assegurado em lei que não ocorram essas limitações e restrições. Para combater tal *monstruosidade* o conhecimento no anarquismo se vale da tríade "*sensibilidade, intelectualidade e afetividade*" segundo Jaime Cubero:

As vias de nosso conhecimento são a sensibilidade, a intelectualidade e a afetividade. Temos, portanto uma intuição sensível; uma intuição intelectual e uma instrução páthica (do grego pathos, com o sentido de afeto, paixão). Há uma interatuação entre elas.

[...]

É preciso muito de sonho, muito de desejo, muito de crença nas possibilidades de cada um para que possamos superar obstáculos, vencer dificuldades, construir possibilidades remotas, tornar em ato o que parecia um sonho impossível.

[...]

A história do anarquismo é pontilhada de extremos de lucidez e paixão. De heroísmo e amor e muito gratificante para os que viveram momentos de plenitude libertária. (CUBERO, 2005, p. 3-5)

Na última entrevista cedida por Jaime Cubero ele tentou sintetizar o conceito de anarquismo e demonstrar que não é uma questão de aguardar a oportunidade revolucionária para colocar em prática seus princípios, eles devem ser praticados diariamente:

O que é o anarquismo hoje? O anarquismo é um conjunto de idéias e princípios, cujos postulados básicos são convergentes. Existem muitos "anarquismos", mas há um sentido comum de criar uma sociedade livre e igualitária. Nessas duas palavras você tem tudo o que se pode pensar de uma sociedade socialista libertária. Liberdade e Igualdade. Não existe liberdade sem igualdade e não existe

igualdade sem liberdade. Isso aí é do próprio Bakunin. Para você atingir uma sociedade dessas tem-se n caminhos que você vai trilhando, lutando contra a injustiça. O movimento vai se fortalecendo, vai aumentando, como já chegou a ser grande movimento de massa. Se num momento desses as circunstâncias levam a uma revolução, aí os anarquistas podem se apresentar e levar as propostas anarquistas de organização.

[...]

Mas você não vai esperar que aconteça isso. Você começa a criar, aqui e agora, no teu cotidiano, na tua casa, nas rodas de amigos, práticas de novas formas de relações sociais não autoritárias. Eu acho que hoje a nossa grande luta é uma luta anti-autoritária, contra o autoritarismo, a começar por si mesmo. Você tem que ter consciência do que você é para tentar evitar ser autoritário. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 14 -15)

Frente às situações cotidianas é que a postura anarquista é incorporada aos atos das pessoas, até o momento em que elas possam se autodeclarar anarquistas:

E o que é ser anarquista? Ser anarquista é antes de tudo uma atitude ética. Ante a iniquidade, um ímpeto de justiça leva o anarquista a romper racional e afetivamente com o sistema vigente. Romper com a autoridade é afirmar a própria independência humana. É um ato cabalmente anarquista. Equivale à confiança de que se possui o poder e os recursos da sua natureza básica na qual a vida social é possível sem a mão "protetora" do Estado. Ser anarquista é procurar realizar no cotidiano a plenitude do ato humano, e o ato humano só o é quando livre, **fundado na vontade, no conhecimento dos fins e no poder de realizá-lo**. Contra todo viciamento do ato humano a luta anarquista não tem limite. Ser anarquista é lutar pela liberdade de todos, tendo consciência de que **a liberdade dos outros aumenta a própria e não a limita**. (CUBERO, 2005, p. 3 – grifos meus)

Jaime Cubero irá defender uma posição sobre a liberdade que é muito contrária ao jargão "*sua liberdade termina onde começa a minha*", nessa visão libertária a liberdade não é limitada pela do outro e sim ampliada pelo exercer dos outros. É possível perceber a influência dos autores clássicos do anarquismo, além do citado Bakunin temos também Godwin e Malatesta, áduos defensores da realização pela vontade, assim como Élisée Reclus e outros. Porém, para Jaime Cubero, mais importante do que manter esses conceitos na teoria, o anarquista deveria ser aquele que os coloca em prática, pois se trata de uma questão ética. Sobre isso Jaime Cubero faz uma ponderação que revela muito de suas próprias atitudes:

O norte do anarquismo repousa em fundamentos puramente éticos e morais, porque o anarquista sente, simplesmente, prazer em ser digno. É a atitude ética que ele coloca em face da justiça, da equidade, da dignidade humana, da elevação e superação do homem pelo homem. (apud VALVERDE, 2007, p. 402)

Os anarquistas não são elefantes brancos ou exemplares de uma espécie rara cujo comportamento se torna objeto de curiosidade. São humanos, com a mesma carga de sentimentos, virtudes e fraquezas cujas ações no cotidiano não diferem dos outros. Carregam, isso sim, um ideal que os singulariza, em diferentes graus, segundo o meio em que vivem e o nível cultural que atingiram e procuram elevar. (CUBERO, 1990, p. 4)

A questão da ética entre os anarquistas foi abordada de forma mais aprofundada e com grande riqueza de exemplos no trabalho de Nildo Avelino (2004) que condensa sua dissertação de mestrado realizada pela PUC/SP defendida em 2002, intitulada Antologia de existências e ética anarquista. Nesse belo trabalho, assim como na atual investigação, fica evidente a força da pessoa como exemplo, como melhor propaganda do movimento. O trecho abaixo, refere-se a Malatesta, mas pode ser ampliado a diversos outros militantes, inclusive a Jaime Cubero:

(...) uma dimensão do anarquismo que é muito valorizada e que trata do "exemplo como sendo a melhor das propagandas", seja ela oral ou escrita. Trata-se da "vida vivida" do anarquismo como sendo a mais eficaz expressão em detrimento do mais completo sistema ou programa de idéias. É a "atitude anarquista" que transpõe o que é meramente eidético, aquilo que diz respeito às essências, inaugura sua existência, seu uso e disposição ética. (2004, p. 34)

Um ponto que a maior parte das pessoas questiona, inclusive entre as que se consideram "*de esquerda*" é qual seria a solução para as questões econômicas sem a presença de um Estado. Segundo Cubero a chave estaria também no campo da ética:

Regular a economia segundo normas éticas, que surgem do natural anseio à felicidade e ao bem estar, legitimando aspirações justas impede que a economia se transforme num estudo mecânico de fatos frios porque deve referir-se à verdade social e o homem vive no âmbito da ética.

Onde há um ato humano, estamos no campo da ética, e toda vez que o ser humano julga, analisa os fatos econômicos e busca determinar normas, direções para os mesmos, e julga da sua conveniência ou não, da sua aplicação ou não, da sua justiça ou não, está no campo da ética. E é do campo desta que se pode e se deve examinar a questão social e as normas políticas, cuja aplicação é desejada, enfim

todos os temas e problemas que constituem a matéria fundamental das ideias políticas e econômicas.

Em nenhuma atividade intelectual do homem ausenta-se a ética. O dever ser honesto e justo está sempre presente a nortear as intenções humanas, a mostrar-nos os desvios e os erros. Onde há racionalidade, há escolha, há vontade, há intelectualidade, há sopesamento de razões, há eticidade. A ética é inseparável do ato humano e onde este se realiza ela está presente e a economia é uma realização humana e não animal. (CUBERO, Set/1993, p. 12)

Outro questionamento comum é a questão da segurança do país, e nesse caso, os anarquistas têm um embate forte contra o militarismo. Um princípio clássico do movimento é a não existência de fronteiras entre os países, essa é uma convenção criada por homens, logo, pode ser modificada por eles. A questão militar será necessária somente enquanto as fronteiras continuarem a dividir as pessoas e o etnocentrismo imperar em discursos nacionalistas ou até regionais que instigam a xenofobia.

Os anarquistas têm convicção de que numa sociedade capitalista, seja de livre mercado, seja de capitalismo de Estado, o militarismo jamais será eliminado. O nacionalismo exacerbado que informa toda ideologia do Estado nacional moderno, fonte e sustentação de privilégios, exploração e opressão, em qualquer sistema político que nele se fundamente, também sustenta o militarismo, que se alimenta da mesma ideologia. É da tradição do movimento anarquista combater o militarismo. A luta contra a instituição militar, face às suas características atuais não pode ser isolada da grande luta pela transformação da sociedade. Combater o capitalismo e o Estado é a melhor maneira de combater o militarismo. Libertar as consciências com análises críticas, objetivas, com clareza, mostrando que o problema é muito maior, que vai muito além da farda. (CUBERO, 2009, p. 192 - 193)

Jaime Cubero (2009) apresenta dados sobre a disparidade entre os investimentos realizados pelos governos com as guerras e com a saúde, educação e outras políticas de bem estar social, demonstrando como o dinheiro despendido com armas e militares poderia erradicar doenças que assolam a humanidade, entre outros exemplos. Denuncia também a força da indústria bélica e os laços entre os governos e os mercadores da morte (p.197), em nome da defesa do cidadão, são os cidadãos que vão morrer, pois a única intenção no militarismo é defender o Estado, a sua estrutura e patrimônio.

Isso demonstra, com mais vigor, que o grande "vilão" a ser combatido é o Estado e o Capital, como diz Cubero: *"Ninguém vai pedir licença ao governo para*

combatê-lo. O anarquismo é, pela sua própria essência, um movimento clandestino." (apud SILVA, 2012, p.16). E esse combate não necessariamente deve ser um combate direto, *o anarquismo tem a faculdade de se reciclar, é algo que não é fechado, ele está sempre aberto a novas contribuições, ele evolui com a evolução do mundo e das técnicas* (op. cit., p.18). Identifico o anarquismo como um líquido que é capaz de penetrar nas porosidades da sociedade, em épocas acaloradas evapora, mas logo se condensa para na primeira oportunidade se precipitar sobre a superfície novamente.

O movimento anarquista, entretanto, enfrenta algumas dificuldades, principalmente porque, diferente de outras militâncias, não há nenhuma perspectiva de que o movimento trará algum benefício financeiro, ou um pagamento pelo seu trabalho. Nesse aspecto *"A militância anarquista é uma doação que o sujeito faz, ele se doa, se dá. A mesma coisa que os cristãos primitivos, eles se davam à causa do cristianismo."* (CUBERO apud SILVA, 2012, p.19). Porque *"o anarquismo não pressupõe a conquista do poder pelo poder, simplesmente, nem deseja os privilégios ou a conquista de bem-estar só para alguns poucos."* (CUBERO apud VALVERDE, 2007, p. 402). Só que ao mesmo tempo:

Hoje em dia você sem dinheiro não faz nada, não paga a gráfica, a aparelhagem de uma rádio. A televisão tem um poder de comunicação enorme. Eu vi isso quando fui no programa do Jô Soares. Foram 22 minutos falando de anarquismo e no dia seguinte parecia que todo mundo me conhecia, muitas pessoas falaram que me viram. (...) Teve uma repercussão grande. Fizeram uma pesquisa por amostragem. O programa do Jô é tarde e é dirigido para um público específico, não é operário, nem quem tem que trabalhar no dia seguinte que assiste, são intelectuais, estudantes... A projeção dava que o programa era assistido por 10 milhões de pessoas, é muita gente. Se nós tivéssemos o acesso à televisão, você imagina o estrago que a gente poderia fazer. (CUBERO apud SILVA, 2012, p.19)

Atualmente, a internet tem sido uma grande aliada para que diversos movimentos sociais possam divulgar seus ideais. Porém seu caráter pulverizador acaba fazendo com que as pessoas que já conhecem o movimento mantenham o contato, mas passam de forma efêmera às demais pessoas. O lado positivo das redes sociais é que pela sua capacidade de espalhar informações, algumas pessoas que nunca ouviram falar de tal movimento social, podem ver uma publicação aleatoriamente e se interessar.

Particularmente sou muito cética quanto a esse meio de comunicação. Pois ao mesmo tempo em que tem uma ampliação de público, na internet a sensação que temos é a de que tudo é efêmero. Não é interessante para os meios de comunicação colocar em pauta a questão do anarquismo, se em algum momento tivesse sido, o termo anarquia/anarquismo, pelo menos, já teria sido desvinculado do conceito do que lhe foi atribuído e incorporado pelo senso comum, de ser bagunça e desordem. Inclusive por que já dizia Élisée Reclus em seu livro *Crescimento da Liberdade no Mundo*: "A Anarquia é a mais alta expressão da ordem". (apud CUBERO, 1989, p. 74-75)

Onde podemos verificar que esses ideais anarquistas funcionavam, ou funcionariam? Em uma das pesquisas que Jaime Cubero fez para falar a respeito do anarcosindicalismo, ele levantou:

Os aspectos mais comuns nos estatutos das sociedades de resistência, associações, uniões, centros operários, sindicatos etc. além de defender os interesses dos trabalhadores lutando por seus direitos econômicos e por sua elevação moral, intelectual, profissional e social eram:

- a) Procurar colocação para os desempregados.
- b) Prestar auxílio e solidariedade aos companheiros perseguidos injustamente por autoridades e patrões.
- c) Não admitir em seu seio nenhuma política partidária ou propaganda de seita religiosa.
- d) Promover a educação e a instrução dos operários e seus filhos através da criação de escolas, bibliotecas, cursos, palestras, conferências e manifestações artísticas.
- e) Não adotar cargos de autoridade, mas apenas de função. Todas as assembléias eram presididas por um companheiro indicado por aclamação no ato. O secretário limitava-se a abrir a Assembléia e pedir que a mesma indicasse um companheiro para presidi-la. A função do presidente era apenas a de coordenar os trabalhos garantindo a palavra a todos que desejassem falar.
- f) Participar do movimento segundo o princípio federalista. (CUBERO, Out/1993, p. 53)

E essas instâncias funcionaram, o próprio CCS como foi apresentado, funcionou e ainda funciona. Mas é preciso ressaltar que não se trata de um processo simples e harmonioso são embates, conflitos, que permitem a transformação. E para

Jaime Cubero ficou claro o caminho com base em alguns contextos históricos que ele mesmo esclarece:

Depois da experiência e do fracasso dos partidos como meio de construir o socialismo via Estado, que só gerou privilégios e castas, só resta o caminho da autogestão. O socialismo só será construído fundado na liberdade, pela descentralização, a autonomia e o federalismo. A organização e a solidariedade internacional, única forma de se contrapor aos poderes transnacionais do capitalismo, seja de que conotação for. É o que se está construindo, com fundamento numa ética e num padrão de valores que começa a mudar objetivamente o comportamento humano. (CUBERO, 1992, p. 96)

No alvorecer de um novo milênio, ante tudo o que ocorreu neste século, face às dezenas de milhões de mortes provocadas pelos "socialismos" totalitários, nazismo, fascismo, comunismo etc., só resta um caminho para superar a barbárie: o socialismo libertário. (CUBERO, 2007, p. 7)

3.4. *Questão sindical*

Analisando alguns textos de Jaime Cubero a questão sindical é recorrente. Por isso faço menção, ainda que breve, aos principais pontos encontrados, pois foi possível observar que em todas as instâncias do movimento anarquista Jaime Cubero ligava as questões pedagógicas, educacionais e culturais:

El anarcosindicalismo, en nuestra concepción, representa una doble fase: es simultáneamente un órgano de defensa y resistencia de la clase trabajadora y una escuela de la revolución social manumisora. Tiene la tarea de resistir a la opresión y a la explotación cotidiana del capitalismo, garantizando un mínimo de autonomía y libertad para la organización de clase y al mismo tiempo ser un espacio de creatividad revolucionaria, donde el trabajador aprenderá lo que es el capitalismo, como superarlo, como establecer la autogestión en las luchas y finalmente como prepara la autogestión completa de la sociedad. Sus actividades pasan por todo un movimiento de pedagogía libertaria y por la necesidad de un saber para los trabajadores. (CUBERO, Out/1993, p. 45)

Para Jaime Cubero (Out/1993) a atuação do sindicato não é somente uma questão de solucionar problemas pontuais da classe trabalhadora, apenas como uma organização de resistência. É um método de luta, que valoriza a experiência e a criatividade do trabalhador, despertando nele a consciência de que a revolta individual que eles já carregam é criada pela injustiça estrutural no sistema

capitalista. Embora admitisse que esse processo necessitasse de vários processos, entre eles, a sensibilização e a formação a partir da elaboração crítica da experiência do próprio trabalhador.

O sindicato deveria ainda, segundo Jaime Cubero (*Op. cit*), possibilitar a prática reflexiva sobre os meios de produção, estimular a prática da autogestão e o trabalho criativo que é impossibilitado na estrutura do trabalho alienado. Na medida do possível, deve promover a criação de escolas libertárias onde os trabalhadores teriam contato com:

la discusión ideológica, el trabajo de ediciones y propaganda, las actividades culturales y artísticas, en fin todo aquello que contribui para la educación integral y completa del ser humano. Estos aspectos no deben de ninguna manera ser olvidados. El trabajador precisa conocer todos los problemas socioeconómicos que reflejan las contradicciones del capitalismo. Desde el problema ambiental y la baja condición de vida al problema de la habitación, por cuya solución no puede dejar de interesar-se; desde el problema de la energia a la carrera armamentista; desde los problemas de medicina del trabajo a todo lo que se refiere a la calidad de vida, y asi todo.

[...]

En fin, el anarcosindicalismo no es un fin en si mismo, es más un instrumento, una táctica, uno de los campos de actuación del anarquismo. (*Op. cit.*, p. 45- 48)

Nessa concepção, o sindicato seria mais uma força anarquista para o propósito de uma transformação, ainda que gradual, de toda a sociedade. Temos que recordar que o movimento anarquista é um movimento de base operária, apesar da grande contribuição de intelectuais. A grande maioria era de operários autodidatas.

Em outro texto dedicado à questão sindical, Jaime Cubero apresenta o desenvolvimento dos sindicatos no Brasil, reforçando que o sindicalismo brasileiro se iniciava com predominância anarquista, internacionalista, situação que foi fortemente combatida no Estado Novo Getulista.

Em 1892 foi criada uma Federação de Bolsas de Trabalho, primeira organização sindical nacional francesa que desenvolve uma imensa obra cultural, com escolas profissionais, bibliotecas, museus e tudo o que leva à educação dos trabalhadores. (CUBERO, Dez/1989, p. 50)

O fato é que no Brasil se praticou o anarco-sindicalismo desde as primeiras organizações de resistência, a ponto de um membro do secretariado Geral da AIT, em 1987, ao ler os conceitos e moções aprovados no 1º e 2º Congressos Operários de 1906 e 1913, disse ter encontrado aqui a forma mais clara e adequada de expressão do anarco-sindicalismo. (...) Não é nada mais do que a autogestão dentro do movimento operário. (Op. Cit., p. 51- 52)

Parte importante da forma de atuação do movimento anarquista, e igualmente dos sindicatos com a mesma visão, é a sua configuração federalista. A forma de representação era descentralizada e valorizava o indivíduo. Esforçava-se para minimizar burocracias desnecessárias, a cada esfera o que deveria ser levado adiante eram as demandas comuns a toda a classe.

(...) Praticando a descentralização procura eliminar toda burocracia. Praticando a autonomia desenvolve o máximo de liberdade a partir do indivíduo na secção sindical e em todas as instâncias até a confederação, desenvolvendo a solidariedade. Praticando o federalismo encaminha os estudos e a solução para os problemas de interesse comum. (CUBERO, Dez/1989, p.52)

Jaime Cubero não ficou só na teoria e nos textos, teve voz ativa quando foi jornalista no *Jornal O Globo*. Segue abaixo o seu próprio relato sobre o motivo de sua demissão:

Eu voltei do Rio de Janeiro porque fui demitido d' O Globo. Foram demitidos 80 jornalistas porque fizemos greve e não podíamos, não estava na nossa data de reivindicação. Fizemos uma greve em solidariedade aos gráficos e paramos o jornal. O Roberto Marinho (dono do jornal) ficou louco. Eu era subchefe do arquivo de redação, mas fazia de tudo lá dentro, e eu levava as matérias e os editoriais para ele ver. Ele me conhecia bem. (...) "Eu não sei o que nenhum deles fez (eu sabia, né?), mas eu vou falar o que eu fiz. Eu participei da greve, eu fui da comissão de salário, estive nas discussões, na passeata da Rua Almirante Barroso. E fiz tudo isso porque o nosso salário aqui é incompatível com a nossa profissão". Descarreguei tudo. Ele ficou ruborizado: "O senhor fez muito mal porque eu dei o maior aumento para os jornalistas no Rio". "Deu o maior aumento porque o senhor paga 32 mil cruzeiros para um redator, o Jornal do Brasil paga 52. É impossível que ele desse um aumento igual ao seu". Ele ficou uma fera e terminou dizendo: "Para trabalhar n'O Globo precisa estar afinado com a ideologia do jornal, com a sua orientação. Ninguém que for contra essa orientação pode trabalhar no jornal. Se vocês quiserem voltar, podem voltar. Mas têm que escrever um documento confessando que cometeram falta grave, prometendo não cometer de novo. Eu prometo não utilizar esse documento junto ao Ministério do Trabalho em qualquer causa trabalhista contra algum de vocês, mas me reservo o direito de mostrar para todos que trabalham n'O Globo".

Claro que a turma não ia se humilhar tanto, mesmo assim teve uma moça que escreveu. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 22 - 23)

Após algumas vezes em que foi abordado, por outros funcionários do jornal O Globo, para que reconsiderasse e voltasse a trabalhar no jornal, Cubero respondeu na mesma toada:

Fala para o Dr. Roberto que, eu, Jaime Cubero, só volto a trabalhar n'O Globo se o Roberto Marinho escrever um documento dizendo que ele se enganou me demitindo, prometendo nunca mais cometer tal engano e eu prometo não usar esse documento no Ministério do Trabalho, mas me reservo o direito de mostrar para todos os demitidos". (Ibid., op. cit)

É possível imaginar que nunca mais o procuraram para tentar convencê-lo a voltar a trabalhar no O Globo. Mas não foi apenas nesse episódio que Jaime Cubero demonstrou toda a sua coerência com os seus preceitos. Em outra passagem (*Op. Cit.*, p. 23) nos conta que ao trabalhar em um jornal de esportes, o superintendente solicitou que ele indicasse dois funcionários para serem demitidos, e então, como ele seria incapaz de realizar tal indicação, optou por pedir sua própria demissão. Difícil para alguns compreender como alguém pode abrir mão do seu trabalho, de sua forma de sustento, para não comprometer-se com a demissão de outros colegas. Mesmo sabendo que muito provavelmente, com a ação dele, ainda assim alguém mais foi demitido. Mas Jaime Cubero não conseguiria ser conivente com tal situação.

Imagens 03 – Jaime Cubero no Jornal O Globo – Matéria publicada em 13/MAI/1957

"VIERAM OBSERVAR COMO FUNCIONA 'O GLOBO' – Estiveram em visita ao nosso jornal alguns dos responsáveis pela revista SPV, da Diretoria de Rotas Aéreas, especializada em assuntos do Serviço de Proteção ao Voo (donde o seu nome, SPV). A organização do Arquivo os impressionou de modo especial tendo sido cumprimentado, por isso, o chefe daquela seção, nosso companheiro Liberto Lemos Reis. "Vamos tomar o exemplo de O GLOBO em várias das nossas iniciativas", disse-nos o secretário geral da revista, Sr. Fernando Pinheiro. *** Na gravura, os visitantes (os três da direita), Srs. Odair de Oliveira, Florisvaldo de Oliveira Couto e Fernando Pinheiro, recebendo algumas explicações do nosso companheiro Jaime Cubero, no arquivo, a respeito da organização do fichário de pessoas.

Fonte: acervo pessoal de Pamênides Cuberos

3.5. Jaime Cubero - uma referência

Jaime Cubero demonstrava grande domínio histórico em suas falas e textos, por conta disso, mas não só, ele foi muitas vezes convidado como especialista de notório saber para palestras em universidades, participou de bancas de avaliação de pesquisas acadêmicas, entre outros.

Parte de seu conhecimento histórico deriva de suas constantes leituras. Porém o que mais se destacava e despertava o interesse dos que o buscavam como referência, era seu saber narrativo (BENJAMIN, 1994, p. 221) composto pela sua própria experiência vivencial, ou pela incorporação da dos outros companheiros. Fatos históricos que ficaram somente na memória e não nos livros, como podemos observar no texto "Reflexos da Revolução Russa no Brasil":

Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro" em 18 de novembro de 1918: "José Oiticica, foi preso por volta de 14 horas em seu escritório. Entre os muitos presos estavam Astrogildo Pereira, José Elias da Silva e João da Costa Pimenta que depois participariam da fundação do

Partido Comunista Brasileiro. José Oiticica, sendo indicado presidente do Conselho durante os preparativos e como a principal figura no episódio chegou a ser chamado de "Lenin Brasileiro". (...) Florentino de Carvalho foi o primeiro anarquista brasileiro de projeção a atacar os bolchevistas russos. (CUBERO, 2007, p. 3)

Durante os primeiros meses de 1921, um emissário do regime russo procura Edgard Leuenroth propondo-lhe a fundação do Partido Comunista do Brasil, ante sua recusa, pede-lhe que indique outra pessoa. Leuenroth indica Astrogildo Pereira que insistia nessa ideia sob a alegação de que era o caminho mais curto e eficaz para chegar ao socialismo libertário. Astrogildo ainda acreditava que a Revolução Russa era o caminho. O Partido Comunista do Brasil foi fundado num congresso realizado no Rio de Janeiro de 25 a 27 de março de 1922, por 11 ex-anarquistas e um socialista. (CUBERO, Op. Cit, p. 5)

Ou em sua fala transcrita por José Carlos O. Morel em comemoração aos 50 anos da "Batalha na Praça da Sé". Por tratar-se de um episódio que poucos conhecem, busquei manter a fala do próprio Jaime Cubero:

O assunto que vamos abordar hoje é um pequeno episódio no Brasil da grande tragédia que foi o advento do nazi-fascismo no mundo. Sem contar os milhões de seres humanos sacrificados nas ações internas em que os totalitarismos deste século provocaram nos países onde tomaram o poder, só na 2ª Guerra Mundial foram mais de 50 milhões de mortos.

[...]

No Brasil, a trajetória da luta antifascista foi pontilhada de episódios heróicos principalmente a participação de anarquistas e do movimento libertário em geral. Queremos prestar uma homenagem à Maria Lacerda de Moura, que em 1928 desencadeia a primeira grande reação contra o fascismo no Brasil. (CUBERO,1998, p.1)

Confrontos violentos se verificam com frequência, como o ocorrido na Av. Rangel Pestana no dia 14 de Novembro de 1933, quando após um ato público trabalhadores anarquistas residentes no Brás, quando voltavam para casa foram atacados por fascistas armados que se aproximaram de automóvel. Quando estes, que também estavam armados revidavam aproximaram-se mais três carros, conduzindo pessoas que desceram atirando e que posteriormente verificou-se tratar-se de policiais que atingiram um dos trabalhadores. (Op. Cit., p. 4)

Toda a grande imprensa relata os fatos de forma capciosa, chamando genericamente de comunistas todos os anti-fascistas e apoiando os integralistas e a polícia. Também os jornais das facções marxistas, componentes das vazias "frentes únicas" procuram tirar todo proveito distorcendo os acontecimentos escamoteando os verdadeiros atores do evento; e até hoje distorcem a história. (Op. Cit., p.5)

Quando Jaime Cubero (*apud* SILVA, 2012, p.24) fala sobre os períodos de repressão, ele tende a afirmar que além da censura declarada, as próprias pessoas se autocensuram como forma de autodefesa, afastando-se dos movimentos políticos a fim de se preservarem.

Jaime Cubero compartilha, em sua entrevista, um fato curioso que ocorreu durante a ditadura militar, quando diversos anarquistas foram presos no Rio de Janeiro. Demonstrando que ao ter contato com as atividades desenvolvidas nos centros culturais, até pessoas que aparentemente seriam completamente conservadoras e assumiram posteriormente cargos que exigiriam uma postura mais rígida, são capazes de reconhecer a importância, educacional inclusive, que esses espaços possibilitavam:

[...] um cara que depois foi delegado do DOPS acompanhava, no Centro José Oiticica, uns cursos de psicologia. Eles falaram desse cara para os advogados. Depois ele virou diretor do DOPS no Rio de Janeiro. E resolveram chamá-lo como testemunha de defesa, já que ele frequentava o Centro. Ele foi lá e rasgou o verbo: "O governo devia é dar dinheiro pela obra de educação que eles fazem, devia ajudar e não perseguir e prender". Isso conseguiu livrar todo mundo. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 28)

Por conta desse vasto conhecimento histórico sobre o movimento e demais fatos ocorridos na história nacional e mundial, Jaime Cubero era considerado por muitos como uma "enciclopédia anarquista" tudo o que lhe era perguntado ele tinha uma história ou resposta, e se não tivesse ele pesquisaria e retornaria com uma contribuição.

A habilidade e disposição que Jaime Cubero tinha para compartilhar seu conhecimento e vivência contribuiu, como já dito anteriormente, para que fosse sempre requisitado para participar em congressos, palestras, bancas. Era consultado para realização de pesquisas de todas as ordens: monografias; trabalhos de conclusão de curso; mestrados; doutorados. A dissertação de mestrado de Paulo Borges (1996) *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista em São Paulo 1945-1954*, é exemplar, pois contou com a participação ativa de Jaime Cubero como fonte.

Entre tantos, um exemplo internacional foi a fala proferida na exposição *Barcelona Anarquista* de outubro de 1992, em que Jaime Cubero falou acerca de sua concepção do anarcosindicalismo.

Nos apêndices temos um quadro com a relação de parte dos eventos em que Jaime Cubero foi convidado a participar. Essa relação foi compilada a partir de cartazes, folhetos, cartas-convites e manuscritos que Jaime Cubero preparava para suas falas. Portanto, sabemos que não se trata da totalidade dos eventos que teve sua participação, mas já é uma amostra rica. Os documentos foram organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos e José Carlos O. Morel, após a morte de Jaime Cubero, e estão guardados na residência de Parmênides Cuberos, que os confiou a mim para realização dessa pesquisa.

O quadro ajuda a reforçar que Jaime Cubero era solicitado em sua maioria por seu conhecimento histórico. Dos 42 eventos listados 33% são sobre uma abordagem histórica; depois temos a recorrência de eventos que abordam o anarquismo de forma geral, sendo 31%; os que exigem uma fala direcionada às questões sindicais e aos trabalhadores são 17%; e a educação, como tema direto, aparece em 14%; os outros 5% são temas específicos, como o voto e a paisagem urbana.

Mesmo que a educação, como tema direto, corresponda a apenas 14% dos eventos em que Jaime Cubero foi convidado a participar, percebo na leitura de seus manuscritos, diversas vezes citados na pesquisa, que ele incluía a educação e o anarquismo em todas as suas falas, que sempre envolvia a questão do conhecimento, da formação e dos princípios anarquistas-libertários.

Em uma carta enviada à Jaqueline sobre o "amor livre" é possível notar como Jaime Cubero era solicitado para realização de pesquisas e o seu pronto atendimento às demandas:

A premência de tempo me impede de procurar material relativo ao tema solicitado, se bem que não lembro de nenhum livro ou mesmo alguma monografia que trate especificamente do assunto, embora com certeza existam.

[...]

O tema do amor livre e de organização da família, num contexto anarquista, têm sido amplamente tratado em artigos e trabalhos publicados em jornais e revistas libertárias, às vezes de forma fragmentária no meio de assuntos mais gerais. Uma pesquisa acadêmica sobre o assunto demandaria muito tempo, considerando ainda a dificuldade de acesso a fontes primárias de documentação. Por isso, no âmbito de uma carta, procurarei transmitir alguns conceitos que possam se constituir numa informação mínima que talvez possa se traduzir numa ajuda para você. (CUBERO, 1990, p.1)

Nilton Melo, durante a entrevista também fala sobre a questão de Jaime Cubero receber pesquisadores, inclusive em sua residência:

ele tinha esse costume de receber as pessoas na casa dele. Inclusive até desconhecidos que chegavam lá, aqueles estudantes... "Ah eu quero fazer uma entrevista, quero um material", ia lá ele e recebia - que é uma das críticas que eu ouço de pessoas mais antigas que conviveram com ele. (...) as pessoas iam lá pessoalmente, pessoas que ele nunca tinha visto na vida, da universidade. Conversava, entrevistava, dava material... depois a pessoa sumia, não dava nem... Teve até um caso aí que é... Ele falava que teve boa parte da pesquisa do, não sei se foi mestrado ou doutorado, que acabou virando um livro, e quando foi abrir a página, não tinha nenhum agradecimento no prefácio⁹. (SANTOS, Out/2013, p. 20)

Mas o não reconhecimento por sua dedicação em cooperar com as pesquisas e investigações pessoais ou acadêmicas, não o desestimulava, pois sua intenção primordial era difundir suas ideias, ideais e perspectivas. Jaime Cubero abordava os lados positivos ao falar sobre a questão da academia atrelada ao movimento anarquista. Sobre a criação do Arquivo Edgar Leuenroth na UNICAMP, que a família do Leuenroth tentou vender para os Estados Unidos, mas não pode, pois ele havia deixado registrado em testamento que o acervo deveria ser usado para a criação de um arquivo da questão social (FERREIRA, 2001, p. 7):

Começou de fato a surgir um interesse universitário pelo Arquivo. Descobriram um filão para fazer pós-graduações em História e outras

⁹ Parmênides Cuberos relata também essa procura ao Jaime Cubero e aos materiais do Centro de Cultura Social e aponta para a crítica feita sobre o pouco retorno para o movimento anarquista em si, embora considere toda forma de divulgação válida. No final dos anos 1980 e 1990, com a abertura política, muitos estudantes, em especial, descobriram o movimento anarquista com a retomada mais pública das suas atividades e utilizaram os materiais e documentos que durante muitos anos eram guardados pelos militantes para defender mestrados e teses. Mas somente alguns é que mantiveram algum contato com o movimento anarquista posteriormente. Alguns não retornaram nem mesmo para devolver materiais, documentos e livros que acabaram se perdendo. Essa foi a fonte para muitas críticas da apropriação descompromissada por uma parcela de acadêmicos.

Ciências Sociais. Muitas editoras passaram a criar coleções sobre o Anarquismo. A Contexto criou uma coleção enorme. A uma dada altura, o Jorge perguntou-me se podia fazer um levantamento exaustivo sobre o Anarquismo. Foram feitas pesquisas de investigação sobre o Anarquismo e mesmo teses de doutoramento. O Arquivo do Edgar foi importantíssimo nesse aspecto. Eu próprio fui convidado para o visitar. (...) a difusão do anarquismo foi mesmo muito grande. Fomos convidados para fazer cursos nas Universidades, palestras, etc. Foram abertos espaços grandes neste campo na Universidade de São Paulo. O trabalho na universidade para nós foi muito importante. Havia quem não o considerasse como tal. Temos tido muita adesão a este campo. Os auditórios têm estado sempre lotados. (CUBERO *apud* FERREIRA, Op. Cit., p. 7)

Jaime Cubero relata em várias passagens suas idas à academia, como no exemplo abaixo:

Eu expus (as práticas do anarquismo) numa palestra internacional promovida pelo instituto de psicologia da USP. Organizaram um seminário internacional no laboratório da criança, chamaram pessoas de todos os países e me convidaram para debater numa seção, dentro do encontro, chamada "fronteiras do conhecimento". (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 18)

Outro aspecto positivo ocorrido foi a participação dos acadêmicos que quiseram compartilhar seus conhecimentos em palestras e falas dentro dos espaços coletivos, como o próprio CCS, retomando a dinâmica de *Universidade Livre*, em que o conhecimento ficava à disposição dos interessados e não somente dos privilegiados que entravam pelas portas estreitas das universidades. Os anarquistas de uma forma geral nunca admitiram que a ciência e o conhecimento fossem um privilégio.

Jaime Cubero reconhece também que há dentro da academia uma *militância silenciosa*, digamos assim, mas muito eficaz: "*Você vê dezenas de professores universitários que são anarquistas, atuando dentro da Universidade. (...) Eles fazem um trabalho incrível de propaganda, de passar as idéias.*" (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 19).

Pela própria pesquisa, percebemos que os professores universitários citados, eram oriundos do movimento anarquista, ou transformados por ele. Formados dentro de centros de cultura, como o CCS, ao chegar à academia tinham pelos próprios ideais, uma obrigação de transmitir o mínimo de seus princípios, se não fosse de

forma explícita, era por meio do seu exemplo, criando grupos de estudos, munindo seus alunos de autonomia. Como ocorre no Nu-Sol - Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, e no Lab_arte - Laboratório experimental de arte, educação e cultura da FEUSP, entre muitos outros que não tive contato. Outra pesquisa poderia ser realizada investigando o quanto esses (e outros) grupos carregam em sua estrutura e em suas práticas, os preceitos libertários apreendidos originalmente fora do âmbito acadêmico.

No campo acadêmico tradicional, no Grupo de Pesquisa Educação e Cultura Anarquistas, ligado ao Centro de Memória da Educação da FEUSP, está o acervo do educador anarquista João Penteado. As pesquisas com base neste acervo produziram inúmeros trabalhos de iniciação científica, mestrados, doutorados e o livro *Educação Libertária no Brasil – Acervo João Penteado: inventário de Fontes* (2013) sob organização da Prof. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes.

Além dessa referência intelectual e de sua presença dentro das universidades, Jaime Cubero, como podemos perceber pelo depoimento da Miquelina Veiga, foi algo mais relevante, uma referência verdadeiramente "existencial", um mestre que “ensina, mas ensina algo mais do que aquilo que ensina. O mais alto ensinamento do mestre não está naquilo que ele diz, mas no que ele não diz.” (GUDSDORF, 1987, p. 95):

Naquela época eu estava fazendo Letras... na minha carreira não influenciou. **Ele influenciou no ser humano Miquelina** [...] falar do Jaime é realmente falar dessa figura de fundo mesmo. A gente vivia isso na convivência, e vive hoje. Como **uma referência importante, na construção do que a gente é** hoje. Então não dá pra desligar. (*apud* SANTOS, Out/2013, p.14)

3.6. Imanência, Transcendência e Religião

Oração¹⁰

Minh'alma flutua por sobre o Cosmos...

O mundo é criação do meu Sonho...

Eu sou o Criador de mim mesma...

Através de mim perpassam todas as correntes de Amor, refletidas no Arco-Íris de luz da Grandeza Espiritual dos Cosmos incriados.

Sou um Centro irradiador de poder sobre mim mesma, um ritmo no hino Cósmico, uma nota perdida na orquestra infinita da Beleza, na concepção máxima a que pode atingir a Mente Humana.

¹⁰ A Plebe (SP), (nova fase), ano I, nº6 (31 dez. 1932) *apud* PRADO e HARDMAN, 1985, p. 32-34

O Amor – o Deus único nos parques silenciosos das minhas Catedrais interiores – canta, dentro de mim, o poema da Vida Eterna.
 Os ídolos não os reconheço.
 Porque...
 Só para amar foi feita a Vida...
 Cada ser é um elo da grande corrente do Amor Universal.
 Os erros e os crimes lesa-felicidade humana – não estou disposta a continuá-los com a cumplicidade do meu Ser.
 Não matarás – é o segredo da Esfinge na evolução humana.
 Jamais levantarei a pureza dinâmica das minhas mãos para macular o meu Ser no sangue de meu irmão.
 Governo todo o meu mundo interior.
 Eu sou a Ética e o Luiz da minha própria evolução. Através do meu ser coam-se todas as luzes e todas as cores e todos os sons e todas as flâmulas de energia do lampadário ondulante da Vida em todas as suas estupendas manifestações.
 Eu sou um átomo de Luz, um criador de serenidade, um dispersador de Forças no grande concerto Cósmico. Eu sou um ritmo colorido e flamante, em Arco-Íris, refletido no Oceano do Amor e da Sabedoria. Eu sou o Artista Absoluto, criador dos meus Sonhos, escultor do meu Pensamento, burilador da estátua do meu Ser, domador de corcel da minha Vida.
 Sou forte, tenho uma vontade energética e perseverante coragem e quero ser um canal por onde perpassem todos os ritmos da Beleza máxima e da máxima Sabedoria.
 Sou invencível porque sou o Amor.
 Nada pode ser contra mim.
 E ninguém, absolutamente ninguém, me pode prejudicar.
 Matei de mim o Medo, o Ódio, a Inveja, a Vingança, o Orgulho, a Vaidade.
 Não quero mais despertar a besta-fera adormecida, enjaulada nas ciptas profundas do meu inconsciente instintivo.
 O Amor transborda no lampadário dos Astros ou no lampejo cintilante do olhar materno, divinizado pela maternidade espiritual.
 Saibamos extrair o Amor dos escombros, das ruínas, dos erros e crimes perpetuados por todas as civilizações de bárbaros.
 Não sejamos cúmplices dos carrascos do gênero humano.
 Glória à Liberdade!
 Não mais sirvamos de capatazes e escravos, lacaios do dominismo ou do servilismo e da covardia do rebanho social.
 A minha pátria é o meu coração.
 A minha pátria é minha Razão.
 A minha pátria é o Universo.
 A minha pátria não tem fronteiras: vai até o coração imerso de todo o gênero humano e considerado nas unidades individuais.
 Minha Religião é a Religião do Amor e da Beleza.
 A minha metafísica livre é embalada no “sorriso da dúvida e na música do sonho”. É um poema... Não tenho Religião, porque minh'alma é profundamente religiosa... da Religião, do Amor, da Beleza, da Sabedoria. Venham a mim, ó meus irmãos, amigos e inimigos. A todos eu amo com a Sabedoria do Coração.
 Apertemo-nos as mãos no gesto altivo e nobre e grade e forte da Solidariedade Individual – para a Paz entre os humanos, para novos e mais altos destinos no seio da Harmonia Cósmica.
 Glória à Liberdade!
 Glória à Sabedoria!
 Glória à Beleza!
 Glória ao Amor!
 Glória à suprema Beleza do Amor no coração dos seres humanos.
 Glória a tudo que vive e soluça e canta e sonha na escala magnífica – para além do Tempo e para além do Espaço...
 Glória a todas as estupendas maravilhas do Universo de cada Ser livre é um Centro irradiador de Força e Beleza, de Amor e Sabedoria.

Maria Lacerda de Moura

Esse poema de Maria Lacerda de Moura é o retrato da concepção da cosmologia anarquista em sua vertente mais generosa, onde o eu, o outro e o mundo formam um totalidade indissociável. Bastante próxima das concepções do que é o mundo para José Oiticica (2006):

O mundo é um jorro de energias. Essas energias manifestam-se sob vários aspectos: luz, calor, eletricidade, magnetismo, gravitação etc. O corpo humano, como o de qualquer ser vivo, é também um equilíbrio de energias entre energias universais, ou, mais claramente, é uma máquina transformadora de energias cósmicas, absorvidas no alimento e ar respirado. Quando a máquina, por algum defeito, se torna incapaz de operar convenientemente essa transformação dá-se o depauperamento do corpo e a morte. As cinco feições das energias cósmicas, manifesta, em sua existência social, essas energias sob quádruplo aspecto: energias **físicas, mentais, morais, práticas e sociais**. As primeiras chamam-se vulgarmente **vigor e saúde**; as segundas, **inteligência e cultura**; as terceiras, **vontade e caráter**; as quartas, **habilidade e vocação**; as quintas **altruísmo e sociabilidade**. (p. 29-30)

Tais posições expressão uma paixão pela vida que se reflete em grande parte no vegetarianismo assumido por alguns anarquistas por compaixão com os animais; na busca da preservação e bom uso dos recursos naturais, questões em voga com o nome de sustentabilidade, que já estavam presentes nos pensadores anarquistas há mais de um século. A “turma do tomatinho” que é retratada por Jaime Cubero, demonstra também as contradições à que eles estavam suscetíveis, assim como qualquer ser humano:

Depois de 45 [1945], nós tivemos um grupo curioso que era o dos naturalistas. Era um grupo de afinidade formado por vegetarianos, dos quais o Germinal Leuenroth, filho do Edgar era um dos maiores ativistas, e tinham um grupo bastante considerável. Achavam que podiam operar transformações com mudanças de hábitos. Comer carne, fumar ou beber, segundo eles, tornavam os homens mais agressivos. Nós os chamávamos de “turma do tomatinho” (...)

Às vezes aconteciam alguns conflitos entre os naturalistas e o resto do pessoal. Eles tinham uma cozinha ampla na chácara de onde só saía comida vegetariana. De vez em quando o pessoal levava uma carne para fazer um churrasco e uma pinguinha e causava o maior mal astral.

Lembro de uma vez que um grupo de garotos levou um garrafão de vinho e o Germinal jogou tudo fora. Foi uma briga por causa disso, afinal foi uma atitude completamente autoritária. Mas não havia divisões entre nós.

Uma coisa engraçada aconteceu com o Roberto das Neves que era um deles, e uma vez nós o pegamos comendo um sanduiche de

mortadela, foi a maior gozação.” (Jaime Cubero, *apud* BORGES, p.178-179)

Esses posicionamentos de valorização da vida, seja ela, humana, animal ou vegetal é bem demarcada no pensamento-ação de Éliése Reclus (2010) que relata suas próprias vivências ao se defrontar, desde sua infância, com o abate dos animais que já sinalizavam uma dominação humana completamente violenta sobre a natureza e completa:

A mesma degradação sobre o boi, que nós vemos hoje em dia se movendo com dificuldade nos pastos, transformados pelos criadores em uma enorme massa ambulante de formas geométricas, como se tivesse sido desenhado previamente pela faca do açougueiro. E é a produção destes monstros que nós aplicamos o termo “criação”! Eis como os homens cumprem sua missão de educadores quanto aos seus irmãos, os animais!

Quanto ao resto, não é assim que nós agimos em relação à natureza inteira? Solte um bando de engenheiros em um vale charmoso, no meio de prados e árvores, sobre os bancos de qualquer rio belo, e verá você em breve o que eles terão feito! Eles terão tido todo o cuidado em tornar seu trabalho pessoal também o mais evidente possível e em mascarar a natureza sob suas pilhas de pedras e carvão; da mesma maneira, eles todos estariam orgulhosos de vera fumaça de suas locomotivas se entrecruzando no céu em uma rede imunda de faixas amareladas ou negras. É verdade que estes mesmos engenheiros alegam no momento embelezar a natureza. (p. 7)

É perceptível nessas posições de compreensão da vida como uma totalidade que nela está seu caráter transcendente e imanente. Parece-me, entretanto que há um tabu a respeito da questão religiosa de uma forma geral. Seja dentro da área acadêmica, ou no interior dos movimentos sociais, muitas vezes como uma laicização, ou pelo próprio ateísmo.

Esse foi um dos pontos que chamou minha atenção ao ler os textos de Jaime Cubero, pois há muitas referências, inclusive pelo fato de seu primeiro contato envolvendo o anarquismo, ter sido através de prerrogativas anticlericais. Essas referências chegaram até ele por meio de José Lemos, anticlerical ferrenho e militante anarquista, pai de Liberto Lemos (que se tornou seu cunhado ao casar com Aurora, sua irmã gêmea):

Quando eu tinha mais ou menos 12 anos fiquei muito doente, até fiz uma cirurgia. (...) Ele (José Lemos) começou a me visitar e começamos a conversar. Então ali comecei a deixar a religião (...) **Eu**

tinha muito forte aquela coisa de religião quando era menino, e com aqueles diálogos, aquela coisa toda, ele acabou mudando minha cabeça. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 8 – grifos meus)

Mesmo com essa base anticlerical, que chegou a alterar sua concepção religiosa, Jaime Cubero não se tornou uma pessoa sectária, ou preconceituosa com as religiões, diferentemente de José Lemos, como veremos adiante. Encontrou inclusive espaço para falar sobre anarquismo dentro de instituições de base católica, evidentemente, para uma parcela já influenciada pela *teologia da libertação*:

Numa ocasião me pediram para fazer uma palestra num colégio de freiras, e uma das meninas perguntou para a madre-superiora se poderia perguntar qual era a posição do anarquismo face à religião. Eu estava contornando a situação, falando somente de anarquismo. Isso deu chance para eu falar à vontade. Comecei falando a respeito do sentimento religioso que pode ser inerente a qualquer pessoa, aquela espécie de **anseio ao transcendente**, procurando respostas para aquelas questões ainda sem respostas. Depois falei da Igreja, da instituição. E quando eu ia malhando a Igreja, a madre ia balançando a cabeça, aprovando. Pois você vê, era o pessoal da teologia da libertação. Chegaram a me convidar para fazer palestras em conventos, tinha uns 22 padres, dois monsenhores e umas freiras. Eu cheguei lá oito horas da manhã e ficamos até uma hora da tarde, parecia uma reunião subversiva mesmo. E era tudo no sentido político, da sociedade, da religião... (Op. cit., p. 9 – grifos meus)

Não encontrei registro que permitisse saber se primeiro Jaime Cubero realizou as palestras para o público da teologia da libertação, ou se já frequentavam o CCS antes disso. Em 1986, Doris Accioly e Silva organizou com Jaime Cubero no CCS (quando estava localizado na Rua Rubino de Oliveira, 85) um seminário sobre educação libertária, convidando, entre outros, o Prof. Carlos Rodrigues Brandão – estudioso da Cultura Popular e de Paulo Freire – que falou sobre a Pedagogia Libertadora. Houve muitas discussões após sua palestra, durante as quais a posição de Jaime Cubero foi receptiva sem deixar de ser crítica e de diferenciar as duas concepções, a cristã: “libertadora”, e a anarquista: libertária. Participaram desse seminário também: Fernando Prestes Motta, Beatriz Tragtenberg e Lúcia Bruno.

Jaime Cubero relata que em um dos encontros no CCS o palestrante convidado faltou e ele sugeriu que Rui Manoel, um frei da vertente da teologia da libertação que estava presente, realizasse a palestra sobre essa vertente:

(...) Aí eu disse: "Não temos palestrante, mas temos o frei Rui Manoel. Ele pode nos falar da teologia da libertação, de qualquer maneira um tema interessante para nós conhecermos" (...) As moças perguntavam como um homem bonito como ele resolvia seu problema sexual e coisas assim. Rapaz, ele deu voltas e acabou dizendo assim: "Eu sou favorável ao casamento dos sacerdotes, mas eu vou muito além. Sou favorável a qualquer opção sexual do sacerdote". (Op. cit., p.35-36)

É possível imaginar os comentários que renderam a fala do frei, mas como já foi bem apresentado anteriormente, o CCS era o espaço em que toda visão de mundo era bem vinda para alimentar os debates e realizar a abertura de novos horizontes – exceto posições fascistas, nazistas ou congêneres. Miquelina Veiga lembrou também da participação de Plínio Marcos no CCS, apresentando sua pesquisa sobre *Blavatsky*, esoterismo e espiritualidade:

[...] uma das palestras também bastante marcante que a gente teve através do Jaime, foi o Plínio Marcos. Ele foi lá falar sobre Blavatsky, que era uma pesquisa dele naquela ocasião. (...) Foi quando ele publicou a Blavatsky. (...) E foi muito legal por que além da figura emblemática que ele é, ele se sentia extremamente ambientado num lugar como aquele (o CCS). E foi uma das coisas mais legais porque ele foi falar sobre esoterismo, foi falar sobre uma figura que também era subversiva na Rússia, e que trazia também para o Plínio Marcos essa questão de espiritualidade. A gente falava de tudo no CCS na verdade. (*apud* SANTOS, Out/2013, p. 19)

Jaime Cubero aparentava ser um grande curioso sobre os assuntos religiosos, buscando-os não só para seu conhecimento particular, mas também para o coletivo, no CCS. Inclusive por meio de pessoas que pudessem contribuir compartilhando suas visões, demonstrando que a religião, a partir da argumentação pode e deve ser discutida, zelando sempre pelo respeito às escolhas individuais.

Eu sou muito como São Tomé: é ver para crer. Mas ao mesmo tempo não me recuso a ver se a ocasião se oferece. Tem muito anarquista, como o pai desse meu cunhado (José Lemos), ele xingava deus "Deus é isso, deus é aquilo". Mas como você xinga deus se você não acredita na existência dele? (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 38)

A respeito da postura do José Lemos, Parmênides Cuberos se recorda de suas "brigas e entraves" com a divindade: "*Meu tio Liberto, o pai dele, o tio José Lemos, (...) na semana santa (...) ele fazia churrasco de propósito. (...) acho que chegou a proibir a palavra Deus. Se não me engano não pronunciava a palavra Deus.*" (SANTOS, Dez/2013, p.9-10). No encontro com Maria Cubero ela se

recordou também uma vez em que José Lemos martelou uma moeda com uma santinha.

Essa postura que busca reforçar certa raiva e intolerância à figura divina, o próprio Jaime Cubero questiona: *como você xinga deus se você não acredita na existência dele?*. Qual a necessidade de provocar algo em que não se acredita? Talvez somente para se autoafirmar e tentar *converter* os devotos, chocando-os com suas ações. Já ao questionar Parmênides Cuberos sobre como foi a questão religiosa em sua formação, vemos uma postura mais naturalista e indiferente:

A ausência de Deus era algo tremendamente natural. Como eu não tive autorama, também não tive Deus. (...) Acho que sempre fomos criados, eu e minha irmã, como algo natural (...) natural como beber água, mamar... (...) A minha mãe veio em 57 pra cá, então ela pegou uma parte da ditadura franquista, muita gente foi torturada nas igrejas de Franco. Então o meu pai no meio desse caldeirão todo... virou uma família anticlerical, totalmente. (*apud* SANTOS, Dez/2013, p.7)

Aqui encontramos uma semelhança profunda com o relato de Ricardo Mela sobre a educação de seus próprios filhos, que também não possuíram nenhuma formulação sobre a existência de alguma figura divina:

Uma criança instruída segundo os verdadeiros conhecimentos científicos provavelmente não perguntará sobre a existência de Deus, porquanto nem sequer terá notícias de tal ideia. (...) Quem escreve essas linhas pode oferecer a experiência de onze filhos, que mesmo não tendo sido educados no necessário rigor científico, jamais formularam tal pergunta. Quando pequenos, porque não tinham a menor ideia sobre isto, e quando mais velhos, porque sem dúvida no ambiente do lar, no exemplo de tudo quanto os rodeava e nos livros de que dispunham – e havia-os das mais distintas tendências – encontravam respostas satisfatórias às indagações da sua inteligência. (*apud* MORIYÓN, 1989, p.77)

Contudo Parmênides Cuberos também relata que poderia existir ainda alguma referência religiosa por parte da Maria Cubero, sua tia, pois ele perguntava: "- Tia, você acredita em Deus?", "- Não, não acredito.", depois minha tia falou assim "- **às vezes eu acredito.**" (risos).(*apud* SANTOS, Dez/2013, p.9)

Esse “às vezes eu acredito” de Maria Cubero aparece não como um pecado entre os ateus, mas demonstra uma abertura aos momentos em que um *Deus* é bem-vindo para atender as *ânsias transcendentais*. O próprio Jaime Cubero pondera que muitos anarquistas possuíam a sua dimensão espiritual, ou religiosa. A

espiritualidade se diferencia da religião por estar presente em múltiplas formas de expressão humana. Mas os militantes que a possuíam não expunham ao movimento e muito menos procuravam impor suas visões ao restante do grupo:

Você vê o caso do José Oiticica, quando ele morreu chegou um repórter pra mim e disse: "Você conhece o Oiticica? Eu já soube muita coisa sobre ele, soube que era grão-mestre rosacruz...". E eu disse: "O quê? Porra!". Coisa que eu nunca poderia imaginar. Grão-mestre Rosa Cruz. Ele era mesmo. (...) Mas ele nunca misturou as estações, nunca ouvi José Oiticica dizer nada sobre isso.

[...]

Eu aprendi muito com ele, essa coerência ética. No entanto você vê... vou citar outro exemplo. Aquele professor que fundou as escolas modernas, o João Penteadado. Ele no final da vida virou espírita. Eu depois encontrei uma série de anarquistas espíritas (que eu acho que não é incompatível). Ainda hoje conheço alguns. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 37)

A postura espírita de João Penteadado foi investigada nas pesquisas realizadas a partir de seu acervo. Revelando não ser algo tão *incomum* entre os militantes e era uma atitude de desvincular a religião da instituição Igreja, chegando a ser uma resistência à supremacia do catolicismo da época:

Penteadado foi diretor e redator do jornal espírita intitulado A Nova Revelação e publicou artigos no jornal também espírita O Natalício de Jesus, ambos na década de 1910 e filiados à União Espírita do Estado de São Paulo. Não era incomum a vinculação de anarquistas a variadas tendências espiritualistas, todas marginais ao catolicismo hegemônico ou religiões oficiais. Ser espírita naquele momento e naquele lugar constituía atitude de independência perante a adesão religiosa dominante. (ACCIOLY e SILVA & SANTOS, 2013, p.189)

A posição particular de Jaime Cubero é baseada em outras fontes libertárias, que como ele, compreende a religião e a instituição igreja como coisas distintas, uma como uma dimensão sagrada e a outra, como qualquer outra instituição, uma instância cerceadora:

Eu estou com Herbert Read. Ele acha que a religião é algo da natureza humana. O sujeito se faz perguntas que são irrespondíveis, aquelas eternas perguntas: "Quem sou? De onde venho? Para onde eu vou?". Nem a ciência, nem a filosofia, nem a religião tem respondido de forma satisfatória. Então o sujeito tem um certo apelo ao transcendente, a algo que está além da nossa própria natureza, talvez em outra dimensão, outra condição. (...) Eu aprendi muito com o Mário Santos, que tem um livro que chama O Homem Perante o Infinito, que é um extraordinário tratado de teologia.

Acontece que o próprio Mário põe numa nota de rodapé que aquilo não queria dizer que era filiado a qualquer religião, nem ordem de cunho religioso. Mas ele achava que era da dignidade do filósofo examinar e tomar conhecimento de tudo que possa haver na prática e na natureza humana. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p.37)

A aceitação é simplesmente um ato de fé. (...) Eu, pessoalmente, acho que a religião, no seu verdadeiro sentido, merece ser estudada com todo respeito. (...) A religião é um bom tema... O anarquismo sempre se opôs e combateu a religião organizada e instituída. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 38-39)

Aqui me parece o ponto de convergência com as posturas adotadas por Tolstói, que o belo texto de Christina Lopreatto aponta na influência que Gandhi obteve. Uma noção sobre religião que possui uma base comum e repercute em outros militantes anarquistas que conseguem dissociar a experiência transcendente do vínculo institucional e repressor da igreja, que só estimulam a cisão entre os homens e não a sua união:

Não só as igrejas nunca uniram ninguém, como foram sempre uma das principais causas do desacordo entre os homens, do ódio, das guerras, das inquisições, das noites de São Bartolomeu etc. e nunca as igrejas serviram de intermediárias entre os homens e Deus, o que aliás é inútil e proibido por Cristo, que revelou sua doutrina diretamente a cada homem. (Tolstói *apud* LOPREATO 2012, p. 479)

Tolstói foi incisivo em rechaçar as cerimônias exteriores da Igreja, sintetizando o cristianismo à expressão “ama a teu próximo como a ti mesmo”. Sua identificação com Jesus não se dá pela adoração de sua “divindade”, mas de sua humanidade, uma mártir que morreu por sua doutrina e deixou um legado a ser colocado em prática individualmente, sem qualquer interferência institucional. Segundo Rudolf Rocker (2010), Tólstoi

[...] demonstrou de modo muito evidente que o progresso de nossa chamada civilização é, na realidade, um processo de degeneração física e moral. A busca desenfreada dos prazeres refinados, o luxo desordenado das classes dominantes e a miséria corporal e intelectual nas grandes cidades civilizadas, onde o homem está isolado da natureza, são sintomas terríveis dessa degenerescência. (...)
Tólstoi não é um reformador, não faz parte daqueles que querem curar o mal por meio de pequenas melhorias. Sua doutrina dirige-se contra os fundamentos da sociedade moderna; combate a essência e não a forma de nossa chamada civilização. (p.18-19)

3.7. Outros espaços de atuação

Dentro do contexto do Movimento Anarquista, em que Jaime Cubero foi atuante, existem outros espaços que não poderia deixar de abordar, pois compõem de forma significativa a sua trajetória. A *Chácara* que existiu até 1967/68 e após 1968 o *Nosso Sítio*, e a loja "Calçados Cuberos Ltda."

Imagens 04 – Piquenique de 1º de Maio em 1943

Em pé: Liberto Carrilho, Jaime Cubero e Liberto Lemos; sentado: Nito e Antônio Cubero

sem identificação

sem identificação

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

A *Chácara*, como ficou conhecida, era um espaço rural no bairro do Itaim Paulista (zona leste da cidade de São Paulo), segundo Nilton Melo (*apud* SANTOS, Out/2013, p. 24-25), foi uma área doada ao movimento anarquista ainda na década de 1930 onde o objetivo era criar uma sociedade naturista, em que os membros conviveriam em harmonia e só iriam consumir aquilo que eles mesmos produzissem, assemelhando-se ao que conhecemos hoje como "ecovilas". Porém, ocorreram algumas limitações em manter esse objetivo, pois muitos dos militantes eram trabalhadores e trabalhadoras com famílias constituídas e não conseguiram realizar essa mudança tão radical. Ainda sobre a *Chácara*, Jaime Cubero relata a grande influência dos naturalistas na sua fundação e atividades:

"Formaram até uma sociedade civil (...) chamava "Sociedade Naturalista Amigos de Nossa Chácara. (...) Promoviam muitas atividades junto com o CCS, sendo que a mais agitada era a Festa da Primavera na qual compareciam mais de 200 pessoas na chácara. Mas todo fim de semana você podia contar que tinha um piquenique anarquista por aí. Fazíamos o lanche e depois montávamos uma espécie de karaokê, com musica declamações, etc. Isso tinha um efeito fantástico, era uma prática de convivência anarquista. (Jaime Cubero, *apud* BORGES, p.178)

Durante o Estado Novo de Vargas (1937-1945) a *chácara* foi um local de encontro da militância, onde tentavam manter o grupo unido, realizando piqueniques, palestras, e conversas e discussões que não poderiam ser realizadas em local mais urbano pela repressão e denúncias que existiam. Após 1945, mesmo com a diminuição da repressão e a forte atuação do CCS, a *chácara* era um espaço para a organização mais *específica* do movimento, não era um espaço aberto ao público. Somente a militância fortemente comprometida participava das atividades nesse espaço, entre eles Rodolfo Felipe, Zeferino Oliva, Edgar Leuenroth, Adelino de Pinho, João Penteado, tal experiência perdurou até pouco mais de 1965, início de outra época de forte repressão, onde houve um movimento para aquisição de outro espaço, um sítio, mais conhecido como *Nosso Sítio*.

Jaime Cubero chegou a publicar no jornal Dealbar quando conseguiram adquirir o sítio em Mogi das Cruzes que, após a vitória de adquiri-lo, necessitavam de ajuda para a construção das instalações:

Além de cumprirmos o compromisso assumido com a compra do Sítio fizemos um investimento superior a dois milhões de cruzeiros no mesmo período em que o mesmo foi pago; tal entusiasmo e o carinho que cercam esta iniciativa. Nossa próxima meta: a compra de uma condução para o Sítio e a construção de um salão e instalações que possam abrigar com conforto maior número de freqüentadores e colaboradores. Para tanto contamos com sua ajuda, caro companheiro e amigo!...

[...]

Fazemos nosso o seu apelo: aos que conhecem a iniciativa pedimos que procurem a comissão e ajudem participando como puderem; aos que ainda não a conhecem, procurem conhecê-la para que seja cada vez maior o número de pessoas a colher os benefícios que uma obra daquele significado social proporciona. (1967, p.4)

O *Nosso Sítio*, assim como a *Chácara*, foi um espaço em que se exercia o máximo da solidariedade e do que conhecemos no anarquismo como *apoio mútuo*, desde a construção, manutenção do espaço, as comidas que eram feitas até a organização das reuniões, como Jaime Cubero nos relata:

Nós tínhamos uma Chácara onde fazíamos muitas reuniões, muitos piqueniques, chegando a reunir 200 pessoas em plena redentora. E eles pegaram filmes na casa de um deles e queriam impingir na marra que ali se treinava guerrilha. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 27)

Nós fazíamos mesmo assim as atividades clandestinas na Chácara. Todo mundo passou a frequentá-la. Fizemos mutirões, construímos um salão de 120m², nós mesmos. Teve um domingo memorável em que colocamos 3.300 telhas cobrindo, em 30 pessoas, mais ou menos, inclusive as crianças carregando telha, uns pondo telhas, outros fazendo o ripamento. Foi um episódio marcante. (Op, Cit., p.28)

Com o CCS em São Paulo e o Centro José Oiticica no Rio de Janeiro fechados, em decorrência da Ditadura Militar, as atividades políticas não sendo possíveis de forma pública, assim como ocorreu com a *chácara*, *Nosso Sítio* foi o espaço aglutinador do movimento anarquista, principalmente entre os anos de 1970 e 1980, de forma a manter o grupo coeso e mantendo vivas as suas ideias.

Esse grupo que convivia no sítio é o mesmo grupo que em 1985 reabre o CCS em São Paulo. Por isso, é comum que pareça que os anarquistas ressurgiram do nada em 1985, mas não era do nada, eles estavam sempre em contato por meio do sítio e da loja Calçados Cuberos, como veremos adiante. Para a militância era muito importante que essa convivência reforçasse seus objetivos e princípios, como ressaltava Nilton Melo, na mesma sintonia do depoimento de Jaime Cubero, a capacidade de exercer a solidariedade e a autogestão:

Uma coisa bastante interessante, é que foi totalmente construído pelas mãos dos anarquistas daquela época. Aquelas construções, aquelas casas, foram todas construídas. Todo aquele eucalipto plantado pelas mãos do pessoal, por isso que eu acho que é uma forma de demonstração de autogestão e de ação direta. (Nilton Melo *apud* SANTOS, Out/2013, p. 25)

Por muito tempo o sítio foi mantido em segredo por uma questão de segurança, nele eram escondidos documentos, livros e até pessoas, um verdadeiro refúgio. Mesmo após a redemocratização ele foi mantido com algum sigilo. Nilton Melo conta que só soube da existência do sítio após uns dois anos de convivência assídua ao CCS, e só foi por ter sido convidado pelo Antônio Carlos.

Parmênides Cuberos, no entanto, ressaltava que as reuniões no sítio não eram tão pacíficas como possa aparentar inicialmente. Havia muitos desentendimentos no processo, na busca do consenso. A convivência e a autogestão possuíam suas dificuldades sendo um processo trabalhoso, pois em algum momento a posição de uma pessoa pode não ser aceita pelos demais, mas não se trata de estabelecer uma mera votação e decidir por maioria o que será feito, é necessário buscar um

consenso, compreender as posições até que concordem com o que será realizado. Nas próprias palavras de Parmênides:

O sítio sim foi um refugio digamos assim para os anarquistas na década de 70. (...) Aqui é um belo exemplo de convivência porque para você reunir um monte de pessoas. (...) você construir uma sociedade onde todo mundo ouve - e fale, não é fácil. É muito difícil. Esse foi um grande exercício na prática, porque na verdade era um grupo de pessoas que faziam as reuniões lá, mas quebravam altos paus ali. Altos paus. Lógico que depois chegavam num consenso. O consenso você constrói, mas é difícil de você construir. Não é fácil. O jeito anarquista não é uma coisa doce, né? É uma coisa difícil. Às vezes a gente tem que... É difícil para todos nós, somos seres humanos. Tem que abandonar alguma coisa que você tem. Alguma vontade. Nem todas você abandona, nem todas você deixa porque têm algumas coisas que você guarda para você. Infelizmente somos seres humanos, né? Mas é difícil. Se você tiver vontade você vai construindo pouco a pouco e chega-se a um consenso, mas eu posso falar que não é fácil. Eu lembro aí do meu tio Jaime e todos aí. Altos paus, brigas assim. Não brigas no sentido físico, mas em determinadas discussões. (*apud* SANTOS, 2013, p. 16)

É rica a descrição de como era a relação dentro do sítio, vivida pelas três pessoas que foram entrevistadas. Nilton Melo apontando que no início ele via Jaime Cubero como o dono do sítio, mesmo depois desconstruindo essa imagem, isso era forte, porque Jaime Cubero era o responsável direto pelo sítio, quem guardava a chave e sempre mantinha o espaço limpo, carpido e organizado. Já Miquelina Veiga recorda os jogos de bocha, como algo que a marcou profundamente, por vivenciar um momento em que a malandragem é elemento de descontração:

Viajei, com o Jaime, uma vez só pra o sítio. (...) Era um à vontade extremo. Chegava lá e eles já chegavam e se organizavam lá na intimidade deles e depois era bater perna e era muito interessante, assim, a gente vê o Jaime no sítio, vê de fato ele no sítio, já tendo ouvido muitas histórias sobre o sítio. Então a gente via realmente o "à vontade" que era estar lá, de conhecer aquilo detalhadamente, de ajudar também nas tarefas e da gente viver ali. O pessoal ia jogar bocha, mas era muito engraçado. O jogo é muito engraçado, porque além da habilidade, tem a malandragem, e a gente ria muito, então se criava até situações com a malandragem que criava situações de polêmicas e até gritos, mas que na verdade era puro teatro, era muito engraçado. Então, por exemplo, assistir aquele jogo foi recuperar práticas que familiares deles, do grupo de anarquistas que frequentavam o sítio, e também ver como é que era isso, esse jogo que pertence à cultura ítalo-hispânica, dos imigrantes, e tomar parte disso. (*apud* SANTOS, Out/2013, p. 23)

Parmênides Cuberos recorda de sua infância, e de sua irmã Thalia, que foi em grande parte no sítio, onde aprendiam na prática e na vivência o que era o anarquismo:

Passamos (Parmênides e Thalia) a nossa infância lá. Fui criança de apartamento, e a gente brincava lá no sítio. Quer dizer, as crianças brincavam, praticavam o anarquismo e por aí vai. (...) a prática de fazer jogo, carpinagem (...) As pessoas capinavam, tudo era feito de uma forma comunitária, eu como criança, eu lembro que para erguer uma construção todo mundo se mobilizava a fazer o cimento. (...) Quem fazia o trabalho pesado de capinar e as obras, o trabalho pesado, eram os homens. As mulheres cozinhavam assim. Se você olhar do muro de fora você falará "Mas ali tem certo machismo", mas não é exatamente isso. (apud SANTOS, Dez/2013, p. 17)

Esse possível machismo, não era propriamente machismo como buscarei ressaltar no próximo tópico, pois era uma espécie de *divisão do trabalho* por gênero, de acordo com os padrões culturais em que eles estavam inseridos, mas em nenhum momento isso colocava a mulher e o homem em uma hierarquia.

Durante a entrevista com Miquelina Veiga e Nilton Melo, relatei que a minha orientadora, Doris Accioly e Silva, comentou que Jaime Cubero gostava muito de laranja lima e que suas cinzas foram despejadas sobre o pé de laranja lima que existia no sítio, mas ele disse: *pena que as formigas fascistas mataram o pé de laranja lima... vou falar que elas são formigas fascistas. O pé não existe mais, infelizmente.* (apud SANTOS, Out/2013, p. 26)

Imagens 05 – Nosso Sítio em Mogi das Cruzes SP

20/09/1970 – Em destaque Maria Cubero e Jaime Cubero

20/09/1970 – Em destaque Maria Cubero

07/1972 – Maria Cubero, Navarro, Thalia, Hélio, Lis, Francisco Cuberos com Parmênides, Tales, Cid, Ed, Lourdes.

07/1972 – As crianças sempre participando dos processos no sítio.

06/03/1973 – Almoço coletivo no sítio. Presentes: Jaime Cubero, Ideal Peres, Maria Cubero, Maruja, entre outros militantes e familiares.

Em destaque Jaime Cubero – trabalho coletivo realizados no sítio s/d.

29/06/1965 – no sítio

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Nilton Melo também relatou que o sítio existe até hoje, porém tem sido difícil mantê-lo, poucos são os que se habilitam para realizar a manutenção do espaço e mesmo os encontros realizados lá são esparsos.

Mas como citado anteriormente, a *chácara* e o *nosso sítio* não foram os únicos lugares aglutinadores dos anarquistas em tempos de repressão, principalmente entre o fim da década de 1960, os anos 70 e início de 80, "teve

outras coisas, a sapataria aqui, também no Brás" (Nilton Melo *apud* SANTOS, Out/2013, p. 25)

A loja *Calçados Cuberos* foi o comércio da família que tinha os irmãos Jaime Cubero e Francisco Cuberos como sócios. Na loja trabalharam, além dos irmãos, Maria Jimenez (Maruja), companheira de Francisco Cuberos. Comercializavam sapatos, inclusive os sapatos que eram fabricados por outro irmão, Antônio Cubero que possuía uma pequena fábrica. Poderia ser uma loja como outra qualquer, porém, a loja era um ponto de encontro para os anarquistas. Após o expediente muitas reuniões eram realizadas na loja, muitos livros, documentos e alguns panfletos do movimento anarquista eram armazenados ali. Jaime Cubero relata a experiência na loja de calçados:

(...) eu virei sócio do meu irmão que tinha uma loja de calçados. Vendi um apartamento que eu tinha no Rio e trabalhei com ele até me aposentar em 79. A loja era na Av. Celso Garcia (São Paulo). Durante toda a redentora, época em que o Centro estava fechado, nós fazíamos todas as reuniões dentro da loja. Reuníamos 30, 40 pessoas lá. Chegamos a fazer reuniões com o secretário geral da AIT (Associação Internacional de Trabalhadores), com gente de fora. Era um ponto de referência. Tinha jornalista que dizia: "Ah, sei. Os anarquistas que se reúnem numa sapataria lá no Brás". (*apud* SILVA, 2012, p. 23)

Parmênides Cuberos também relatou o período da loja, embora fosse uma criança, ele ficava alguns dias na loja, normalmente ele ficava em casa com a Maria Cubero, sua tia, mas ainda assim conviveu muito tempo indo à loja onde seu pai e mãe trabalhavam e à noite ocorriam as reuniões:

Voltando à loja. Foram feitas algumas reuniões lá sim. Eu era pequeno, mas eu lembro. Na época de 72 eu era muito pequenininho mesmo, nos anos de chumbo mesmo. Mas eu lembro, pelo menos do que a minha memória me permite, lá dos oito, nove anos de idade. Eu me lembro de algumas reuniões. Depois quando teve a abertura, eu digo até a abertura do governo Geisel lá atrás. Agora que eu contextualizo. Naquela época da década de 80 começou a ter alguns movimentos ali que já estavam... Não propriamente anarquistas, mas movimentos de esquerda começaram a popularizar ali e de uma forma ou outra a loja era sempre um ponto de encontro. Não o único obviamente, né? Mas era um ponto de encontro ali. E obviamente o sítio que era a chácara, né? Isso passou todos os anos 70. (*apud* SANTOS, Dez/2013, p. 15)

Temos poucos registros sobre o período da loja, mas devemos reconhecer que havia um envolvimento profundo dos Cuberos com o movimento anarquista,

pois arriscavam o seu "ganha pão" em favor de uma causa. Sabiam do perigo que corriam de serem denunciados e perseguidos, ainda assim, consideravam mais importante manter o grupo unido e sempre em discussão, mantendo acesa a chama libertária, aguardando o momento de abertura para retomar de forma pública as questões e propostas do movimento.

Imagens 06 – Calçados Cuberos LTDA

Odair (funcionário), Maruja, Francisco Cuberos e Jaime Cubero
- 05/12/1968

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Sacola da loja: Calçados Cuberos – Crediário sem entrada
– Av. Celso Garcia, 725 – Brás FONE: 292-6362 – São Paulo

3.8. *A questão do feminino, do amor livre e da família*

Imagens 07 – Jaime Cubero e Maria Cubero

Possivelmente no casamento (s/d)

Em destaque: Jaime Cubero e Maria Cubero s/d

Em destaque: Jaime Cubero e Maria Cubero s/d

Em destaque: Jaime Cubero e Maria Cubero s/d

Comemoração da Formatura de James (sobrinho) s/d

Jaime Cubero e Maria Cubero indo para o sítio s/d

Maria Cubero e Jaime Cubero em sua casa s/d

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

A entrevista-encontro-conversa com Maria Aparecida Nietto Cubero ocorreu em 17 de agosto de 2014, num domingo nublado, na Casa de Repouso Sol da Manhã em Santo André. Estavam presentes: Parmênides Cuberos Martinez (sobrinho de Jaime e da Maria), sua esposa, Eanne Palacio Leite, sua mãe Maria Martinez Jimenez, mais conhecida como Maruja (Companheira do Chico Cuberos, cunhada de Jaime e Maria) e sua filha Sofia Cuberos Palacio, de apenas 07 meses. Foi a segunda visita da Sofia à tia-avó Maria. Segue abaixo o relato de alguns pontos desse encontro.

Encontrei Parmênides, Eanne e Sofia em sua casa (antiga casa do Jaime Cubero) próximo à estação Armênia do metrô. Passamos na casa de Maruja, onde fui muito bem recebida e logo na estante encontrei um retrato do Jaime com o Chico, no sítio:

Imagem 08 – Jaime Cubero e Francisco Cuberos no sítio década de 1990

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Maruja já havia separado para levar à Maria Cubero café (descafeinado) e chocolate, que não são servidos na Casa de repouso, mas como Maria Cubero gosta muito, sempre levam em suas visitas, inclusive para compartilhar com outros moradores da casa de repouso. Parmênides Cuberos levou consigo uma caixa cheia de fotografias, para auxiliar Maria Cubero a recordar alguns períodos e pessoas.

Chegando à casa de repouso, aguardamos em uma pequena área externa, com bancos, algumas árvores e pássaros. Parmênides foi buscar Maria Cubero, que está em cadeira de rodas, devido à fraqueza que a impede de caminhar ou ficar de pé, mesmo que por pouco tempo. Ela nos recebe com um grande sorriso, explico que minha presença é por conta de um trabalho sobre o Jaime Cubero e ela agradece pela visita, demonstrando grande felicidade. Deixo que primeiro ela possa abraçar a todos e curtir sua sobrinha-neta, para quem ela olha apaixonadamente todo o tempo.

Ao perguntar inicialmente o que o Jaime Cubero representava para ela, ela responde rapidamente: "Ele era tudo para mim. O Jaime era tudo: companheiro, amigo, tudo." A importância deste *tudo* é algo difícil de traduzir em palavras, quando tentei perguntar o que seria o *tudo* ela somente respondia: *tudo, tudo, tudo, ele era tudo*.

Em 1945, Maria Cubero se casou com Jaime Cubero. Namoravam desde os 16 anos. Eram primos de primeiro grau (o pai da Maria era irmão da mãe do Jaime), desde a infância estavam juntos. Pergunto se a família não interviu no namoro e no

casamento, em função de serem primos, mas Maria Cubero afirma que não, que não houve essa dificuldade. Maria Cubero conta que quando eles casaram, fizeram uma festinha na Vila Bertioga em São Paulo capital, com comidas feitas pela mãe do Jaime Cubero. Ela recorda que passaram a primeira noite de casados na casa de uns espanhóis e ao se deitarem a cama estava cheia de grãos de milho, aparentemente uma brincadeira para com os noivos, mas eles sacudiram a maior parte do milho e isso não atrapalhou a noite.

De acordo com um relato de Jaime Cubero, no entanto, ele diz não ter sido logo no início bem aceita pela família a união dos primos:

Eu e a Maria, minha companheira, somos primos e desde muito cedo começamos uma espécie de namoro. A família não era muito a favor, mas acabaram aceitando e nós nos casamos bem cedo, em 1945 quando eu tinha dezoito anos. Desde lá fomos companheiros em uma relação que sempre foi marcada pela liberdade entre nós. (*apud* BORGES, 1996, p. 168)

Após o casamento, Maria e Jaime Cubero moraram por pouco tempo na casa de uns espanhóis, depois foram morar no terreno da fábrica de sapatos do seu irmão Antônio, depois no Rio de Janeiro, ao retornar para São Paulo, moraram com Chico e Maruja, mas depois conseguiram ir morar em um apartamento e, por último, na casa onde Parmênides mora hoje.

Segundo a Maria, Jaime Cubero falava bem, mas não era muito bonito, diz que o que ele mais gostava de ler era filosofia e que sempre gostou de cinema, e ela foi muito com ele ao cinema durante o namoro, depois ele continuou indo, mas ela não, por que ela preferia ficar em casa.

Ao falar sobre as visitas que o Jaime Cubero recebia em casa, Maria diz que elas davam um pouco de trabalho. Lembrou-se de uma vez que ela retornou de uma viagem ao sul do Brasil que tinha feito com Maruja e Chico e quando chegou a casa tinha um monte de moleques na sua casa, uns até dormiram em sua cama. Isso não a agradou, mas era bem característico do Jaime Cubero abrir sua casa.

Maria considera como seus maiores amigos, sua própria família, mas nesse momento percebemos que já era difícil para ela diferenciar o tempo presente do passado. Entre os amigos próximos citou o Tragtenberg, o Zeca (Morel), o Edgar Leuenroth e Mario Santos. Maria Cubero nos disse que Tragtenberg esteve presente

desde o seu casamento, mas Parmênides e Maruja acreditam que eles se conheceram depois. Comentaram que o José Carlos Morel conheceu o Jaime Cubero, por meio do Marcelo Lima que fazia filosofia na USP, segundo eles, foi assim que o Zeca se aproximou e nunca mais se afastou: "é muito próximo à família".

Maurício Tragtenberg foi bem próximo a família e segundo Parmênides Cuberos, ele costumava sempre brincar que Jaime Cubero tinha errado na escolha do nome do sobrinho:

Quem foi um cara que foi muito próximo do Centro de Cultura e foi bem amigo do meu tio Jaime, foi o Tragtenberg. Até eu me lembro bem dele. Como eu era muito bagunceiro, quando ele ia ao sítio ele falou "Jaime você deveria ter dado o nome desse menino de Heráclito não de Parmênides. Porque Heráclito era do movimento e o Parmênides era do ser imutável e tal." Ele falou "Você deveria ter dado o nome dele de Heráclito". (SANTOS, Dez/2013, p. 22)

A relação de Jaime Cubero com o Tragtenberg foi muito próxima e muito semelhante se tomarmos como ponto de partida, por exemplo, o autodidatismo e principalmente a coerência entre teoria e prática. Doris Accioly e Silva nos reforça de Tragtenberg o que se pode considerar o ponto de convergência¹¹ entre os amigos Jaime Cubero e Maurício Tragtenberg:

Dois princípios são nucleares em sua vida e em sua obra: autonomia e solidariedade.

Em Maurício Tragtenberg, eles caminham entrelaçados, carregados de historicidade, atualizando o percurso das lutas e experiências seculares pela liberdade, igualdade e fraternidade. Ao longo de seus escritos e de suas atitudes, é possível vislumbrar a presença daquelas lutas e experiências, dentro de uma concepção da história que não é a de justaposição de tempos presentes ou mera sucessão, mas transformação, transposição delimites, transgressão. (2001, p.77-78)

Maria Cubero vagamente lembrava-se da ida ao "Grupo Juvenil de Estudos Sociais" na Vila Bertioga, que tudo nos indica que foi influenciado pelo Florentino de Carvalho, eles iam juntos em uma turminha: Maria, Jaime, Aurora, Liberto, Chico e outros. Segundo ela eles iam andando, andando e namorando também. Parmênides

¹¹ É importante ressaltar que Maurício Tragtenberg foi próximo do marxismo heterodoxo o que em alguns pontos de vista se distanciam das posições políticas de Jaime Cubero, mas há sem dúvidas, mais elementos que os aproximam do que os afastam.

brinca dizendo: namorava um pouquinho e ela diz: Bastante! Todos nós rimos e percebemos como aqueles momentos eram importantes para ela.

Perguntamos então à Maria se Jaime Cubero era amoroso com ela. E ela afirma: *ele era muito, muito amoroso, não tinha nada do que reclamar*. Nesse momento Maria olha para Sofia e diz "*Mi amor*", após um breve silêncio, Maruja comenta que é uma pena que ele (Jaime Cubero) não a conheceu. Maria diz que realmente ela (Sofia) ia ser um show na mão dele.

Maria diz que o Jaime curtiu muito os sobrinhos e em especial o Parmênides e a Thalia (filhos do Chico e da Maruja), mas também Tales e Hélio (filhos de Aurora e Liberto), com quem ficaram morando por um período de quase 06 anos, em Niterói, depois moraram sozinhos em um apartamento em Ponta de Areia, por mais uns 4 anos.

Maria Cubero retrata o tempo em que frequentava o CCS, como um período muito gostoso, ela ia mais para fazer companhia ao Jaime Cubero, mas quando ia era muito prazeroso. Quando perguntamos sobre o sítio ela e Maruja afirmam que todos trabalhavam muito para manter o espaço, cozinhavam, construíram, limpavam, carpavam, etc.

Em muitos momentos outras pessoas da família eram lembradas, por realizar ações que ficaram marcadas e evidenciavam a referência libertária. Maria Cubero ao recordar de José Lemos, pai do Liberto, sogro de Aurora, lembrava-se dele martelando uma moeda de santinha, com todo o seu anticlericalismo. Parmênides relata a lembrança que Chico contava sobre seu pai (José Antônio) que vendia sorvetes, mas como algumas crianças não tinham como pagar ele dava os sorvetes e logo percebeu que não podia trabalhar com isso. Maruja retrata que durante a ditadura militar, quando as atividades do Centro Cultural foram interrompidas, as reuniões ocorriam na loja e no sítio, e que os materiais, livros e documentos, muitos foram escondidos também dentro da fábrica de sapatos do Antônio Cubero, que era irmão de Jaime Cubero.

Entre as fotos, encontramos uma *carteira de saúde* da Maria datada de 1947, quando ainda era solteira, nela tinha o registro de seu primeiro trabalho como tecelã na Tecelagem Norma Ltda. Ela disse que gostava muito de trabalhar na tecelagem.

Imagens 09 – Carteira de Saúde de Maria Cubero de 1947

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Ao falar em trabalho, Maruja disse que logo que eles retornaram do Rio de Janeiro, Jaime Cubero começou a vender livros da Enciclopédia Britânica. Mas como vendedor ele era um fracasso, porém ótimo organizador, então veio trabalhar na loja *Calçados Cuberos*, auxiliando na parte mais administrativa, diz que Thalia, sua filha, herdou essa característica do tio.

Todo o encontro teve a participação ativa da Sofia, ora com choro, ora com risadas, comendo sua saborosa papinha de beterraba com frango, azeite, rúcula e mandioquinha. E logo foi possível perceber o cansaço da Maria, muito tempo sendo solicitada a lembrar de algo. Durante toda a conversa Parmênides mostrava as fotografias, perguntando quem eram as pessoas das fotos, quando foi, em qual lugar, etc. Optamos então por não estender a entrevista-encontro-conversa. Gostaria muito de ter realizado mais encontros com a Maria, mas para o mestrado não foi possível.

Imagens 10 – Entrevista-encontro-conversa com Maria Cubero AGO/2014

Maria Cubero com Sofia e Maruja

Maria Cubero com Sofia

Parmênides Cuberos, Maria Cubero, Maíra Moraes dos Santos, Maruja com Sofia no colo.

Maíra Moraes dos Santos com Maria Cubero

Fonte: acervo pessoal Maíra Moraes dos Santos

Com a entrevista-encontro-conversa com Maria Cubero foi possível compreender melhor a importância do amor e das relações familiares na trajetória de Jaime Cubero, bem como suas conexões com os princípios libertários. Jaime Cubero expôs em uma carta à Jaqueline, o que ele compreendia e praticava sobre o amor livre. Na carta traduziu trechos do comunicado do "Movimento Mulheres Livres" redigido em um encontro internacional na cidade de Bilbao, Espanha, entre os dias 12 e 15 de abril de 1990:

Nossa Análise Social Demonstra:

1 - que se a situação da mulher evoluiu pelo reconhecimento de sua identidade e por vezes na igualdade de direitos, isto não impede ainda que no plano econômico persistam a exploração e as desigualdades, tanto profissionais como salariais, como no plano moral persiste a manutenção da submissão e da passividade da maioria delas.

2 - Se a consciência não se desenvolve na amplitude desejada menor ainda é o processo de mudança e melhoria nas relações humanas, com a finalidade de acabar com todo o machismo e o feminismo sectários, tanto como o conformismo que relega cada pessoa a um papel preestabelecido.

3 - Nossa vontade se apoia sobre o esforço que é conduzido por companheiras e companheiros, juntos, a fim de modificar profundamente nosso comportamento para por em prática, relações igualitárias e fraternais no sentido da emancipação tanto da mulher como do homem. (*apud* CUBERO, 1990, p. 2 -3)

É importante ressaltar nesta postura uma dimensão não sectária, o que era muito prezado por Jaime Cubero, na busca por romper com qualquer predeterminação imposta pela sociedade. Quando entrevistei Miquelina Veiga, ela relatou como era a relação de Jaime Cubero com Maria e vemos que ele praticava esses princípios dentro da sua relação, na sua intimidade:

[...] uma coisa interessante em relação ao Jaime é que naquela época, hoje em dia parece banal, 30 anos depois, mas ele, por exemplo, ele era presente nas tarefas domésticas, porque a casa era dos dois. É claro que ela ficava com o maior quinhão, porque ela ficava em casa, (...) naquela época que a gente falava uma coisa que hoje em dia eu acho engraçado assim é: "O homem ajuda a mulher". Não, nem o homem ajuda a mulher, nem a mulher ajuda o homem, mas a visão era outra, a de que era uma coisa construída pelos dois, então era uma coisa que fazia sentido para os dois, então a atuação dele também era presente ali. (SANTOS, Out/2013, p. 23)

Essa construção conjunta, onde feminino e masculino não são superiores um ao outro, são potências que podem se unir e compartilhar toda a complexidade que envolve a relação. Não podemos generalizar e dizer que essa era uma postura adotada por todos os anarquistas, Miquelina Veiga também lembra que entre os anarquistas mais antigos o espaço público era o masculino e o espaço íntimo era feminino. Essa divisão de espaços esteve, como já foi dito, arraigada em outros fatores culturais, porém com o diferencial de não hierarquizar a relação. Miquelina Veiga retratou o quanto Jaime Cubero apresentou uma forma diferente de enxergar a questão do feminino:

Essa questão de ser a única mulher também isso faz quanto tempo, de 86 para cá? (...) quase 30 anos, então, as questões do feminismo e da diversidade, ainda não estavam colocadas como estão hoje, então, uma das coisas que eu guardo assim, em relação ao Jaime, é essa visão do relacionamento homem e mulher, como uma das coisas mais positivas que eu pude ver, e mesmo as histórias que o Jaime trazia em relação ao relacionamento com o feminino, era para mim muita novidade, por que em termos de história de vida assim, dentro de uma família patriarcal, em que as mulheres eram para ser vistas e não ouvidas, e mesmo depois, já na juventude, eu não..., é difícil traduzir, mas a sensação que eu tinha em relação à questão do gênero, que o Jaime trazia era muito diferente, e até o fato dele ser de uma geração

bem anterior, ficava assim um choque, era muito interessante de ver que **havia outras possibilidades além da dominação masculina sobre a mulher**, em termos assim, **dominação não só física, mas até racional**, (...) nesse ponto é uma coisa muito marcante.

Agora por outro lado, também tinha uma coisa assim, como eu era a única mulher, tinha uma coisa muito reverente também, um respeito exagerado (...) e eu fui descobrindo em relação a mim mesma, nessa questão da militância também, respeito demais é ruim, a gente quer naquele contexto, a gente quer ser tratada da mesma forma... (*apud* SANTOS, 2013, p. 4-5 – grifo meu)

Jaime Cubero, como já foi citado anteriormente, foi convidado a frequentar o CCS após ter feito um discurso no casamento de sua irmã Aurora sobre o Amor Livre, acredito que o discurso tenha tido o mesmo teor da citação abaixo, onde ele busca definir o amor livre na concepção anarquista:

Vejamos: o que é o amor livre, sempre defendido pelos anarquistas. Nada mais é de que a união de duas pessoas que se amam, sem a interferência de terceiros, sejam de que ordem for, familiares, políticas, legais, religiosas, econômicas etc. etc. Os anarquistas são contra o fato de o Estado intervir e regular uma união que é de exclusivo interesse das pessoas que se unem. Consideram que deve haver absoluta liberdade de se unirem e se separarem quando for da vontade das partes sem dependência de alguém. Eliminando todos os interesses subjacentes que concorrem para a grande maioria dos casamentos, sem estes unicamente uma verdadeira comunhão de sentimentos e vontades tanto mais gratificantes e benéficas serão as consequências e frutos dessa união. Para os anarquistas o amor deve ser livre de toda e qualquer injunção, como interesses econômicos, propriedades, dotes, crenças religiosas etc. Considera que todas essas injunções que desfiguram e viciam muitas uniões são próprias da sociedade fundada em interesses criados, de dominação, que tem suas origens na cultura - para nós do ocidente - judaico-cristã, assimiladas e desenvolvidas pelo capitalismo, gerando leis e imposições que a nível dos indivíduos, principalmente das mulheres, tem sido causa de sofrimentos inenarráveis. Muitos segmentos políticos e culturais, por ignorância ou má fé, tentam desfigurar as ideias e princípios anarquistas e passam a confundir amor livre com promiscuidade. Como se todos os vícios e transgressões morais não fossem uma decorrência direta da própria opressão a que as pessoas são submetidas por múltiplas formas na atual sociedade, salvo os casos de patologia inata. Sempre foi primordial preocupação dos anarquistas o cultivo de uma ética superior. Liberdade não é fazer tudo o que se deseja, mas desejar tudo o que se fizer. Liberdade não é ausência de restrições simplesmente: é responsabilidade, é opção, é a aceitação livre das obrigações sociais. (1990, p. 3)

Nesse trecho, assim como em outros, Jaime Cubero reforça que a liberdade está fortemente atrelada às responsabilidades que assumimos com nossas escolhas,

nas escolhas amorosas não seria diferente. A base dessa definição de "amor livre" se repete no texto "Razão e Paixão na Experiência Anarquista", de forma mais resumida e complementar:

Simplemente a união de dois seres que se amam sem injunção alguma. Sem a interferência do Estado, da Igreja, da família, de fatores econômicos etc. Sem preconceito de espécie alguma. O amor sexual é como uma florescência da vida. Suas práticas são tão diversas, tão diferentes seus graus de desenvolvimento como imenso é o campo da afetividade. Impossível reduzir o amor à definição concreta. (CUBERO, 2005, p. 4)

É possível encontrar esse debate sobre o amor livre nos textos de outros militantes, como podemos observar no texto de Heliodoro Salgado publicado no livro organizado por Edgar Leuenroth (1963):

Assim compreendido, a união livre não é a anulação da família; é a sua dignificação pelo respeito da liberdade, da personalidade dos esposos (...) Na sociedade àcrata: "essa justificação da "família legal" terá desaparecido, e a família, libertada passará a ter apenas por base, por garantia e por lei o amor. (...) Assim, a família não se extinguirá, a não ser que se extinga a própria Humanidade; mas depurar-se-á no sentimento e na prática da liberdade.(p.206-207)

Jaime Cubero não aponta para uma mudança na atitude somente da relação de um casal, mas para uma mudança nas relações familiares como um todo, visando que o que se projeta para a sociedade deve se iniciar dentro de casa:

o autoritarismo presente nos lares da sociedade burguesa é combatido com novas formas de relações familiares. Em lugar das formas hierarquizadas, da autoridade do pai, da mãe, do irmão mais velho, etc. a solidariedade, o apoio mútuo, o amor, as relações de pais e filhos são estabelecidas a partir da amizade, de um respeito que se constrói na liberdade. O que num lugar é considerado respeito não passa de temor, no outro, é confiança e o companheirismo gera a alegria da convivência. Procura-se construir na ordem micro o que o movimento se propõe no macro. (1990, p. 5)

E não se trata apenas de um discurso, mas de uma prática cotidiana. Jaime Cubero não teve filhos, Maria Cubero foi diagnosticada com útero infantil, o que não permitiu que os tivesse, mas viveram uma relação familiar "compartilhada" na criação dos sobrinhos, conforme os relatos da Miquelina Veiga e do próprio Parmênides Cuberos:

Na verdade quando eu nasci (em 1969) os três trabalhavam juntos e moravam pertinho um do outro. Eu fui adotado, mais ou menos, não adotado, mas eu fui não só filho do meu pai e da minha mãe, mas também da minha tia e do meu tio Jaime. Sempre com uma convivência, tive dois pais e duas mães. (*apud* SANTOS, Dez/2013, p. 1)

Jaime Cubero defende também a importância das crianças na ótica anarquista. A criança como responsabilidade de um coletivo e não somente de seus progenitores:

A diferença do comprometimento dos anarquistas na atual sociedade para uma sociedade idealizada, no que se refere ao amor livre e à família, se dá principalmente no referente aos filhos. Os anarquistas consideram que as crianças têm prioridade em qualquer tipo de atendimento que necessitam. E essa tem sido a prática em todas as comunidades e experiências concretas realizadas até hoje. Numa sociedade libertária, a manutenção, a saúde, educação, lazer e toda a formação fica a cargo da comunidade. Qualquer que fosse o nível de relacionamento dos pais, a criança jamais seria abandonada, inclusive no plano afetivo, emocional e psicológico. A liberdade de viver em núcleo familiar ou espaços coletivos, de forma permanente ou alternada, seria opcional. O que fosse mais gratificante e benéfico seria praticado conforme a vontade dos interessados, inclusive a das próprias crianças. (1990, p. 5)

O posicionamento sobre os cuidados e a educação das crianças estava presente em José Oiticica, e entre outros militantes, quando nos diz que a educação, em uma sociedade anarquista seria realizada pela *comuna*, não exclusivamente pelo pai e mãe, mas preferencialmente por pessoas que tenham essa habilidade e vocação. Pois educar, principalmente desse ponto de vista integral e pleno, é algo muito difícil e requer preparação, estudo e vontade:

Educar é tornar o homem o mais capaz possível de aproveitar, do melhor modo, as energias **física, mental, moral, prática e social**. Educação **física** é o cultivo da robustez – não da força –, da saúde, da agilidade. Educação **mental** é a formação da inteligência, seu desenvolvimento racional e harmônico – erudição, cultura, arte.- Educação **moral** é o cultivo da vontade, sua direção na realização do bem-estar comum. Educação **prática** é o treino da habilidade técnica ou vocação profissional. Educação **social** é o aperfeiçoamento da solidariedade como multiplicador de energias. (OITICICA, 2006, p. 111)

Sobre a noção de família, amor e feminino, Jaime Cubero possui um posicionamento convergente com o de outros militantes e pensadores do anarquismo. O próprio José Oiticica em *A doutrina anarquista ao alcance de todos* dedicou parte dos escritos sobre como seriam essas relações na sociedade

anarquista. Afirmou, assim como Jaime Cubero, que homem e mulher se uniriam somente pelo amor, sem nenhum outro tipo de compromisso, nem mesmo uma obrigatoriedade pelos filhos, pois nem os filhos seriam posse de seus pais e sim uma responsabilidade coletiva:

A família voltará, pois, a ser produto natural da associação humana. Nenhum prejuízo advirá para os filhos da separação dos pais, portanto, em sociedade anárquica, não são eles mantidos pelos pais, senão pela comuna. (2006, p. 114)

São ações simples do cotidiano de Jaime Cubero, relatadas nos depoimentos, que caracterizam sua prática libertária, sua generosidade e sua dedicação. Ele tinha consciência de que estava muito debilitado e que morreria antes que sua companheira Maria Cubero. Fez questão de ensiná-la aquilo que, pela divisão das tarefas do cotidiano, em comum acordo, era de responsabilidade dele. Isso foi muito significativo para Parmênides Cuberos, como ele mesmo nos conta:

(...) isso sempre foi uma coisa que eu achei bonito da parte dele. O meu tio morreu em 98, mas desde 96-97 a saúde dele começou a debilitar de uma forma abrupta. Não abrupta, mas começou a decair. E ele começou a prepará-la para viver sem ele. Porque sabia que ia morrer antes dela. Isso foi uma coisa muito bonita que ele fez. Aí ele a preparava, até coisa simples, por exemplo, o meu tio sempre cuidou de coisas simples como pagar contas em banco, movimentar conta em banco e mexer com a aposentadoria e tudo. Eu lembro que ele a preparou: "Não, você vai começar a ir porque você precisa... Eu preciso te preparar porque eu não estarei aqui daqui um tempo." (apud SANTOS, Dez/2013, p. 11-12)

Jaime Cubero diz em uma entrevista que seu casamento, e o de alguns outros companheiros, saíram do "Grupo Juvenil de Estudos Sociais" que eles montaram quando adolescentes, provavelmente pela convivência e pelos horizontes compartilhados:

[...] de lá saíram vários casamentos. O meu com a Maria, inclusive. O meu cunhado Liberto casou com minha irmã gêmea Aurora. Um outro primo dele também chamado Liberto casou com minha irmã mais nova. O meu irmão também casou lá. (SILVA, 2012, p. 10)

Fato que pode ser relevante somente de acordo com certo juízo de valor mas que se mostra coerente com os valores defendidos pelo próprio Cubero, é que Maria Cubero foi sua única mulher, por toda sua vida.

Segundo Parmênides Cuberos sua tia teve pouca participação ativa dentro do movimento anarquista. Mas como ele mesmo adverte, depende do que consideramos participar. Como Miquelina Veiga pontua, a Maria Cubero era uma *interlocutora* e uma *referência* para o Jaime Cubero, acompanhando-o e apoiando-o em toda a sua trajetória.

3.9. Referências para Jaime Cubero

Quem eram as referências de Jaime Cubero? Quais foram as figuras que o influenciaram? Jaime Cubero era um militante considerado da *velha guarda*, um *representante do dito anarquismo clássico*, suas fontes principais eram: Bakunin, Kropotkin e Malatesta, em especial. Essas eram as referências teórico-ideológicas, mas houve pessoas que foram determinantes para que o Jaime Cubero encontrasse seu próprio caminho.

Como já mencionado anteriormente, José Lemos, pai de seu cunhado Liberto, foi fundamental para que Jaime Cubero, ainda nos seus 12 anos de idade, conhecesse a literatura anticlerical e seus primeiros textos de cunho anarquista. Depois, teve a oportunidade de conhecer as "*vacas sagradas do anarquismo*": *Edgard Leuenroth*, *Rodolfo Felipe (que também foi editor d' A Plebe)* e *Pedro Catalo* (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p.11), que conheceu durante o casamento de sua irmã Aurora com Liberto. Eram integrantes do CCS e fizeram parte importante do acesso de Jaime Cubero ao universo da militância e do próprio CCS.

Edgard Leuenroth foi uma grande referência em vários aspectos não somente intelectual e de militância, mas de postura, coerência e dedicação aos seus princípios. Outra pessoa de grande importância para Jaime Cubero foi o filósofo Mário Ferreira dos Santos¹²:

Ele sentava-se à mesa e perguntava: "Sobre o que vocês querem que eu fale?". O pessoal escolhia um tema e ele discorria. Ele tinha uma capacidade fantástica, a pessoa mais culta que eu conheci em toda a

¹² Mario Ferreira dos Santos escreveu uma extensa obra. Entre os que são considerados mais importantes por Jaime Cubero estão os livros que compunham sua coleção sobre grandes temas sociais, formada por nove volumes que tratam de economia, filosofia e história da cultura e a análise de temas sociais. (BORGES, 1996, p. 170)

minha vida (olha que eu conheci reitores de universidades, escritores, muita gente), nunca vi uma cultura e uma capacidade tão grande como a do Mário para expor idéias de um modo tão profundo. Ele falava como se estivesse lendo um texto super elaborado, tanto que eu tenho um livro dele em que aproveitou as palestras que dava na casa dele. (...) O Mário Santos, dentro da minha formação, foi fundamental, foi meu grande guru. Assistia às palestras dele e ficava até de madrugada lendo seus livros. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p.12)

Às vezes, ouvia o Mário Ferreira falar por três, quatro horas, voltava para casa e pegava um livro para ler. Não estava cansado, estava motivado. (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 408)

Tanto os elogios e considerações feitos por Jaime Cubero a Edgar Leuenroth, quanto a Mário Ferreira dos Santos, são aspectos que compõem as características do próprio Jaime Cubero. Mas uma referência que em especial chamou muito a minha atenção foi a participação de seu professor do primário:

A minha formação libertária deve muito a um professor que tive no último ano da escola, pois hoje - e mesmo antes quando comecei a ganhar consciência política - o considero um professor libertário. Ele se chamava Noel Carlos dos Santos.

[...]

Aquele professor já era um libertário, não só pela generosidade, mas porque os métodos que ele aplicava na sala de aula contrariavam tudo que estava estabelecido nas escolas. Enquanto era comum aplicar castigos rigorosos para aqueles colegas que copiavam dos outros, que colavam etc., ele juntava os alunos mais atrasados - com dificuldades de compreensão - com os mais adiantados para estudarem em grupo. Dizia que o aluno, às vezes, aprende mais com o colega que com o próprio professor. Então, nós fazíamos sempre esse remanejamento.

[...]

Na ocasião dos exames finais, ele disse: "Vocês são filhos de trabalhadores", a maioria já tinha idade e trabalhava em fábrica. "Vocês não vão ter condições de continuar os estudos, o que é uma pena". Sentindo o problema, disse: "O que quiser continuar estudando vai ter que estudar por si mesmo". Era a forma da autopedagogia, do autodidatismo. Na hora dos exames, disse ainda: "Ninguém vai ser reprovado nessa sala". E sendo coerente com seu método de ensino, montou pequenos grupos, com alunos que sabiam mais e outros que sabiam menos. Dizia: "Fulano, fulano e fulano sentam juntos com fulano". E todos fizeram as provas baseados naqueles que conheciam mais, os mais habilitados.

[...]

Tirei uma nota abaixo da dos companheiros que havia ajudado. Isso

foi um detalhe engraçado que não esqueço até hoje. Mesmo assim, ficou o exemplo edificante de professor.

[...]

Aquele professor tinha mesmo um espírito libertário. Demoro nesse aspecto porque realmente teve uma grande influência na minha vida. (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 399 - 401)

Essa experiência reforça que nem sempre a escola é o local onde encontramos nossos mestres, mas a partir da atitude do docente é possível estabelecer essa relação de maestria (GUSDORF, 1987). As imposições e limitações da estrutura ou normas institucionais não foram impeditivos para esse professor realizar as aulas da forma que ele acreditava ser válida. Não por acaso essa passagem é tão significativa para Jaime Cubero, e é possível observar como isso se refletiu em sua forma de compreensão do mundo e de suas leituras. Adiante retomarei outra passagem que envolve a atitude desse professor, pois não só pessoas isoladas foram suas referências, mas fatos cotidianos reforçaram seus ideais como busco demonstrar a seguir.

3.10. O cotidiano reforçando ideais

*A utopia não está no futuro; ela acontece a cada instante
agitando libertações e decompondo hierarquias. Os
anarquismos são mais que somas e multiplicações; são
potências e intensidades de liberdades.*

Edson Passetti

*Você se pergunta às vezes: "O que faz a pessoa aderir a uma
ideologia?". Eu digo, há fatores emergentes, que estão dentro
do sujeito, ele tem um sentimento de justiça, de generosidade,
de solidariedade. Depois ele encontra essas idéias, é claro que
ele adere.*

Jaime Cubero

Jaime Cubero estudou em uma escola pública da capital, na qual realizou os três anos do primário, sua única experiência formal de ensino. Na escola, vivenciou um episódio de ter que juntar dinheiro para que toda a classe conseguisse ir com o uniforme, que passou a ser obrigatório, mas não era fornecido pela instituição. A maioria dos alunos não tinha condição de comprar ou mesmo fazer o uniforme, o

dele havia sido feito por suas tias e irmã, com saco de farinha tingido. O professor propôs que a sala que conseguisse que todos fossem com o uniforme poderia jogar futebol no horário da aula. Jaime Cubero, querendo colaborar, e jogar bola também, teve o apoio da família e um exemplo no professor:

A solidariedade era muito marcante entre nós. Cheguei em casa e contei essa história. Os recursos em casa ficavam com minha avó, aquela coisa de medir os tostõezinhos. Digo isso de uma forma simbólica, mas não estava muito longe da realidade de dividir um ovo em três (...) Era uma pequena multidão o conjunto de todos os irmãos na hora da alimentação. Fizemos uma espécie de conselho e me deram a moedinha. Para mim, foi uma vitória junto com a classe poder concorrer e acabamos ganhando. E fomos jogar futebol. De novo o professor foi magnânimo, conseguiu que o diretor dispensasse também a outra sala que não tinha conseguido uniforme para todos os alunos. Foi uma boa experiência e aprendi o que pode a solidariedade... (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 401)

Mas não foram sempre exemplos positivos que posteriormente culminaram nos ideais anarquistas de Jaime Cubero. Recorda que um dia, ainda quando criança, um fiscal da prefeitura foi até a casa deles e disse que a casa não tinha planta, não havia autorização de um engenheiro e que ela oferecia sérios riscos. A casa tinha sido construída por seus tios, por isso, não possuía autorização da prefeitura. O fiscal disse que poderia reverter a situação, Jaime Cubero recorda de sua avó pegar as economias do mês, junto com seus tios e entregar ao fiscal:

Depois, nas conversas e choradeiras eu os ouvi falarem (e isso me marcou muito): "Puxa, um homem do governo veio aí e simplesmente leva o dinheiro... Ele dizia que tinha riscos, que a casa oferecia perigo; mas ele recebeu o dinheiro e acabaram os riscos..."(CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 6)

Ao completar seus 18 anos, Jaime Cubero foi apresentar-se ao serviço militar, em virtude de sua saúde debilitada foi dispensado. Porém, era necessário retirar o certificado (reservista) e todos os dias que ia ao quartel informavam que não estava pronto, mas isso o prejudicava, pois perdia o dia de trabalho:

Um dia eu chego no quartel e tinha um soldado com a cabeça raspada, careca, varrendo o pátio... Quando eu estava saindo ele me chamou e disse que tinha me visto muitas vezes ir e vir e que enquanto eu não desse dinheiro eles não dariam o certificado. Aí eu pensei: "Pô, até aqui!". Digo essas coisas para dizer depois porque sou um anarquista tão convicto. (op. cit., p. 7)

Jaime Cubero relata também que quando começou a trabalhar ainda era

muito novo, por volta dos 10 anos, e quando a fiscalização ia à fábrica, ele, assim como as outras crianças, era obrigado a se esconder no forro do galpão, pois já não era permitido o trabalho infantil.

Fatos como os da escola, do fiscal, do serviço militar e da fábrica são alguns exemplos que reforçaram em Jaime Cubero os seus ideais anarquistas. O apreço pela solidariedade e a aversão à corrupção fazem mais sentindo quando nos deparamos com eles em nosso cotidiano.

Mesmo tendo ficado órfão de pai na infância, Jaime Cubero teve nele um grande modelo na prática da solidariedade. Mesmo não sendo categorizada como uma educação libertária, seu pai já realizava um ensino livre e em prol de um coletivo:

Eu posso citar o exemplo do meu pai e ele não era propriamente vinculado ao movimento, mas teve uma experiência que foi passada por meio do que se fazia na Europa. Meu pai era o único que sabia ler nas fazendas, em Jundiaí, onde a família trabalhava. Ele reunia todas as noites, depois do trabalho, um grupo de colonos. E à luz de lampião, lia para eles, ensinava os outros a ler. Não era uma escola formal, como você vê, mas eles liam jornais e o que conseguiam. Os mais aptos, aqueles que tinham mesmo vontade de aprender a ler, queriam saber gramática também. Isso porque depois iam substituindo o meu pai em outros núcleos. Esse processo foi se disseminando e as pessoas foram desenvolvendo formas de passar conhecimentos de passar instrução, de uma forma autogerida pelos próprios trabalhadores, fora da escola oficial. E por meio dessas lutas, juntando aquelas experiências mais as reclamações da população nos movimentos sociais de massa dos trabalhadores, foram sendo criadas escolas, legitimando essas conquistas. Depois as escolas passaram a estar a serviço do próprio sistema, porque recebiam um programa previamente elaborado, dirigido no sentido de implementar nos alunos os valores da "ordem". (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p.399)

Quando conhecemos um pouco mais das ações dos irmãos de Jaime Cubero, vemos que não eram exclusividade dele os princípios da solidariedade e apoio mútuo, embora somente ele e o Francisco Cuberos se auto declarassem anarquistas. Antonio, o irmão de Jaime Cubero, era dono de uma pequena fábrica de sapatos, que eram vendidos na loja *Calçados Cuberos* e, em seu leito de morte o Antonio chamou o filho e explicou que a fábrica não seria dele, e sim distribuída a todos os funcionários da fábrica. Quando o filho questionou o motivo, o pai disse que era para que os filhos dos operários também pudessem se formar em medicina, como ele

pode. Parmênides contou isso para que compreendesse que não se tratava só de Jaime Cubero, mas que toda a família tinha essa coerência e prática no seu cotidiano.

O tio Jaime foi uma pessoa que procurou realmente conciliar os ideais teóricos com a prática do dia a dia, acho que isso é muito importante. Ele teve uma profunda influência para as pessoas de fora, assim, imagina para a família (...) Eu e minha irmã, as pessoas mais próximas dele fomos grandes felizardos de termos um tio como nós tivemos. (...) Uma figura extremamente bondosa (...) Mas acho que fundamentalmente o principal legado dele era conciliar todo o instrumental teórico, ou seja, as atitudes para o dia a dia. E as pessoas que estivessem em volta dele. Isso realmente foi o mais brilhante. O legado mais brilhante da vida dele. Educação libertária e tudo. Realmente fez isso com grande prazer, foi um grande legado pra mim e com certeza para a Thalia também. (CUBEROS *apud* SANTOS, Dez/2013, p. 1)

Jaime Cubero gostava muito de literatura e era comum entre os militantes se "presentearem" com livros. A imagem abaixo é da dedicatória no livro "Dom Quijote de la Mancha" que Jaime Cubero ganhou de sua irmã Aurora e de seu cunhado Liberto:

Imagem 11 – Dedicatória

"Jaime,

Nenhuma outra criação da arte humana conseguiu, como esta, captar o eternamente atual.

O grandiosamente trágico num homem e na humanidade, estão nestas páginas, como a mais nobre e sublime lição da verdadeira vida, em suas contradições inevitáveis e necessárias.

Uns são mais Quixote, outros, mais Sancho. Porque muito poucos são a síntese dos dois.

O estudo deste livro pode servir de exemplo, quando completado com a necessária meditação e devaneio.

Aurora e Liberto - Rio, 25/12/57"

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Durante a qualificação do mestrado, Christina Lopreato contou que Jaime Cubero possuía uma caderneta onde anotava todos os livros que lia, a data e o que estava acontecendo em sua vida. Infelizmente não localizei esse material, com certeza renderia uma investigação à parte. Poderia mergulhar no universo das suas leituras e intensificar a vertente hermenêutica de Ricoeur:

Para mim, o mundo é o conjunto das referências desvendadas por todo o tipo de texto, descritivo ou poético, que li, compreendi e amei. E

compreender um texto é interpolar entre os predicados da nossa situação todas as significações que constituem uma *welt* a partir da nossa *Umwelt*. É este alargamento do nosso horizonte de existência que nos permite falar das referências descortinadas pelo texto ou do mundo aberto pelas exigências referenciais da maior parte dos textos. (RICOEUR, 1976, p.49)

Esse mundo (*welt*) que é constituído das significações particulares que atribuímos a ele, só é possível, se partirmos de nossas referências, nosso ambiente (*umwelt*) muitas vezes formado por referências textuais. Ter acesso ao universo de leitura de Jaime Cubero, ainda mais datado, poderia indicar como essas referências e interpretações foram agregando novas abordagens e visões de mundo em seus próprios escritos.

Quando penso nessa relação entre as anotações de Jaime Cubero sobre o que estava lendo, seja teoria ou literatura, e os fatos ocorridos em sua vida pessoal, além da questão interpretativa que podemos captar de Ricoeur, parece-me muito similar ao que C. Wright Mills chamou de “arquivo” onde o artesão intelectual deve registrar todo o que pode suscitar novas investigações, estimulando sua imaginação sociológica:

No arquivo que vou descrever unem-se a experiência pessoal e as atividades profissionais, os estudos em elaboração e os estudos planejados. Nesse arquivo o estudioso, como artesão intelectual, tentará juntar o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. (...) Estimulará a captura dos “pensamentos marginais”: várias ideias que podem ser subprodutos da vida diária, trechos de conversa ouvidos na rua, ou, ainda, sonhos. Uma vez anotados, podem levar a um raciocínio mais sistemático, bem como emprestam uma relevância intelectual com a experiência mais direta. (MILLS, 1975, p. 212)

Jaime Cubero apreciava a leitura desde criança. Conta em várias passagens que quando teve que abandonar o estudo para trabalhar de forma exclusiva, passava na frente da escola e desejava poder assistir às aulas. Lamentava não poder seguir o equivalente ao ensino fundamental II, mesmo tendo conquistado uma bolsa de estudos. Mas ao chegar em casa buscava um livro para saciar seu desejo pelo conhecimento. O gosto pela leitura e sua oralidade foram inspirados, como relata abaixo, por uma “obrigação” imposta por sua avó:

Ainda menino, com onze anos, eu chegava a ir até a porta do Colégio, ficava rondando, morrendo de vontade de entrar, sofria quando via as crianças entrando. Voltava para casa, procurava um livro para ler. Minha avó tinha o hábito de ler romance e comprava uns, tipo folhetim,

que vinham como encarte, um por semana. Nós líamos para ela, que não lia português, embora entendesse corretamente. Tinham coisas curiosas naquele tempo. Por exemplo, os horários. Marcava de jogar bola com a meninada na rua e estava lá na hora marcada. Tinha também o horário de ler o folhetim para minha avó e, às vezes, coincidiam. Então, eu lia atropeladamente para poder chegar a tempo ao jogo, mas ela me obrigava a ler de novo, pausadamente. Claro, perdia o jogo. Aquela leitura, em princípio, era quase um castigo, mas me ajudou muito, porque era obrigado a ler em voz alta. Leitura em voz alta é um exercício muito bom, porque se aprende a falar corretamente cada palavra, dar as ênfases necessárias da leitura para que o ouvinte entenda e aprecie. Prestar atenção nos tempos verbais e mais serve para dominar a língua, embora a linguagem utilizada nos folhetins não fosse lá essas coisas em termos de literatura.

[...]

Isso acontecia antes de começar a trabalhar. Porque depois, já trabalhando, passava em sebinhos e comprava livros. Uma ocasião, nunca esqueço, comprei um calhamaço com umas oitocentas páginas. Naquela época, os livros eram muitos volumosos e num só volume. Comprei pelo tamanho e disse: "Aqui tem leitura barata e boa por muito tempo". (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 401)

Embora Jaime Cubero estudasse várias áreas do conhecimento, com base em leituras mais teóricas, inclusive pelas demandas de assuntos que eram discutidos no CCS e os convites para palestras e eventos, seu deleite era a literatura, que afirma contribuir com sua formação:

Leio sempre que posso e geralmente de madrugada. Tenho sempre uma pilha de livros na cabeceira da cama. Em função das minhas atividades, eu direciono as leituras. Por exemplo, nesses dias, estou lendo sobre a Revolução Francesa, porque vou participar de um seminário na USP. No entanto, eu gosto mesmo é de literatura. Quando estou cansado, pego um romance e devoro. Nós, anarquistas, sempre tivemos o hábito de ler. Pedro Catallo, Edgard Leuenroth, Felipe Gil, todos gostavam de literatura, discutiam a filosofia das escolas literárias. Não leio Sociologia, Filosofia, Política sem intercalar com um bom romance, como uma espécie de lenitivo. A literatura contribuiu muito para minha formação, não só os clássicos, mas também os contemporâneos. Clássicos da literatura universal e brasileira, vou sempre comprando e lendo. (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 406)

Segundo Parmênides Cuberos, seu tio, além de literatura, gostava muito de cinema, em especial, filmes de ficção, chegou a levá-lo para assistir no cinema "ET – O extraterrestre" dirigido por Steven Spielberg. Tanto a literatura, como o cinema, são artes que despertam a imaginação, aguçam a criatividade, alimentando as pessoas de sonhos e devaneios.

Durante a infância de Parmênides, Jaime Cubero costumava presenteá-lo com alguns brinquedos, carrinhos, bolas, mas em especial *Lego* e *Playmobil*. Não creio ser por acaso que Jaime Cubero comprava brinquedos de montar para o seu sobrinho. Creio ser com o intuito de fomentar a criatividade por meio da possibilidade de construir objetos a partir da sua imaginação e criatividade. Antes o *Lego* ou o *Playmobil* não eram para montar determinado objeto ou cenário pré-estabelecido, como é hoje, com as indicações na própria caixa do produto. Era para criar livremente o que a imaginação e a quantidade de peças permitissem.

No entanto, por conta de um castigo recebido, Parmênides Cuberos nunca mais recebeu brinquedos como presentes de seu tio. Jaime Cubero era uma pessoa de palavras firmes e de uma integridade que o impedia de mentir ou de recuar em uma decisão. Abaixo, Parmênides Cuberos relata o castigo e o motivo do castigo:

O meu tio sempre teve um negócio também, não era que ele era só bonzinho. Na verdade eu sofri um castigo dele que eu fiquei muito sentido. Um castigo merecido. O meu tio sempre dava um brinquedinho. E eu ficava durante o dia com a minha tia quando eu era pequeno, porque eles iam para a loja de manhã e eu estudava de manhã e ficava de tarde com a minha tia. Era tudo pertinho. Era tudo aqui no Brás. Coisa de duas quadras. E eu ficava com a minha tia Maria. Meu tio uma vez me deu uma bola, e eu para fazer pirraça para a minha tia, eu peguei uma faca na cozinha e furei. No mesmo dia. Pirraça, coisa de criança. Minha tia ligou para o meu tio e ele falou sério "Eu nunca mais te darei um brinquedo na vida." E nunca mais ele me deu. Furei a bola e a minha tia ficou chateada, acho que ficou chorando. Acho que no próprio dia ele foi lá em casa e falou "Olha, eu nunca mais lhe darei... Que te sirva de lição, eu nunca mais te darei um brinquedo na vida." Pedagogia de falar não, não é? (SANTOS, Dez/2013, p. 5)

Essa "*pedagogia de falar não*" entendo muito mais como uma *pedagogia da responsabilidade*. Dizer não e depois recuar seria um estímulo à mentira, ou demonstrar que ele poderia fazer novamente, que depois de um tempo tudo voltaria ao normal. Pode ter sido um castigo por conta de um brinquedo, mas se tornou uma lição de que o que prometemos e afirmamos deve ser sempre cumprido. Nilton Melo, também relatou que sua lembrança mais significativa foi uma *bronca* dele, justamente cobrando mais responsabilidade:

Para mim, foi uma bronca que ele me deu, que ele apontou umas falhas quando já tava no Centro de Cultura, já tinha passado um pouquinho a época de punk e já tava no Centro de Cultura como

membro e com algumas responsabilidades que não foram cumpridas e ele fez o favor de apontá-las e falou "Pô! Tem que fazer, fazer direito, tem que participar..." então na verdade, o que é mesmo afável é o que mais me lembro, mas valeu, não que eu tenha aprendido, mas (risos) que ainda continuo falhando muito aqui dentro... (risos) mas pelo menos ninguém pode falar que ninguém me falou que era para ter mais responsabilidade, cumprir os horários, nesse sentido, mas mesmo assim, não houve a desistência (SANTOS, Out/2013, p.9).

O que chamei de *pedagogia da responsabilidade* é apenas um dos objetivos intrínsecos da educação libertária. Reforçar que a liberdade permite fazer tudo pelo que podemos nos responsabilizar, as nossas escolhas. Assumir uma escolha por um ato livre é se tornar responsável por essa escolha e todas as suas consequências. Quando a “escolha” é imposta as pessoas podem justificar sua irresponsabilidade por não terem optado livremente por ela. Na sequência busco reforçar as características da pedagogia libertária na trajetória de Jaime Cubero.

3.11. *Pedagogia libertária na trajetória e prática de Jaime Cubero*

O melhor didata é o que incentiva o autodidatismo.
Jaime Cubero

De alguma forma, em minha leitura e pesquisa tudo que já foi apresentado está fortemente ligado a uma perspectiva libertária de educação e de pedagogia. Mas nesse tópico iluminarei a alguns aspectos que são diretamente ligados aos processos de aprendizagem, no ambiente familiar, coletivo e institucional “escolar”.

Para que possamos facilmente lembrar o que está vinculado a uma pedagogia libertária faço uso das palavras de João Penteado, Sousa Passos e Solidad Gustavo:

Liberdade, responsabilidade e autodisciplina caracterizam a formação da personalidade humana de acordo com os conceitos fundamentais do anarquismo.

Partindo desse princípio, os anarquistas entendem por educação o conjunto de conhecimentos racionais e objetivos que contribuem para o aperfeiçoamento intelectual, moral e físico do indivíduo livre em função da sociedade livre. sim, o indivíduo livre como produto de um ambiente onde nem mesmo a liberdade é imposta, mas exercida; responsável, porque a sua liberdade está condicionada à liberdade dos seus semelhantes, e a responsabilidade na convivência social

deve ser consequência da harmonia coletiva; autodisciplinado, porque, ao contrário da disciplina, imposta na sociedade capitalista por códigos e regras de moral que estão em desacordo com as leis naturais e obrigam o indivíduo a aceitar a desigualdade econômica e a conformar-se com as injustiças de que é vítima, as normas de vida numa sociedade anárquica o conduzem à necessidade de uma autodisciplina, pautando os seus atos de acordo com os interesses da coletividade, que são os seus próprios interesses. (*apud* LEUEROTH, 1963, p. 208)

Jaime Cubero aproveitou a proximidade com os sobrinhos, em especial, Parmênides e Thalia Cuberos, para experimentar sua prática como educador libertário. Sua cunhada Maruja relata que conversavam muito sobre as crianças e como ele chegou a alfabetizar Parmênides:

(...) Jaime foi fora de série para a gente, quando não tinha movimento na loja nós falávamos muito sobre relacionamentos com os filhos, sobre a família; para mim o Jaime foi mais que um irmão, tínhamos muita confiança para falar, para conversar as coisas. Isso influenciou muito na educação de meus filhos; o Jaime pegava o Parmênides com três anos e ensinou ele a ler com uma cartilha, com três anos o Parmênides já aprendeu a ler. (Maria Martinez Jimenez *apud* AVELINO, 2004, p. 118)

Imagem 12 – Jaime Cubero e Parmênides JAN/1972 no sítio

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Parmênides Cuberos relata que seu tio Jaime Cubero participava ativamente no acompanhamento escolar, indo a várias das reuniões de pais, até mais que seus próprios pais. Quando Parmênides já era adolescente, por volta de 1985, foi parar na diretoria da escola junto com um grupo (no colégio São Judas) e o diretor queria que eles entregassem a pessoa que tinha feito alguma bagunça, que ele nem

lembra mais o real motivo. Mas quando foi coagido a entregar um colega, chamou o diretor de reacionário, disse que aquilo parecia o DOPS, enfim, utilizou um repertório apreendido no universo familiar, que foi mal recebido pela escola e quem foi interceder por ele junto ao diretor foi seu tio Jaime Cubero. Redigiu inicialmente uma carta e depois compareceu pessoalmente também.

No texto "O Anarquismo: uma visão de educação da criança na família" Jaime Cubero evidencia sua própria postura com os sobrinhos:

Partindo do princípio de que a liberdade da criança e do adolescente deve ser respeitada, o anarquista jamais faz o que chamamos de imposição de doutrina. Diferenciando a instrução da educação, o anarquista jamais procura inculcar idéias preconcebidas. Todo o esforço é dirigido no sentido de que as crianças se desenvolvam fortalecendo sua autonomia, sua autodeterminação, seu espírito crítico. O anarquista sabe que sua maior arma é o exemplo. Não pode proibir sua criança de fumar, se ele fuma. Praticando em lugar do autoritarismo, a solidariedade, procura desenvolver o senso de responsabilidade vivenciando a participação das crianças nas tarefas e obrigações domésticas, assim como condena a superproteção dos pais, que só gera dependência, evitando por todas as formas, a idéia do pai-herói. (CUBERO, Out/1995, p. 6 -7)

Os exemplos constituem a ferramenta fundamental para a formação da criança. Nem os pais, ou mesmo o tio de Parmênides, disseram que era para ele chamar o diretor de reacionário, ou tiveram longas conversas sobre como funcionava o DOPS - Departamento de Ordem Política e Social. Porém, estava imerso no universo das discussões dos adultos, de seus comentários, e a criança é completamente capaz de realizar suas próprias análises, refletir e agir, e tende a fazer isso de acordo com os exemplos presentes.

Os exemplos são, sem dúvida, fundamentais para o referencial da criança e do adolescente, mas Herbert Read irá alertar o grande equívoco que cometemos e em especial os educadores:

Nosso erro é presumir que essa atividade infantil, cuja existência seria impossível negar, é apenas uma tentativa ingênua e desajeitada de imitar a atividade adulta. Em toda a atividade infantil há sempre um elemento de imitação, mas o que a criança deseja não é imitar, e sim comunicar alguma coisa utilizando uma linguagem comum. O impulso sempre presente em todos os trabalhos infantis é uma necessidade subjetiva interna, não um reflexo semelhante ao do macaco, um "macaquear" como dizemos, do comportamento adulto. (1981, p. 258-259)

Ainda no texto de Jaime Cubero, ele diz das contradições que as crianças criadas nesse ambiente *anarquista libertário* encontram ao entrar na escola oficial, e as trocas de aprendizagem que elas propiciaram a ele:

Ao buscar desenvolver crianças sinceras, verdadeiras, o anarquista se defronta com aberrações e absurdos da escola oficial e não é fácil superar confusões e conflitos que se geram na mente infantil.

[...]

Quando me faziam perguntas que eu não sabia responder com convicção, eu propunha que procurássemos juntos a resposta, através do estudo. Tanto no âmbito das disciplinas escolares quanto nos mais diferentes assuntos. Só eu sei quanto aprendi com as crianças. (CUBERO, Out/1995, p. 6 -7)

Parmênides nos revelou o “método” que Jaime Cubero utilizava para ensiná-los (a ele e sua irmã Thalia). Dava-lhes uma caderneta em que ele passava diariamente pequenas lições para que os sobrinhos fizessem, houve ao menos umas cinco cadernetas para cada um, mas Parmênides tem guardado apenas um exemplar de 1975, de quando ele tinha seis anos de idade:

Imagem 13 – Caderneta – início

“Parmênides

Note bem!

Este livrinho será o roteiro que conterà as instruções diárias para as lições.

Faça sempre só o que for anotado cada dia – Titio”

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Toda a caderneta é escrita em uma linguagem carinhosa. Todos os dias pela manhã Jaime Cubero deixava anotada a indicação de qual atividade deveria realizar e verificava no final do dia se tinha sido feita ou não. Solicitava que fizessem desenhos, palavras, caligrafia e até algumas operações matemáticas, com base em outros livros didáticos, revistas, etc. Utilizando primordialmente a liberdade para realização das tarefas, a exemplo da “prova livre”:

Imagem 14 – Caderneta – prova livre

"6 de março de 1975
Amigo, boa tarde.
Hoje é dia da prova livre.
Faça o que quiser, no caderno que quiser.
A nota terá mais valor.
Um abração do titio."

"7 de março de 1975
Olá amigo,
Muito bem! Gostei muito da prova livre.
Hoje faça números no caderno de linguagem.
Pode fazer como quiser. Fica a seu critério.
Um abração do titio."

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Durante toda a leitura da caderneta é possível observar que é algo participativo, não algo unidirecional. Em especial ao encerrar a caderneta, Jaime Cubero deixa a escolha ao Parmênides, se ele quer, se deseja continuar uma nova:

Imagens 15 – Caderneta – Encerramento

São Paulo, 5 de junho de 1975
Parmênides
Amigo, boa tarde.
Esta é a última folha deste livrinho.
Conseguimos uma grande coisa, chegar ao fim de uma etapa importante. Você vai julgar.
Quero saber se você quer que comecemos um livro novo ou pararemos por aqui.
A lição de hoje é uma resposta a esta pergunta.
Escreva sim ou não com a sentença que você quiser.
Um abraço do titio.

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

Essas instruções e a forma como elas são apresentadas ao seu sobrinho, corroboram a compreensão da dimensão mais concreta da prática de educação libertária de Jaime Cubero. Prática que possibilita *experiências que pensem e vivam a liberdade, a solidariedade e a autogestão entre indivíduos e grupos com vistas à autoformação e à autonomia dos mesmos*. (CUBERO, Out/1995, p.2). E, primordialmente, devem originar-se no ambiente familiar, passar pela escola e irradiar por toda a sociedade, até o ponto em que a sociedade se torne *um imenso organismo de ensino mútuo, onde todos seriam ao mesmo tempo alunos e*

professores. (op. cit)

Os anarquistas consideram que o ensino, a instrução, o conhecimento são necessários para a modificação da sociedade. Na visão de Jaime Cubero todo militante deve se munir do conhecimento, das ideias e princípios que defende, além do conhecimento histórico que pode prevenir erros cometidos no passado. Mais do que um envolvimento da militância, a aquisição do conhecimento é vista por ele como a *plenitude do ato humano*:

O aumento de saber tanto individual como coletivamente é uma garantia da plenitude maior do ato humano. Mas é preciso que esse conhecimento não seja viciado pelos moedeiros falsos da cultura, presentes em todas as instâncias do ensino, inclusive ostentando o brilho das academias universitárias. A proporção que adquirimos conhecimentos sentimo-nos mais livres. A grande força criadora do homem está no conhecimento. Conhecer é vencer obstáculos, é abrir espaços à liberdade. Sabem muito bem todos os poderosos que o saber liberta, e por isso querem regulá-lo, para, por esse meio manietar mais facilmente o espírito humano. Cultura a medias, conhecimentos bitolados, doutrinas oficiais, programas pré-estabelecidos, segundo o interesse do Estado, controle total de todos os institutos e escolas de todos os níveis, destinados a reproduzir o sistema de privilégios em que vivemos, sempre usando medidas para evitar que o povo perceba e avalie a miséria moral e a mediocridade dos que governam. (...) Poderíamos dizer que a verdadeira pedagogia é a ciência que estuda e aplica os meios que permitem alcançar a plenitude da realização do ato humano. E essa pedagogia é a libertária. (CUBERO, 1993, p. 8)

Passados os anos, essas constatações do controle sobre o conhecimento permanecem atuais, tanto quanto o sentimento de liberdade que o conhecimento não “viciado” propicia. Sua definição de ato humano vem de Mário Ferreira dos Santos, sua grande referência, como já apresentei anteriormente:

Mário Ferreira dos Santos, que era formado em Direito - a família tinha tradição na área - e que foi autodidata em Filosofia, dizia que o ato humano para ser verdadeiramente humano tem que ser livre. Num livro dele, intitulado Filosofia e História da Cultura, havia uma análise do que ele chamou de "considerações em torno do ato humano". Primeiro, o sujeito tem que ter vontade de executar o ato. Segundo, ter conhecimento da finalidade do ato. Por último, liberdade para a execução do ato. Senão, não é ato humano. Assim, se passa com o conhecimento. Com o ato de conhecer. É preciso liberdade para conhecer, para além do que o Estado e as autoridades impõem. (CUBERO apud VALVERDE, 2007, 403).

Para acessar esse tipo de conhecimento a teoria e práticas libertárias têm de

romper com os marcos estreitos da escola, buscando integrar a vida social nas atividades e preocupações de crianças, adolescentes e adultos. Uma das formas para chegar a essa integração é por meio da arte, arte como *criação poética*, que teve uma repercussão mais ampla:

O amplo universo da pedagogia libertária, hoje enriquecida e ampliada com as contribuições de educadores e pensadores de várias áreas como Freinet, Jean Piaget e Herbert Read, que com sua extraordinária concepção de educação pela arte, vem conquistando espaços cada vez mais largos. (CUBERO, Out/1995, p. 2)

Muitos acreditam que a pedagogia libertária é destinada somente ao ensino básico (ler, escrever, calcular). Mas ela é muito mais ampla, chega a equivaler ao nível superior, numa dimensão mais profunda de universidade. Houve inclusive alguns exemplos de “universidade livre” sobre os quais Jaime Cubero conta:

Um ensino totalmente gratuito, sem nenhuma condição prévia a não ser saber ler, escrever e contar. Sem exames, sem avaliações. O aluno estuda porque quer aprender. Sem injunção de espécie alguma. "Ensina-se despertando o gosto pelo saber".

Em uma Universidade Livre a pedagogia é libertária porque permite o desabrochar criativo dos alunos e estimula o autodidatismo, possibilitando a formação de uma consciência crítica no educando. Os grandes vôos do pensamento humano e os avanços que grandes homens empreenderam para a humanidade foram feitos fora da escola oficial, porque foram autodidatas nas suas especialidades.

A Universidade Livre propicia o desenvolvimento de uma ética culta e civilizada, pois o que a caracteriza é a sua fundamentação na prudência como hábito reiterado do saber, do conhecimento, dos princípios, meios e fins, e inclui subordinadamente a sabedoria, a ciência, a filosofia etc.

Todo o verdadeiro saber leva à libertação, avança para um amanhã sem peias e sem compromisso. Realiza o homem a sua grandeza e exalta o que é superior e o dignifica. Todo o verdadeiro saber é muito mais que uma promessa: é a afirmação mais categórica e mais robusta de uma realidade que cabe ao homem conquistar. (CUBERO, 1991, p. 21-22)

Como disse anteriormente o CCS foi uma espécie de Universidade Livre e isso tem uma dimensão muito significativa, pois a universidade não era, e ainda não é, uma instância destinada a todas as pessoas. Logo, o conhecimento se torna privilégio de uma parte da sociedade. Com o estímulo ao autodidatismo, o despertar do desejo pelo conhecimento, os anarquistas conseguiam transpor essa estrutura de privilégios.

No pensamento de Reclus, está bem clara a importância da Ciência para

humanidade, inclusive como forma de felicidade:

Impulsionar a ciência com a bondade, estimulá-la com um amor constante para o bem público, esse é o único meio para torná-la precursora de felicidade, não apenas com as descobertas que acrescentam as riquezas de toda natureza ou que aliviam o trabalho do homem, mas sobretudo com os sentimentos de solidariedade que ela evoca dentro daqueles que estudam e com as alegrias que provocam todo o progresso na compreensão de todas as coisas. Essa felicidade é uma felicidade ativa: não é satisfação egoísta de vigiar o espírito em descanso, sem distúrbios nem rancores, ao contrário, consiste no exercício árduo e contínuo do pensamento, na alegria da luta que o apoio mútuo torna triunfante, na consciência de uma força constantemente empregada. A felicidade à qual a ciência nos leva é, portanto, uma felicidade que nos faz trabalhar para conquistá-la todos os dias (*apud* CODELLO, 2007, p. 206)

A educação libertária vem justamente confrontar os modelos da escola tradicional, controlada por uma instituição, e não por um coletivo, tornando-se dessa forma mera reprodutora do status quo e grande aliada do sistema capitalista e de sua competição desenfreada:

Os padrões de valores que regem o comportamento das pessoas passam por todo o sistema educativo. Vivemos numa sociedade extremamente competitiva, onde os valores começam a ser inculcados desde a pré-infância, através de prêmios e castigos, onde professores e pessoal mal formado dão o exemplo da malfadada "Lei de Gerson". Isso se acentua nos níveis mais elevados até a universidade, passando a toda sociedade, como propaganda desenfreada e tendenciosa da mídia, chegando à valorização da desonestidade, principalmente de homens públicos, apresentados como exemplo de inteligência e capacidade. (CUBERO, 1995, p. 3)

Tais princípios foram destacados por Tragtenberg na primeira publicação em uma revista acadêmica no Brasil, sobre a educação anarquista. No artigo sobre Francisco Ferrer e a Pedagogia libertária, publicado na primeira edição da conceituada revista *Educação e Sociedade*, após explicar a complexidade histórica da Espanha desde a Reconquista aos árabes até o fim do século XIX, Tragtenberg sublinha a importância da pedagogia de Francisco Ferrer dizendo:

Sua valorização da solidariedade em detrimento da competição, do igualitarismo em detrimento dos juízos discriminatórios reprodutores de uma rígida estratificação social, seu anti-burocratismo pedagógico, sua negação do sistema de notas e exames, esse batismo ritual burocrático, converteram Ferrer no pedagogo dos que pouco ou nada tem a perder por que pouco ou nada possuem. (1978, p.34)

Jaime Cubero critica o paradigma de um conhecimento "informativo" com o

qual se depara nas mais renomadas escolas e universidades, uma quantidade extensa de informações absorvidas e decoradas, mas de que não se sabe a origem, motivos, causas ou razões:

Há muitas coisas julgadas por muitos, apenas um costume, pois já não sabem porque tais costumes foram instaurados na sociedade. Um dos aspectos negativos da pedagogia oficial moderna consiste em julgar que basta apenas informar bem o educando para atingir o conhecimento, quando, a verdadeira pedagogia consistiria em dar a esse a capacidade, por si mesmo, de investigar as causas, as razões, os porquês das coisas. É um tema de máxima importância: o problema pedagógico sobre o aspecto da formação mental do homem. Não deve ser primordial finalidade da pedagogia constituir mentes capazes de investigar os porquês, as causas e as razões das coisas, ou apenas, formar mentes medíocres, eruditas de certo modo, mas sem saber por si mesmas as causas das coisas. (CUBERO, 1995, p. 4)

Essas são concepções que vão se repetir em vários textos de Jaime Cubero. Com essa abordagem, reduzir educação à escola é realmente um erro, pois a intenção libertária é que a sociedade inteira se torne um espaço de aprendizado, como na realidade ela é. Toda a sociedade é um espaço de captação de referências, informações, de suscitar questionamentos, de acordo com os ideais que nela estão inseridos. Não é só na escola que aprendemos a competição e os valores que estão impostos: a família, o trabalho, os relacionamentos interpessoais, estão todos pautados numa conduta autoritária, de posse e de consumo. Por isso, em uma sociedade ácrata, os ideais e as práticas seriam diferentes e todos os espaços e instâncias estariam baseados numa perspectiva libertária, sendo necessária somente uma introdução inicial de estudo (alfabetização) para que os demais conhecimentos fossem conquistados pela liberdade e vontade de cada pessoa:

É claro que o ideal anarquista não é suprimir a escola, mas pelo contrário engrandecê-la, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensino mútuo, onde todos seriam ao mesmo tempo alunos e professores, onde cada criança, depois de ter recebido umas "luzes de tudo" nos primeiros estudos, aprenderiam a desenvolver-se integralmente, na medida das forças intelectuais, na existência por ela livremente escolhida. (CUBERO, 1989, p. 79)

Jaime Cubero esteve desde cedo em busca dessa pedagogia libertária, de sua autoformação, mantendo sua coerência ética com os seus princípios e ideais. Aos 15 anos ele e Liberto Lemos (posteriormente seu cunhado) decidiram iniciar leituras sobre anarquismo, eles saíam do trabalho na fábrica de sapatos, jantavam e

iam para um quartinho fazer as leituras, cada um lia uma parte. Depois de um tempo resolveram agregar mais alguns rapazes e moças e formaram o "Centro Juvenil de Estudos Sociais":

(...) este *Centro Juvenil de Estudos Sociais*, já com ideias críticas bem libertárias, anarquistas. Porque, por exemplo, o pai do meu cunhado (José Lemos) chegou a construir no fundo do quintal uma cobertura para um dos maiores militantes do Brasil, o Florentino de Carvalho (...) fundar uma escola dentro daquelas escolas racionalistas que os anarquistas faziam em qualquer canto. Eles tinham já um certo envolvimento com o anarquismo... Quando nos reunimos juntamos mais ou menos 18 pessoas entre moças e rapazes. (CUBERO *apud* SILVA, 2012, p. 8-10)

Francisco Cuberos também narrou esse período do centro de estudos no trabalho de AVELINO (2004, p. 120-121) e da grande influência de Florentino de Carvalho, diretor da escola moderna nº 2 de São Paulo no início do século XX. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, a própria Maria Cubero revelou que eles só chegaram a ir a seu funeral, convidados pela família do Liberto Lemos, ainda assim, ele foi uma influência para a formação desse grupo de estudos.

Jaime Cubero conta sobre vários militantes que demonstraram essa capacidade de buscar conhecimento, como autodidatas, e de mediar uma educação libertária, como professores – ou mestres na definição de Gusdorf (1987):

Reclus foi preso junto com companheiros (5 de abril de 1871). Conduzido a Brest, fechado na fortaleza da cidade, onde permaneceu sete meses, animava os companheiros e dava aulas de matemática, geografia e outras ciências. (CUBERO, 1989, p.76)
Essa experiência de procurar o conhecimento eu vi em todos os militantes anarquistas, que não tinham freqüentado os bancos escolares. Liam seus livros e, sempre que saía um livro novo, liam, estavam sempre estudando e discutindo no Centro de Cultura. Ainda há pouco, estive em Porto Alegre e encontrei o Augusto. Ele está com 84 anos, quase cego, diabético, mas passa todo o tempo lendo. Foi assim, também, quando conheci o Oiticica, no Rio de Janeiro. Ele estava com 74 anos, tinha já uma formação completa, acadêmica, foi professor a vida toda, deu cursos na Alemanha. Sabe o que ele estava fazendo? Estudando russo e, ao mesmo tempo, como músico, estudando Bach. Não admitia que o avançado dos anos pudesse empobrecer o espírito. (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 402)

Jaime Cubero aponta como um dos requisitos para ser um professor libertário a capacidade de transmitir de forma simples e acessível o conhecimento, e ir progredindo a complexidade junto com o desenvolvimento do educando. Já a grande

falha do ensino atual é, para ele, o “aprendizado” voltado para a memória mecânica, o decorar informações e não compreender conceitos, num ensino voltado para a finalidade limitada dos exames, das provas (CUBERO, 1992, p. 30).

Para mim, professor não é o que passa matéria, como se diz. Isso qualquer um pode fazer, desde que habilitado pelo diploma. Professor é aquele que consegue motivar, despertar o interesse do aluno pela matéria, com um envolvimento prático, com muita simpatia.

[...]

Às vezes, ouvia o Mário Ferreira falar por três, quatro horas, voltava para casa e pegava um livro para ler. Não estava cansado, estava motivado. Há muitos professores dando aula por contingência, a maior parte deles se desenvolve na profissão, mesmo não gostando dela. Então, a profissão de professor, que é maravilhosa, é encarada como uma parte da maldição geral do trabalho. Gostaria mesmo de ter sido professor, um professor libertário. (CUBERO *apud* VALVERDE, 2007, p. 408)

Abaixo segue um mosaico com fragmentos do depoimento de Miquelina Veiga (*apud* SANTOS, Out/2013) que revela o quanto esses requisitos, que Jaime Cubero considerava essenciais para o exercício da pedagogia libertária, estavam presentes em sua prática. Sua generosidade, sua escuta atenta, sua fala prazerosa, um ser humano verdadeiramente ímpar:

ele era a pessoa que conversava com todos os níveis, os acadêmicos, o pessoal da militância no Rio de Janeiro. O Jaime era referência. Ele era a pessoa que aglutinava tudo. E assim, na verdade o Jaime tinha um olhar generoso. Ele tinha um olhar generoso pra tudo. (...) e quando ele não tinha como manifestar isso, ele ficava quieto. Então, a gente às vezes vinha com certas visões dos fatos ou dos problemas e tal, que ele ouvia. Ele ouvia e elaborava aquilo. Esse traço assim, dessa visão generosa sobre as coisas é muito marcante. (...) quando o Jaime ouvia, ele ouvia significativamente, aí ele propunha uma outra coisa e fazia com que a gente refletisse.

(...)

O Jaime é daquela forma de..., ele tinha uma comunicação muito exuberante, ele articulava muito bem, e ele fazia ligações entre histórias passadas com o presente. Então é assim, intelectualmente era ..., (...) falar desse jeito, fica meio religioso até, que é uma coisa que a gente quer evitar. Mas é referência, era arrebatador mesmo, a gente ouvia com deleite. Vamos falar assim, era um grande deleite o ouvir falar. Porque pelas histórias que são significativas, porque ele trazia outras pessoas também, resgatava, e tinha essa maneira afável mesmo de colocar.

(...)

Ele influenciou no ser humano Miquelina. Na questão de estar ligada, de conhecer uma pessoa de uma geração bem anterior, mas que trazia uma bagagem e uma visão do mundo muito rica, íntegra mesmo. No sentido assim, era racional, mas era muito emocional. Então,

nesse ambiente o Jaime propiciava isso. Essa integração mesmo entre as nossas potencialidades. E então, eu pessoalmente, como eu já disse, a questão afetiva é marcante, o sentido de enxergar ali uma pessoa que realmente aproximava. Como é que a gente explica isso? Como é que a gente adjetiva isso? Liderança? Não, é pouco. Era assim, um ser humano ímpar, e que fazia com que a gente se sentisse humana.

Jaime Cubero em todas as entrevistas concedidas dizia sobre seu desejo de ser professor, um professor libertário, inclusive Parmênides Cuberos confirmou que mesmo para a família ele insistia em revelar esse desejo. Jaime Cubero não foi só um professor, ele realmente foi um mestre. Não por acaso ele foi escolhido para dar nome a uma turma de formandos em história – momento em que ele expôs de forma condensada e direcionada os sentidos da educação libertária, que pode ser aplicada a qualquer área do conhecimento, não exclusivamente à história. Mantenho o texto de sua fala integralmente, por considerar ser de tamanha profundidade e beleza que merece ser reproduzida:

Por uma inusitada circunstância vejo-me elevado à dignidade de ter meu nome ligado à Turma dos Formandos em História de 1991, da Universidade Metodista de Piracicaba. Tanto mais inusitado é o fato para mim, que na oportunidade de agradecer a elevada honra e a homenagem que me é prestada, só o posso fazer com algumas palavras que poderão parecer também inusitadas numa solenidade como esta.

Palavras dirigidas aos futuros professores e pesquisadores da História: História que há muito deixou de ser meramente descritiva, mas cuja investigação exige conhecimentos de outras disciplinas, como Sociologia, Economia, Filosofia, Psicologia, em suma, um pouco de todo o saber humano. Um saber que transcende as fórmulas de manuais, de programas que limitam a inteligência, que levam a decorar conteúdos e a desenvolver a memória mecânica, a preparar os alunos para a prova, que só prova que sabem a prova, mas que não prova que sabem. Um dos aspectos negativos da pedagogia moderna consiste em julgar que basta apenas informar bem o educando para atingir o conhecimento, quando a verdadeira pedagogia consiste em dar a este a capacidade, por si mesmo, de investigar as causas, as razões, os porquês das coisas. É tema de máxima importância o problema da formação mental que a pedagogia libertária propõe, porque permite o desabrochar do potencial criativo dos alunos e estimula o autodidatismo, possibilitando a formação de uma consciência crítica no educando. Os grandes vãos do pensamento humano e os avanços que grandes homens empreenderam para a humanidade foram feitos fora da escola oficial, porque foram, acima de tudo, autodidatas nas suas especialidades.

Só com plena liberdade de pensamento pode-se chegar a uma maior compreensão da História. E porque nos interessa tanto a História? É

apenas por ser ela o relato da vida dos que nos antecederam? Não. É que desejamos saber alguma coisa sobre o amanhã. Queremos prognosticar, adivinhar as possibilidades do amanhã. É um natural desejo humano, filho da vontade de saber e da esperança. Esperança de que se reúnam os homens numa visão ecumênica, para, num ímpeto só, realizar o supremo desejo de todos: uma humanidade de paz e de bem estar, em que a personalidade humana seja devidamente respeitada e liberta de uma vez para sempre de ameaça dos falsos messias, dos falsos guias, que se tornam inevitavelmente, os opressores de amanhã e fautores das grandes e cruéis brutalidades que têm ensanguentado as páginas da História.

Lembro do discurso proferido no dia 22 de outubro de 1895, durante a sessão solene de abertura da Universidade Nova de Bruxelas, por Elisée Reclus, um dos maiores geógrafos do mundo e uma das maiores expressões do Movimento Libertário de todos os tempos, falando do Heroísmo nos Estudantes e Professores, citando Emerson, ao dizer que a primeira qualidade de quem se consagra à verdade científica é o heroísmo. Reclus dizia que o heroísmo pedido pelo filósofo americano ao professor, com mais razão deve ser pedido ao aluno, porque este oferece mais vastas esperanças. A ele pertence o futuro. Vocês formandos e estudantes de hoje devem ser ajudados a viver com nobreza porque principalmente vocês devem ser heróis.

O verdadeiro saber não é utilitarista. Sua busca exige grandes esforços, desinteresse e perseverança. Por isso sua conquista é heroica.

Todo o verdadeiro saber leva à libertação, avança para um amanhã sem peias e sem compromisso. Realiza o homem na sua grandeza e exalta o que é superior e o dignifica.

Todo verdadeiro saber é muito mais que uma promessa: é a afirmação mais categórica e mais robusta de uma realidade que cabe ao homem conquistar. (Cubero, Dez/1991)

CAPÍTULO IV - Florescendo Ideias

4.1 Jaime Cubero - um educador-narrador:

Alguns estudos desta pesquisa apontam para uma compreensão da trajetória de Cubero como um educador-narrador na concepção de Walter Benjamin:

o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. (BENJAMIN, 1994, p. 221)

Jaime Cubero traz em sua prática essa ligação. São experiências vividas ou incorporadas de narrativas orais ou escritas, memorizadas e novamente transmitidas por sua narrativa, deixando em seu discurso sua marca, sua interpretação e possibilitando a cada ouvinte ou leitor a sua própria interpretação, incorporação, reflexão, que serão memorizadas de forma igualmente singular. Essa ligação experiência-memória-narração não ocorre de forma linear ou cíclica, mas é antes uma imbricação.

O narrador, neste sentido, trabalha com a natureza vívida da palavra inscrita na própria experiência:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos.(...) Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram (BENJAMIN, 1994, p.198-199)

Compromissado com esta linhagem que respeita o papel formativo da experiência, o narrador guarda dos artífices o cuidado com a matéria e o zelo com a forma para que sejam fiéis àquilo que se compartilha pela própria experiência. Tal como o sapateiro que alia em sua costura a pala com a sola do sapato, o celeste com o terrestre, a razão e a sensibilidade, a tradição e a rebeldia. Sabedor das contradições e consciência aguda dos conflitos sabe bem que a formação se distingue dos quilos de informação. Daí também o seu declínio numa sociedade de

consumo que se consome em imagens sem vida e propaga uma educação de caráter mercantil baseada apenas em informação:

Se a arte de narrar é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. (...) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposta ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p. 203)

Jeanne Marie Gagnebin, no livro *História e Narração em Walter Benjamin* (1994), retrata e contextualiza o cenário no qual, não somente Benjamin, mas todos os teóricos do "desencantamento do mundo" estão inseridos, tomados por uma nostalgia profunda frente os acontecimentos da época. Nesse sentido, Benjamin não conseguia vislumbrar um futuro positivo, tudo parecera ter findado incluindo o papel das narrativas e de seus narradores.

As histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas; elas acarretam uma verdadeira formação (*bildung*), válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade. (*Op. cit.*, p. 57)

Não seria nesse mesmo tom que Miquelina Veiga retrata a importância de Jaime Cubero, como alguém importante para a formação da pessoa Miquelina? Não se trata de dogmatizar, mas de formar, dar forma, com toda a habilidade de artesão, um artesão-narrador-educador.

4.2 Jaime Cubero, um educador-artesão:

Educador-narrador e artesão-intelectual pelo seu refinamento no trato com o conhecimento escrito e principalmente sua habilidade oral em compartilhar tais conhecimentos já transformados em saberes pela experiência. Essa concepção artesanal pode ser confrontada ao processo educativo da escola no sistema capitalista, seja estatal, confessional ou particular.

A *philia* em plena imprevisibilidade é o movente básico do educador (elemento confuso e angustiante para o "professor") - buscador de mestria - para que se torne, no encontro fortuito com o aprendiz, aquele que contribui para a construção de sua personalidade com o testemunho de um itinerário percorrido. Diz Georges Gudsdorf (1987) que "*o professor expõe a matéria e se expõe*". Não há como contornar o fato inelutável do educador como referência para as pessoas em

seu entorno, quando assume a fala, assume o centro da sala de aula, assume seu papel no seio do coletivo. Estarão todos à procura silenciosa de alternativas no comportamento, na atitude, na forma de organizar o conhecimento, no jeito de administrar os conflitos, nos silêncios e hesitações, nas provocações e reflexões daquele educador. Seu mais alto ensinamento é ele próprio e sua construção peremptória, transitória, frágil e frágua. Esta é a condição do *didaskalos* (o mestre) em sua própria *didaskalia*. Por isso, podemos dizer do ato educativo como a construção artesã de uma obra de arte - ou mais, rigorosamente, arte em obra, sempre em relação. Disso não se pode concluir uma "inflação do ego", com toda a arrogância dos narcisismos magistrais, mas a responsabilidade e o desafio de tentar a coerência entre aquilo que se "*professa*" no discurso com as atitudes e a forma de ser. Tentar sair da fácil e ilusória esquizofrenia reinante no magistério - dizer uma coisa e fazer outra completamente diferente. Daí nossas patologias. Esta concepção artesanal de educação, pois que é uma arte feita com as mãos (*Quíron*), no espaço da intimidade e no tempo construído do manejo, tentativa e erro, sem os arroubos pirotécnicos do espetáculo (no mau sentido do termo). Mas, na contemplação ativa fabril e operária de quem tece, entretece, constrói, amarra, cinge... (FERREIRA-SANTOS, 2010, p. 87).

Esta concepção artesã de educação me parece ser aplicável ao que foi largamente exposto aqui, através dos depoimentos e entrevistas, na trajetória de Jaime Cubero. Esta busca de coerência entre seus princípios e concepções e a vida em seu cotidiano. Por isso, o Centro de Cultura Social foi um espaço de intimidade formativa muito antes de qualquer finalidade institucional. Lugar de encontros entre tantos buscadores, mediados pelas mãos artesãs de Jaime Cubero, na velha estirpe dos sapateiros que nos calçam para enfrentarmos nossos próprios caminhos. Não forma à sua imagem, mas insiste para que sigamos o nosso próprio caminho na abertura de outros caminhos, na formação de outras pessoas, numa comunidade fraterna e libertária, fundada na construção de "um outro mundo possível", "*aqui e agora em todo lugar em que o sujeito está*", afirma ele próprio no documentário "*Escolas Modernas*" (1995).

Todo mestre também é, num certo sentido, um mestre artesão que soube primeiro ganhar-se a si mesmo através de uma conquista metódica. A obra fundamental do homem é ele mesmo e as realizações exteriores são apenas confirmações dessa obra-prima fundamental que para o homem digno desse nome é a edificação de si mesmo.

Essa é a razão por que o aluno espera do professor não o ensino de um saber ou de uma técnica, embora esse ensino possa servir de pretexto e de programa para o encontro. Mas a realidade profunda é outra, se o professor for verdadeiramente um mestre e o aluno discípulo autêntico. Através da atividade docente, o aluno está atento à justificação dessa atividade. Admira a inteligência do professor, a

facilidade de expressão, a amplidão de seu saber, mas essas qualidades e faculdades não são mais do que símbolos de uma essencial qualidade de ser à qual, conscientemente ou não, se liga a atenção respeitosa daquele que pede uma lição de vida.(GUDSDORF, 1987, p. 77)

Em um cenário, temos um aprendizado artesanal, singular, sensível e afetivo, possível por um elo de comprometimento de ambas as partes envolvidas na troca de conhecimentos, saberes e experiências, com um horizonte aberto, em eterna construção atrelada à criação e sua interface artística e cultural.

No outro, a produção em escala, massificada, uniformizada, padronizada, em que o elo de comprometimento é substituído pela burocratização controladora, e pela transmissão de informações catalogadas nas apostilas e livros didáticos, com respostas pré-definidas e sem margens à criatividade e construção. A era da *reprodutibilidade técnica*, de produtos e pensamentos.

Compreendo assim a pedagogia praticada por Jaime Cubero como uma "pedagogia artesã", uma vez que seu conhecimento não era oriundo da academia, mas de um autodidatismo e da sua autoformação que foi desenvolvida com saberes incorporados pela prática e pelo compartilhar das experiências. Em sua forma simples, mas não simplista, de expor seu conhecimento, Cubero realizava um trabalho tão delicado e cuidadoso, um trabalho de modelagem, de lapidação. No processo de imprimir no outro, ou na matéria, as suas marcas, o que só é possível com a permissão desse outro. Lembrando que a matéria a ser trabalhada, ou a pessoa a ser instruída, possui a sua resistência, não permitindo que seja feito com ela o que se quer, mas aquilo que ela permitir.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. (...) Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

4.3 Jaime Cubero - um educador das escolhas:

Durante a leitura dos textos sobre a filosofia trágica, de Clément Rosset (2010 e 1989) e Rogério de Almeida (2010a, 2010b e 2010c) pude encontrar algumas semelhanças entre a visão de Jaime Cubero a respeito das atitudes libertárias e a

aceitação trágica da condição humana e de sua ação como educador, como aquele que propicia a capacidade de abrir caminhos-escolhas.

Como aceitação trágica da condição humana, entendo o conceito nietzschiano de *amor fati* de aceitar as coisas como são, ou apesar de como elas são:

"Minha fórmula para a grandeza do homem é *amor fati*¹³: não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda a eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo (...) mas amá-lo". **A condição trágica deste "amar o seu próprio destino" pressupõe uma pessoa que tenha condições de elaborar o seu próprio quadro de valores para pautar suas atitudes.** Portanto, a noção se articula com a vontade de potência e, de maneira paradoxal, mas muito coerente com o espírito nietzscheano, com a aceitação ativa de seu destino. (NIETZSCHE, 1974, p. 382 apud FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2012, p. 13)

Na visão libertária do Jaime Cubero há sim um desejo de mudança, mas principalmente um desejo de automudança, de criar seu quadro de valores apesar de a situação não ser a ideal. É nessa tônica do “apesar de”, que na sua individualidade a pessoa agiria pautando-se em valores estabelecidos por suas escolhas. E fundamentalmente, não lamentar a não realização do ideal, mas aceitar e amar a vida apesar dela não ser a ideal.

Michel Maffesoli (2003) traz uma perspectiva do trágico que corrobora com a abordagem de Nietzsche e reforça a constatação de *uma vida vivida sob forma de avidez* (p. 23). O trágico obriga a pensar se ainda que nada que façamos traga algum resultado futuro, se ainda assim o faríamos. Se sim, passamos a viver com intensidade todo e qualquer momento de vida. *Arte de viver fundada já não mais na busca da liberdade absoluta, mas nas pequenas liberdades intersticiais, relativas, empíricas, e vividas no dia-a-dia* (op. cit.).

Jaime Cubero, tal qual busquei demonstrar durante toda a investigação, nunca lamentou o aqui e agora em decorrência de não ser um mundo anarquista.

¹³ De acordo com o Vocabulário de Friedrich Nietzsche desenvolvido por Patrick Wotling (2011), o amor fati é uma retomada da fórmula do estoicismo romano, sendo literalmente “amor ao destino”, expressão pela qual designa o assentimento, o sim, como atitude geral para com a realidade. Tratando-se de pensar uma relação afetiva e não gnoseológica com o destino: *não a resignação em face a fatalidade inelutável, mas, muito pelo contrário, a aceitação alegre, e mesmo o fato de sentir a necessidade como uma forma de beleza*.(p. 14)

Jaime Cubero escolheu o anarquismo como sua forma de vida no mundo, tomou posse de seu destino e o amou. Viveu a liberdade possível e apresentando aos demais essa possibilidade, essa escolha.

A pedagogia da escolha (ALMEIDA, 2010a) está intimamente relacionada com essa aceitação trágica. A busca de um conhecimento como escolha e não com uma finalidade (GUDSDORF, 1987). E compreendo o discurso em Jaime Cubero nesse mesmo sentido. Ser anarquista como escolha apesar de não transformar o mundo imediatamente, e nem para alcançar algo material ou status, mas como incorporação de estilo de vida, como escolha para seu trajeto.

As escolhas só podem ser realizadas a partir de alternativas. Só escolhemos o que é passível de escolha. A função da pedagogia seria, portanto, abrir essas possibilidades aos educandos, dando-lhes a liberdade para a escolha. Jaime Cubero foi aquele que possibilitou essas escolhas. Esse mestre narrador e artesão buscou incessantemente desvendar múltiplos caminhos para que seus discípulos pudessem trilhar o caminho escolhido, na criação de si mesmo:

Dessa forma, a escolha é a única ação que instaura a minha existência individual, é a única instância de posse, de possibilidade, que me permite afirmar que algo é meu. E aqui, no âmbito da educação, escolha não se resume às possibilidades de carreira profissional, mas enraíza-se na própria trajetória do educando. Sua capacidade de escolher e assumir suas escolhas na existência. Porque o homem pode ser levado pelas contingências, pode realizar-se socialmente sem se assumir, flanando na superficialidade de um mundo plural e aberto, que não se constrange de afirmar uma liberdade que ele mesmo bloqueia e que em última instância, é permanentemente ilusória. Dessa forma, apostar na escolha é estreitar esse mundo amplo de possibilidades-outras para um mundo criado de escolhas-minhas. Busca de individuação, caminho da criação de si. (ALMEIDA, 2010a, p. 61-62)

Essas dimensões afloradas em Jaime Cubero podem soar como algo utópico. Mesmo após relatar na pesquisa que não se trata de uma teoria vazia, mas sim, uma crítica prática, uma reivindicação atuante, incorporadas no pensamento-ação cotidiano desse militante. Para desvencilhá-la do sentido pejorativo que a palavra utopia carregou e ainda carrega no meio científico-acadêmico resgato um trabalho magnífico de Maurício Tragtenberg.

Maurício Tragtenberg (2011) faz um resgate das utopias desde a Renascença, dialogando com diversos pensadores – Bacon, Saint-Simon, Thomas More, Campanella, Rousseau, Fourier, Proudhon, Bakunin, Buchez, entre outros – revelando que a utopia sempre serviu ao propósito de motivar as pessoas à sua busca, colocando-as em movimento, em ação. Nesse aspecto o anarquismo é, sem dúvidas, uma proposta utópica. Concordando com Mannheim, afirma que o desaparecimento da utopia leva à estagnação do homem que passa a ser coisa:

“O desaparecimento do universo utópico coincidindo com o maior poder do homem sobre o meio implica ao mesmo tempo seu alheamento: sua renúncia a plasmar a realidade, sua renúncia à ação, que se constitui na forma efetiva de testemunho; ao contrário, a apatia, a despolitização, a não participação aparecem como as características dominantes nesta fase do século.” (p. 50)

Tragtenberg resgata nesse texto o conteúdo crítico das utopias, que ao serem propostas estão negando a sociedade atual. Por isso, e não só, é válido resgatar tais universos utópicos, que preenchiam o olhar de horizonte de Jaime Cubero. Sempre disposto a despertar do estado de “coisa” as pessoas que com ele se encontravam, convidando-as à ação, convidando-as à fazer escolhas, e à vivê-las intensamente todos os dias. Essa ação interna, essa escolha, se torna convicção e compromisso e pautará suas atitudes e relações. Se isso soa utópico, pois bem, esse é um de seus objetivos.

COLHENDO FRUTOS

O que já foi possível perceber como terreno propício para outras investigações é que a participação de muitos jovens estudantes nos Centros de Cultura, Ateneus, Grêmios e outros espaços com princípios educadores libertários, influenciaram grandemente as escolhas destas pessoas para dar sequência a uma trajetória acadêmica. E muitos são os que estão à procura de retribuir o conhecimento e concepções adquiridas, valorizando essas experiências no meio universitário.

Essa influência é acentuada naqueles que encontraram em Jaime Cubero a expressão de um homem *integral*, na concepção libertária abordada ao longo do trabalho o que não dissocia o *fazer* do *pensar*. Retomamos suas características já enunciadas na epígrafe do trabalho:

*no ofício múltiplo
de sábio e sapateiro
um homem se cria
palmilhando pregos, sonhos,
lutas e sentidos
nascidos da dura dignidade da matéria*

Preparando assim os seus sapatos que o acompanharam em sua trajetória. Calçados nos *sonhos*, nas *lutas* e nos *sentidos* que estão sempre em tensão com a condição dada. Apresentando às pessoas que encontrava ao longo de sua trajetória as possibilidades de caminhar com seus próprios pés, na direção que a liberdade apontar. Jaime Cubero trazia em sua própria corporeidade os princípios que o moviam, utopias que preenchiam seu olhar.

*seu olhar de horizonte
abraça o perto que foge
em invisível delicadeza
e o que nos acena lá longe
como impossível e alheio
sendo nosso residente*

Jaime Cubero exerceu em profundidade a noção de alteridade, de solidariedade, de apoio mútuo. Além de um grande orador, era um ouvinte ímpar, com uma escuta generosa. Após colher em sua escuta atenta todos os indícios de

uma predisposição para conhecer os princípios libertários, preparava as palavras que eram sua matéria prima, para empregar sua sabedoria de educador-artesão-narrador.

*no ouvir
acolhe o outro
que então se reconhece.
a palavra em alteridade
é maré de epifanias*

Saber que não era fruto somente de sua própria trajetória, mas de uma longa jornada legada de geração em geração, de mestre para discípulos que se tornam mestres.

*convive com os bens simbólicos
que lhe chegam através das eras
como pássaros e constelações*

Podemos inferir que aqueles que tiveram o privilégio de conhecer Jaime Cubero e fizeram a escolha do trabalho acadêmico, levam a semente artesanalmente constituída por Jaime Cubero para semear naqueles áridos campos do tradicionalismo, formação de elites dirigentes, impérios burocráticos e carreirismos, ciência positivista e cúmplice do espírito do capitalismo na busca de constituir espaços críticos, criativos e transformadores na formação de outras gerações que assumam o compromisso estético e ético de um humanismo libertário. Conscientes da contradição, essas pessoas abrem fissuras e brechas, respiradouros para outra forma possível de ser, sendo fiéis, de acordo com a personalidade de cada um, às lições do mestre-artesão, educador-narrador, pela lucidez reflexiva de sua escritura, pela vivência na partilha dos bons dedos-de-prosa engajados no cotidiano. Pois essa era sua habilidade:

*cultiva estranhas flores no limiar dos abismos
na improvável praia pressentida
entre o horror, o cosmos, a radical liberdade
e a mais terna compreensão dos ser*

Apesar de não ter participado diretamente dessa experiência - por não ser militante e só ter tido contato presencial recentemente com o movimento, a partir da própria pesquisa - o comprometimento de passar adiante ensinamentos vivenciais adquiridos nos espaços e leituras libertárias vai se tornando parte integrante do eu-pessoa-pesquisadora que aqui deposita sua semente.

Felizmente outra forma de ciência distante da "ciência tradicional" me autorizou a trabalhar com rigor e liberdade os documentos, tentar constituir sentidos em suas leituras possíveis, sem excluir o colorido sensível, o calor dos encontros, a angústia das contradições, a paixão da busca - que compõem o terreno próprio em que se movia Jaime Cubero.

Imagens 16 – Jaime Cubero / 29 de agosto de 1992

Foto do evento "Outros 500 – Pensamento Libertário Internacional" PUC-SP 29/08/1992
Fonte: acervo pessoal de Doris Accioly e Silva

CRONOLOGIA

A presente cronologia foi realizada com a compilação de dados obtidos pela pesquisa, e outras duas cronologias contidas na obra Contos Anarquistas Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935) de Antonio Arnoni Prado, e Francisco Foot Hardman (1985) e O pensamento Histórico-Político de Cornelius Castoriadis de Fernando Cesar Teixeira França (1996). A despeito de várias lacunas, pretende-se aqui situar alguns acontecimentos que possam ilustrar o contexto no qual o trajeto de Jaime Cubero estava imerso.

CRONOLOGIA			
ANO	TRAJETÓRIA JAIME CUBERO	CONTEXTO HISTÓRICO	CONTEXTO ANARQUISTA
1926	Em 05 de abril em Jundiaí - SP nasce Jaime Cubero.	Partido Fascista se torna partido único na Itália; Golpe Militar em Portugal abre o caminho à ditadura fascista, visando responder ao crescimento das lutas operárias.	Maria Lacerda de Moura encontra-se em São Paulo com Han Ryner e A. Néblind; Chega ao México o escritor e militante anarquista de origem polaca Ret Marut, que passou a assinar seus livros como Bruno Traven. Formação do primeiro grupo anarquista da Guatemala.
1927		A Coluna Prestes interna-se na Bolívia	Em Valência foi fundada a Federação Anarquista Ibérica (FAI) reunindo as organizações anarquistas das várias nacionalidades da península ibérica. Junto com a CNT, seriam as organizações que tiveram o papel decisivo na Revolução Espanhola de 1936. São mortos nos Estados Unidos Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti, trabalhadores anarquistas italianos, num processo judicial fraudulento, que provocou a indignação do movimento operário internacional. Greve na Colômbia marca o momento mais alto do sindicalismo revolucionário no país; Instala-se no Rio de Janeiro o Comitê Pró-Confederação Geral do Trabalho do Brasil.

1928		Reúne-se o Terceiro Congresso do Partido Comunista do Brasil. Chang Kai-Chek conquista Pequim e unifica o país; Elaborado o I Plano Quinquenal da URSS.	Maria Lacerda de Moura participa em Guararema (São Paulo) da experiência de uma comunidade agrícola libertária; Organiza-se em São Paulo o Bloco Operário Camponês.
1929		Define-se a plataforma da Aliança Liberal; Crack da Bolsa de Valores em Nova Iorque: crise do capitalismo internacional; Trotski foi exilado da URSS no México.	Começa a circular o Jornal Anarquista <i>Ação Direta</i> fundado por José Oiticica (RJ); José Oiticica parte para Alemanha como professor de português da Universidade de Hamburgo.
1930		Golpe Militar derruba o governo de Washington Luiz, Getúlio Vargas é empossado no Governo Provisório; Golpe militar do general Uriburu impõe uma ditadura à qual seguiu-se outra de Perón, que destruiu o sindicalismo autônomo na Argentina.	Fábio Luz publica o livro <i>Ensaio</i> (RJ).
1931		Criados o Ministério do Trabalho e a Lei de Sindicalização pelo Estado varguista.	Lauro Palhano publica <i>O Gororoba - Cenas da Vida Proletária do Brasil</i> (RJ); É fundada no Chile a Federación General de Trabajadores (CGT) anarco-sindicalista, com uma estrutura semelhante à FORA argentina. Morre o anarquista francês Emile Pouget que, junto com Fernand Pelloutier, desenvolveu as ideias centrais do sindicalismo revolucionário. Greves em Cuba promovidas pelos anarco-sindicalistas duram vários meses.
1932		Revolução constitucionalista de 1932 em São Paulo-SP; Coletivização forçada na URSS provoca morte de milhões de pessoas.	Morre na Itália, sob liberdade vigiada, Errico Malatesta, o principal agitador e pensador anarquista italiano, que atuou em vários países.
1933	Jaime Cubero ingressa na escola, que interrompe em virtude de problemas de saúde e retorna no ano seguinte já em São Paulo.	Hitler chega ao poder na Alemanha; São criados os primeiros campos de concentração; Nos EUA, inicia-se a política do <i>New Deal</i> como resposta à crise econômica.	Patrícia Galvão publica o romance <i>Parque Industrial</i> (sob o pseudônimo de Mara Lobo); Abertura do Centro de Cultura Social em São Paulo; Morre o poeta alemão John Henry Mackay, grande divulgador do pensamento de Stirner.

1934		Na China os comunistas se rebelam e iniciam uma retirada em direção ao norte, episódio que ficou conhecido como "A Grande Marcha".	Fábio Luz publica <i>Dioramas</i> (ensaios literários RJ); Interrompe-se a publicação da Enciclopédia Anarquista, iniciada por Sebastien Faure; A CGT portuguesa, anarco-sindicalista, desencadeia uma greve geral revolucionária em 18 de janeiro. A repressão que se seguiu, destruiu o sindicalismo revolucionário e instituiu o sindicalismo corporativista fascista; Diego Abad Santillán parte para a Espanha onde teria um papel importante no contexto revolucionário.
1935		Levante Comunista no Rio de Janeiro, Recife e Natal.	Repressão e Fuga dos libertários da comunidade agrícola de Guararema (SP); Morre em Paris o anarquista ucraniano, Nestor Mackhno, que teve de se refugiar no ocidente após ser perseguido pelo governo russo; Morre, no Uruguai, o militante anarquista italiano Luigi Fabbri, companheiro de Malatesta que desenvolveu intensa atividade na Europa e no Uruguai; Os anarquistas cubanos participam da luta contra a ditadura de Batista; É fundada clandestinamente na Argentina a Federación Anarco-Comunista Argentina (FACA).
1936		O Front Populaire vence as eleições na França, e Léon Blum forma o novo governo. A Frente Popular vence as eleições na Espanha, morre Boaventura Durruti e Frederico Garcia Lorca: inicia-se a guerra civil, que leva à derrota do movimento operário e à ascensão do fascismo.	Morre em Moscou Máximo Gorki; José Oiticica encena a comédia em três atos <i>Pós de Pirlimpimpim</i> ; Como resposta ao golpe fascista do general Francisco Franco, os trabalhadores, sindicalistas e anarquistas assaltam os quartéis desencadeando um processo revolucionário libertário que teve de se confrontar com os fascistas de Franco, apoiados por Hitler, Mussolini e Salazar e, internamente, com os estalinistas; O revolucionário Victor Serge, ex-anarquista, que se tornou militante do Partido Comunista da União Soviética, consegue exilar-se no ocidente, após um movimento internacional de solidariedade, vindo a denunciar os crimes do stalinismo; É morto a tiro em Madrid, em condições nunca esclarecidas, Buenaventura Durruti, o mais famoso revolucionário anarquista do nosso século.

1937		É implantada no Brasil a ditadura de Getúlio Vargas, adotando uma constituição de tipo fascista, passando a desencadear a sistemática repressão contra o movimento operário e particularmente sobre os anarquistas; "Jornada Sangrenta" contra os militantes anarquistas na Espanha.	Morte de Oreste Ristori na Espanha, combatendo nas brigadas internacionais contra as tropas fascistas de Franco; Realizam-se vários atentados em Portugal contra objetivos ligados aos fascistas espanhóis e alguns militantes anarquistas e comunistas executam um atentado contra o ditador Salazar, que consegue escapar com vida. Militantes operários, incluindo anarquistas e comunistas são deportados para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde; É morto por estalinistas em Espanha o militante anarquista italiano Camilo Berneri; É criada em Portugal a Federação Anarquista da Região Portuguesa (FARP).
1938	Jaime Cubero tem contato com suas primeiras leituras anticlericais com a influência de José Lemos	Bukharin é executado na URSS. Inglaterra e França fazem concessões a Hitler na conferência de Munique.	
1939		Franco toma Barcelona e Madri, termina a Guerra Civil Espanhola. A Alemanha ocupa a Tchecoslováquia, e a Itália anexa a Albânia. Hitler invade a Polônia. É o início da Segunda Guerra Mundial. Pacto de não agressão germano-soviético.	As tropas de Franco derrotam as forças antifascistas, seguindo-se uma violenta repressão e o exílio de centenas de milhares de operários e anarquistas, que se refugiam na França, vindo alguns mais tarde para a América Latina; Franco e Salazar estabelecem o Pacto Ibérico, fundamentalmente destinado a articular a repressão contra o movimento operário; Morre em Monte Carlo, Benjamin Tucker um dos mais destacados pensadores libertários americanos.
1940	Jaime Cubero, aos 14 anos, tira sua carteira profissional.	A Alemanha invade a Dinamarca, Noruega, Holanda e Bélgica. As tropas franco britânicas, pressionadas pelos alemães, realizam a retirada de Dunquerque. A França capitula, o marechal Pétain chefia um governo colaboracionista em Vichy. Trotski é assassinado no México por um agente de Stalin.	Morre Emma Goldman militante anarquista de origem russa, que teve uma importância central no anarquismo dos EUA. Expulsa em 1919 para a Rússia teve de deixar o país pelas suas críticas à evolução autoritária da Revolução Soviética. Foi uma das primeiras vozes a se levantar contra o autoritarismo comunista.

1941		As tropas alemãs invadem a Iugoslávia e a Grécia. Hitler rompe o pacto e invade a URSS. Os Japoneses bombardearam Pearl Harbour e os EUA entram na guerra.	
1942	Jaime Cubero, junto com amigos e familiares fundam o "Centro Juvenil de Estudos Sociais"	Os aliados derrotam os nazistas no norte da África. Castoriadis adere ao trotskismo.	
1943		As forças alemãs se rendem em Stalingrado. Mussolini é preso e executado. Judeus são massacrados no gueto de Varsóvia, na Polônia.	
1944	Jaime Cubero é dispensado do serviço militar.	A França é libertada pelas tropas aliadas. De Gaulle torna-se presidente do governo provisório e inaugura a IV República francesa.	
1945	Com a reabertura do Centro de Cultura Social - SP, Jaime Cubero assume o papel de Secretário Geral. E casa-se com Maria.	Roosevelt, Churchill e Stalin se reúnem na Conferência de Yalta. Decide-se pela criação da ONU. Os russos ocupam Berlim. Goebbels e Hitler se suicidam. Os EUA lançam bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasáqui. O Japão capitula. Castoriadis se transfere para a França.	
1946		O Tribunal de Nuremberg condena líderes nazistas. A França reconhece a independência do Vietnã do Norte.	
1947		No contexto da Guerra Fria, os EUA estabeleceram o Plano Marshall de ajuda econômica aos países europeus não socialistas.	
1948		O marechal Tito rompe com Stalin e a Iugoslávia é expulsa do Kominform. Castoriadis e Lefort rompem com o trotskismo.	
1949		A Alemanha é dividida. Os comunistas, liderados por Mao Tse-tung proclamam a República Popular da China. É criada a OTAN. Aparece o primeiro número de <i>Socialismo ou Barbárie</i> .	

1953		Morre Stalin. Malencov o substitui.	
1954	Jaime Cubero e sua companheira Maria Cubero mudam-se para o Rio de Janeiro; Jaime Cubero trabalhará com seu cunhado no jornal o Globo.		
1956		No XX Congresso do PC, em Moscou, o secretário-geral Kruchov denuncia os crimes cometidos por Stalin. Em Cuba começa um movimento guerrilheiro contra Batista. Revolução na Hungria contra o domínio da burocracia estatal. A URSS invade o país e reprime violentamente o movimento.	
1957		A URSS lança o <i>Sputnik</i> , primeiro satélite artificial.	
1958		O governo francês cai em virtude da Guerra da Argélia, encerrando a IV República. Sobre ao poder de Gaulle. Que realiza reformas políticas.	
1959		Fidel Castro toma o poder em Cuba. Kruchov visita os EUA. Cria a Nasa.	
1961		Em Cuba, é rechaçado o ataque antiaeristas na baía dos Porcos. Fidel Castro anuncia adesão ao marxismo-leninismo. Alemães do Leste levantam o Muro de Berlim.	
1962		Kennedy declara o bloqueio naval à ilha de Cuba, contra a presença de mísseis soviéticos no país.	
1964	Jaime Cubero após se envolver com a greve dos gráficos retorna para São Paulo. Passa a compor a sociedade da Sapataria Cuberos juntos com seu irmão Francisco Cubero e sua cunhada Maruja.	Kruchov é substituído por Brejnev e Kossíguin na URSS. Aviões americanos bombardeiam o Vietnã do Norte.	

1966		Revolução Cultural na China, radicalização ideológica que desencadeia expurgos e prisões, com milhões de mortes. A França se retira da OTAN. Fim do grupo e da revista <i>Socialismo ou Barbárie</i> .	
1967		Golpe militar do coronel Papadopoulos, na Grécia. EUA identificam sua participação na Guerra do Vietnã.	
1968		Eclode na França rebelião popular, de estudantes e depois de trabalhadores, que é reprimida por De Gaulle. Tanques soviéticos sufocam a Primavera de Praga, na Tchecoslováquia. Castoriadis, Lefort e Edgar Morin publicam volume coletivo dedicado à análise dos movimentos populares desse ano. Instituição do AI 5 no Brasil	
1969	Suspensão das atividades do CCS.	De Gaulle renuncia à Presidência da França e é substituído por Pompidou.	
1972		Inicia-se o processo de distensão nas relações entre países capitalistas e comunistas. O presidente americano Nixon visita a China e a URSS.	
1973		Encerrada oficialmente a Guerra do Vietnã. Papadopoulos proclama a república na Grécia, mas é deposto pouco depois por um golpe militar.	
1976		Morre Mao Tse-tung. Castoriadis torna-se psicanalista.	
1978		Castoriadis publica o primeiro volume de "as encruzilhadas do labirinto".	
1979		A URSS invade o Afeganistão. Margaret Thatcher, do Partido Conservadores se torna primeira-ministra da Inglaterra.	

1980		Reagan é eleito presidente dos EUA. Greves lideradas pelo recém-criado sindicato Solidariedade abalam a Polônia. Morre o marechal Tito, que governava a Iugoslávia desde 1945.	
1981		O socialista Mitterrand é eleito presidente na França. Os socialistas vencem as eleições gregas. A Grécia entra para CEE.	
1984		Reagan é reeleito nos EUA.	
1985	Reabertura do CCS-SP.	Gorbachov é designado presidente da URSS e inicia o processo de degelo, que fica conhecido como Glasnost (transparência).	
1986		A direita vence as eleições francesas e Jacques Chirac se torna primeiro-ministro. Publica os domínios do homem - <i>as encruzilhadas do labirinto II</i> .	
1987		Acordo entre URSS e EUA para o uso pacífico do espaço.	
1989		Massacre na Praça da Paz Celestial, em Pequim. Violenta rebelião na Romênia depõe e executa Ceausescu.	
1990		O líder sindical Lech Walesa vence as eleições na Polônia. Movimentos de independência eclodem nas repúblicas que compõem a União Soviética. Castoriadis publica <i>O mundo fragmentado - as encruzilhadas do labirinto III</i> .	

1991		<p>Fim da URSS e dos regimes “comunistas” da Europa. Fim do pacto de Varsóvia. Restauradas a Rússia e quatorze outras republicas independentes. Guerra Civil na antiga Iugoslávia. A ONU intervém. Derrubado o Muro de Berlim. Reunificação das Alemanhas. Tratado de Maastricht estabelece um plano progressivo de integração da Europa.</p>	
1992		<p>Movimentos separatistas de minorias étnicas e religiosas eclodem por toda a Europa do Leste. A China se abre para a economia de mercado. A Bósnia-Herzegovina, uma das cinco nações formadas em lugar da antiga Iugoslávia mergulha em sangrenta guerra civil.</p>	
1998	<p>Morrem em São Paulo três amigos de toda uma vida, que colaboraram, cada um a sua maneira, para o pensamento-ação libertário: Em 20/05 – Jaime Cubero Em 29/10 – Antônio Martinez. Em 17/11 – Maurício Tragtenberg</p>		

APÊNDICES

1 – Quadro das participações de Jaime Cubero em eventos

PARTICIPAÇÃO DE JAIME CUBERO EM EVENTOS ¹⁴				
EVENTO	LOCAL	DATA	TÍTULO	TIPO DE PARTICIPAÇÃO/TEMA
I Seminário Sobre a Paisagem Urbana	Centro Cultural São Paulo	8-9/5/84	Fórum Popular	Depoente/ Outros
Cinquentenário da Batalha da Praça da Sé	Faculdade de Direito da USP	01/10/84	Antifascismo (*)	Palestra/ Histórico
Dia do Trabalho	Centro Cultural São Paulo	26/04/85	Teatro Militante	Palestra/ Sindical
Encontro de Arquivos do Estado de São Paulo	UFSCAR	10/08/87	Arquivos Militantes	Palestra/ Histórico
Geografia e Anarquismo	Geografia USP	01/10/87	O Pensamento Político de Reclus e Kropotkin (*)	Palestra/ Anarquismo
O Movimento Operário e Sindicalismo no Brasil	UFSCAR	06/10/87	O Anarcosindicalismo	Palestra/ Sindical
	Faculdade de Ciências e Letras - Bragança Paulista	18/11/87	O Anarquismo no Brasil	Palestra/ Anarquismo
Movimentos Sociais e a Luta pela Cidadania	Sociedade de Estudos Históricos SP/SP	21/04/88	O Movimento Operário e a Luta pela Cidadania	Palestra/ Sindical
Ensino do 2 grau: perspectivas	Faculdade de Educação - USP	10-12/05/88	Mesa: Prioridades no ensino de 2º grau: educação para o trabalho ou educação com o trabalho?	Debatedor/ Educação
Semana do 1º de Maio	Casa de Cultura do Trabalhador A. Mazaroppi - SP	04/05/89	Mesa: Sindicalismo: ontem e hoje	Debatedor/ Sindical
As Idéias Libertárias na Revolução Francesa	ECA - USP	18/05/89	Mesa: As utopias libertárias e seu percurso na história	Debatedor/ Anarquismo
IV Semana de Ciências Sociais da PUC/SP	PUC/SP	19/10/89	Mesa: Sociabilidade e poder: resistência ou alienação	Debatedor/ Anarquismo
	ECA - USP	28/10/89	Voto livre / Voto obrigatório	Palestra/ Outros
Anarcosindicalismo: história e atualidade	CCS-SP	09/12/89	Anarco-sindicalismo	Palestra/ Sindical

¹⁴ Compilação inicial realizada por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel. Os (*) são referência supostas, mas que não estão registradas dessa forma.

	FCL - UNESP - Araraquara	16/03/90	Anarquismo	Palestra/ Anarquismo
Socialismo: utopia em crise?	UNIMEP - Piracicaba	08/05/90	Mesa: Democracia e socialismo	Debatedor/ Anarquismo
III Semana de Geografia e História	UNIP - São Paulo	06/11/90	O Movimento Anarquista no Brasil nas primeiras décadas do século	Palestra/ Histórico
Anarquismo: uma discussão sobre o verdadeiro socialismo	Espaço Cultural Rabo de Arraia - Olinda-PE	20/03/91	História do Anarquismo no Mundo e no Brasil	Palestra/ Histórico
Maio Negro - COB-AIT	UFPR	09/05/91	Anarquismo no Brasil	Palestra/ Histórico
Semana Libertária	UERJ	22/08/91	Anarquia e Antimilitarismo	Palestra/ Anarquismo
Seminário Sobre Anarquismo	Kãba Casa de Cultura - Fortaleza-CE	27-29/09/91	Seminário sobre anarquismo	Seminário/ Anarquismo
	Escola Sociologia e Política de São Paulo	30/11/91	Acabou o socialismo: viva o socialismo!	Palestra/ Anarquismo
Formatura do curso de história - turma 1991	UNIMEP - Piracicaba	19/12/91	Discurso	Discurso/ Educação
X Enefil - Encontro Nacional de Estudantes da Filosofia da USP	USP	16/07/92	A Nova Desordem Mundial	Debatedor/ Histórico
Os libertários e a educação: memória e história	FFC - UNESP - Marília	13/08/92	As Universidades Livres	Palestra/ Educação
XVII Semana de História da FAI - Faculdades Associadas Ipiranga	FAI - Faculdades Associadas Ipiranga	01/10/92	O Anarquismo na América Latina	Palestra/ Histórico
XII Semana de História "Cultura Histórica em Debate"	FCL - UNESP - Assis	01/11/92	Memória Libertária	Palestra/ Histórico
	Instituto Metodista de Ensino Superior Rudge Ramos- SP	14/09/93	A Concepção Anarquista do Homem	Palestra/ Anarquismo
Exposição Internacional Anarquista de Barcelona	Barcelona - Espanha	01/10/93	Nuestra concepción del anarco-sindicalismo	Palestra/ Sindical
I Jornada Libertária de Santos - Anarquismo: história, atualidade e perspectivas	Faculdade de Comunicação da UNISANTOS	09/11/93	Anarquismo: imprensa, história e perspectivas	Palestra/ Histórico
I Semana Anarquista	FCL - UNESP - Araraquara	10/11/93	Anarquismo	Palestra/ Anarquismo
Anarquismo: Ação e Educação	UNIMEP - Piracicaba	16/06/94	Mesa: Anarquismo: Ação e Educação	Debatedor/ Educação

I Festival de Arte e Cultura sem Fronteiras - Educação Libertária	UFSC	12/07/94	Educação independente de escola	Palestra/ Educação
Presença italiana no sindicalismo brasileiro	Centro Universitário Maria Antonia	26/10/94	Os Italianos no Brasil e o Movimento Operário	Debatedor/ Histórico
Evento inaugural do NEPHISPO	UFU - Universidade Federal de Uberlândia	01/12/94	Razão e paixão na experiência anarquista	Palestra/ Anarquismo
I Jornada Internacional sobre Infância e Violência Doméstica / Proteção e Prevenção	USP	24/10/95	O anarquismo: uma visão da educação da criança na família	Palestra/ Educação
60 Anos da Revolução Espanhola	Tesão - A casa do soma	30/08/(1996*)	Mesa Redonda	Debatedor/ Histórico
1º de Maio	Santos	01/05/97	1º de Maio (*)	Palestra/ Sindical
80 Anos da Greve Geral de 1917	Museu da Imigração - SP	19/07/97	Autogestão e Ação Direta na Greve Geral de 1917	Palestra/ Histórico
São Paulo, memórias em pedaços	TV Cultura	01/11/97	São Paulo, memórias em pedaços	Documentário/ Histórico
11ª Moitará - Separações atlânticas: a herança das imigrações espanhola e italiana no Brasil	Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica	29/11/97	Vivências	Palestra/ Histórico
Conversações Libertárias	Nu-Sol PUC/SP	24/03/98	Anarquismo e Liberdade	Palestra/ Anarquismo

2 - Mitos de origem - narrativas dos começos

*Quem escuta uma história está em companhia do narrador;
mesmo quem a lê partilha dessa companhia.*

Walter Benjamin

*Jaime era um andarilho, traçava inventivos percursos e
abalava itinerários. Jaime não escreveu um livro, repito, ele
inventou escritos nas nossas vidas; livros de ensaios para
cada um, acompanhados pelo uso e abuso de seu olhar que
via muito, auxiliado pela sua lupa pessoal. É saudável lembrar:
onde há anarquismo, há Jaime.*

Edson Passetti

Mitos de origem são as narrativas de ordem simbólica que nos colocam no tempo próprio dos começos segundo cada tradição cultural. Na escuta atenta das narrativas passamos a ser contemporâneos dos personagens, visitamos suas paisagens, nos emocionamos com os acontecimentos, perdemos a noção do tempo cronológico (*cronos*) e ingressamos no *illud tempus* do tempo original (*kairós*). Não se trata, numa perspectiva historicista de questionar-se sobre a validação dos documentos, se houve ou não houve o fato, de comprovações empíricas ou positivistas dos acontecimentos; mas, sobretudo, perguntar-se sobre o significado do ato narrado, que sentidos têm para mim? (ORTIZ-OSÉS, 2003). Sempre nos lembrando da provisoriedade das leituras possíveis diante de nossa própria jornada formativa. A cada dia, uma leitura do mundo assim como ele modifica e eu me modifico ao habitá-lo, abrindo mão dos dogmas e das intolerâncias fundamentalistas nas crenças, nas religiões, nas ciências, na política. Portanto, também não se trata de "mitificar" Jaime Cubero, mas de perceber o caráter formativo que as narrativas de origem e o poder de contextualização que estas narrativas possuem dando o testemunho de uma vida (a obra que de fato legamos ao mundo), assim como ele próprio fazia nos bons dedos-de-prosa. Aqui coletei e organizei narrativas de pessoas importantes nesta trajetória e que dão seu testemunho muito vivo da partilha de itinerários com Jaime Cubero. Um retrato craquelado com pinceladas do tempo sobre as palavras.

Antonio Martinez (1915-1998) e Jaime Cubero (1927-1998) - Nildo Avelino:

Para o anarquista, o exemplo é a melhor das propagandas, e a vida anárquica a melhor obra. Como se o caminho trilhado através dos preceitos fosse longo e árduo em comparação ao breve percurso dos exemplos. E talvez tenham sido os anarco-terroristas quem mais tenham enfatizado a conduta enérgica, exemplar e resoluta, contra os embates meramente discursivos, e afirmado no estampido de uma explosão o meio de fazer ouvir surdos. Fizeram de seus corpos um suporte para sua propaganda, modelaram seus gestos e estilizaram suas vidas de maneira a perdurarem no tempo. Rejeitaram a separação entre discurso e existência anarquista e imortalizaram-se na obra de suas próprias vidas. Por isso, nada entenderam esses que confundem estética da existência com o quietismo da vida burguesa e confortável: o que há de mais incômodo, e perigoso, do que engajar a própria vida num estilo singular? O que é mais arruinador do que passar disso que os gregos chamavam de vida inautêntica, porque irrefletida, para uma vida autêntica e refletida? É certamente mais fácil deixar-se absorver inteiramente na militância política, na preparação revolucionária. Mas são raros, muito raros, os que, ao preparar a revolução, revolucionam a si mesmos.

Antonio Martinez e Jaime Cubero foram estilos de liberdade; fizeram do anarquismo um exercício do pensamento, da vontade, de todo seu ser, procurando alcançar um modo de existir praticado a cada instante e destinado a transformar toda a vida. É dessa maneira que é preciso referir-se a eles. (...) Ao recordar amigos que perdemos, a tristeza tem qualquer coisa de doce quando vem ao pensamento seus discursos prazerosos, suas companhias alegres, seus afetos atenciosos. Quando eram presentes, sabíamos que iriam; agora que foram, parece-nos ainda tê-los conosco.

[...]

Sua participação no CCS data provavelmente de 1945, com a reabertura após a ditadura getulista. Porém, deve-se a seu trabalho pessoal a organização minuciosa de um vasto acervo, o restauro de velhos documentos e a conservação de um material valioso pertencente ao Círculo Alfa de Estudos Históricos (Grupo Projeção). Martinez, sua irmã e uma sobrinha, habitaram durante anos a sede do arquivo, uma velha casa assobradada na Rua Gonçalves Dias, no Brás. Por alguns meses fomos vizinhos, quando então morava em uma pensão na Rua Marcos Arruda, por volta de 1996. Costumava visitar Martinez quase todos os dias no cair da noite. Mostrava-me o material e queixava-se da falta de apoio; fazia questão de narrar minuciosamente suas técnicas de restauro: comprava papel arroz em casas de aeromodelismo no centro da cidade e, com cola especial, fazia os remendos necessários em jornais amarelados. Em seguida, cobria-os completamente, folha por folha, com cera de abelha,

dizendo que, além do efeito impermeabilizante, protegia contra a ação de insetos. Dizia, com muita decepção, que eu era uma das poucas pessoas que se interessava por seu trabalho.

Após o falecimento de Jaime Cubero, "seu melhor amigo" no dizer de sua sobrinha, Martinez entristeceu e caiu doente. Acamado em um leito improvisado de tijolos, em minhas visitas pedia-me algum volume de jornal que havia encadernado para ler e fazer ainda eventuais reparos. Em uma dessas visitas, levantou-se com dificuldade, apanhou uma caixa de sapatos, abriu-a e retirou um velho revólver: era a arma empunhada contra integralistas em 1934. Transferido para um leito do hospital do Jabaquara, faleceu aos 83 anos.

[...]

(Jaime Cubero) De volta a São Paulo, engaja-se arduamente nas atividades do CCS. Foi um dos fundadores de uma das melhores iniciativas da segunda fase do CCS, o "Laboratório de Ensaio", inaugurado em junho de 1966. Estabelece forte ligação intelectual e afetiva com o filósofo Mário Ferreira dos Santos, envolvendo-o nas atividades do anarquismo paulista. Com o Laboratório de Ensaio e as iniciativas de Jaime, seu irmão Francisco e Waldyr Kopesky, o CCS ganha um revigoramento sem precedentes. Organizam um teatro de arena que, segundo Pedro Catallo, funcionava com quatro sessões por semana e média de 40 pessoas por sessão, público composto de estudantes, membros de entidades sindicais e trabalhadores. O Laboratório foi um teatro de resistência anarquista contra a ditadura e na ditadura. Uma de suas peças de grande sucesso chamava-se "Os Guerreiros", de Waldyr Kopesky, que narrava a inútil tentativa de transformar um general num ser humano. Mas além das atividades artísticas, os integrantes do Laboratório se encarregavam também do jornal O Dealbar, dirigido por Pedro Catallo; organizaram, em parceria com o Centro Democrático Espanhol e com refugiados da CNT em São Paulo, uma semana comemorativa da Revolução Espanhola com exposição aberta, conferências e encerramento com noite de poesias dedicada à Revolução. Em seguida, organizam uma comemoração sobre a greve de 1917 com a participação de velhos anarquistas, entre eles Edgard Leuenroth. (verve 14/2008 p. 254-259)

Lembro o dia em que conheci Cubero – Maria Oly Pey:

Havíamos organizado, nosso grupo de afinidade — eu e alguns alunos de graduação e pós-graduação da UFSC - uma pequena viagem até São Paulo para trocar ideias com educadores que temos no rol de nãoautoritários, em função ou de conhecê-los de perto ou de deles ter ouvido falar ou lido a respeito. Curiosidade de "sentir" pedagogias instituintes em funcionamento.

Agendáramos um encontro na prefeitura e outro no Centro de Cultura Social.

Apenas para entrar no clima...

Na Prefeitura da cidade de São Paulo recebeu-nos Paulo Freire e sua equipe. Entusiasmados, ansiávamos por discutir com mais gente os possíveis funcionamentos da educação, na esteira do pensamento libertador e libertário. Do staff pedagógico, dois se revezavam nos informando sobre como estavam levando à frente uma experiência em cem escolas do município. Ouvíamos, não lembro detalhes, e só o sono ia tomando conta de mim. Olhei para o Paulo com certa inquietação e notei que sua perna cruzada sobre a outra sacudia ligeiramente, o que nele revelava preocupação. Conhecíamos um ao outro, naqueles anos 80, demasiadamente bem para sabermos o que nossas reações corporais indicavam. Meu sono intensificou-se, mas o movimento da perna cruzada do Paulo foi diminuindo, diminuindo, e cessou. Aí eu saí da sala; Guilherme e Ritinha, licenciandos em Química, logo após, quase juntos. Lá fora, Irecê e Élvio haviam se antecipado à nossa saída. Participando, ficara metade do nosso grupo visitante. Penso que ainda continuam lá.

No Centro de Cultura Social...

Na sala modesta, com cadeiras ruins de sentar, um velhinho ágil, ativo e risonho veio rápido nos acolher. Assim, vimos pela primeira vez o anarquista, um pouco não à vontade com o título de educador que havíamos colado nele. Mãos vazias de documentos "elaborados coletivamente", nos olhava nos olhos a perguntar de nós, da cidade de onde vínhamos, em que poderia nos prestar algum auxílio. Esquecemos nossas perguntas primeiras para responder as que nos fazia, vivamente interessado, e acabávamos por devolvê-las. Em uma hora, essa conversa já nos tornara íntimos, e a ela se juntou mais duas ou três pessoas que costumavam frequentar o Centro. E também nos falava ele não do que ensinava, mas do muito que tinha aprendido lendo e compartilhando com amigos, a maioria de mesmo ideário. Contou-nos histórias do sítio onde realizavam atividades em comum, da repressão às publicações do Centro e da luta por manter vivo o acervo cultural em livros anarquistas durante a mais recente ditadura explícita da nossa história, contava dos amigos e dele próprio. Parece que o vejo, apontando apaixonado para uma estante carregada de livros antigos e outros espalhados sobre uma mesa. Com metade daqueles autores, que na sua narrativa já se tornavam meio familiares nossos, tomamos primeiro contato naquela tarde. A sala se enchia de gente saindo das páginas amareladas daqueles livros, no calor da voz do velhinho autodidata. O esvaziamento da manhã dera lugar ao entusiasmo frente ao inusitado da situação. Em meio aos acontecimentos que saltitavam na sala, a película da

memória deslizava mais viva e plena de sentido para nós do que o arquivo da experiência pedagógica.

Na academia...

Irecê continuava impactada.

— Oly, eu quero o Cubero na minha banca de dissertação de mestrado!

— Mas o cara não tem títulos acadêmicos, a Universidade não vai financiar... nunca.

— A gente paga a viagem, ele fica na minha casa, ele participa da composição da mesa. Quero ver o que os burocratas vão fazer.

Afinal, era só mais uma das nossas intoleráveis e incompreensíveis atitudes na academia.

E lá veio o Cubero para a UFSC. Mas o velhinho não ia vir só para uma banca de mestrado, é claro. Ele queria colaborar conosco nas atividades do Núcleo de Alfabetização Técnica. A banca era só para satisfazer a Irecê, como ele mesmo dizia. Seu comparecimento foi uma aula de avaliação sem julgamento. Ouvindo atentamente e traduzindo o que ia aprendendo do relato da mestranda, ele jogava luz anarquista na análise foucaultiana da educação escolar que Irecê desenhara com avidez. Cubero era assim: nos espaços nos quais a maioria pratica a operação de reduzir, ele potenciava. Quando, no final, apareceu uma insinuação da plateia no sentido de objetivar a sua apreciação do trabalho, com simplicidade cristalina Cubero fez observar que, se havia apreendido tanto da dissertação, os doutores haveriam também de gostar.

E lá se foi o Cubero a trabalhar conosco em uma discussão pública, fora dos muros da universidade a partir de uma peça teatral - Bakunin - que havíamos trazido para Florianópolis. Foi durante essa discussão, passeando pela história do movimento anarquista mundial, que um futuro colaborador nosso, Jorge Silva - outro anarquista autodidata - se deu a conhecer para o grupo. Mais uma operação de potenciação, de informação e amizade.

Já passou de uma página, mas...

Recordar Jaime Cubero dá um arrepio em mim. Arrepio de prazer, lembrança doce.

Pena eu não ter conhecido muitos mais anarquistas assim.

Depois do dia em que visitamos o Centro de Cultura, Guilherme não mais se separou das leituras de Ivan Illich. Cubero tinha conseguido conectar o garoto que estudava Química com a instigante obra do

autor sobre os caminhos da água na invenção de H₂O. Daí para frente tínhamos em Illich um ótimo companheiro de referência para investigar o que não se deve sequer pensar e muito menos mencionar no âmbito das instituições. E Illich nunca fora anarquista! Mas Cubero, além de anarquista, era principalmente uma pessoa inteligente, desinteressada do poder que as capelas de identidade fazem produzir.

Depois daquele dia, lerecê desacreditou definitivamente dos doutos e das instituições educacionais que o somatório dos seus cinismos reproduz sem cessar.

Por ter conhecido Cubero juntei mais indícios para considerar que há muitos tipos de anarquismos porque há muitos tipos de anarquistas. O anarquismo dele nunca me decepcionou. Ou talvez a integridade dele como ser humano, independentemente de ser ou dizer-se anarquista, é que aderiu rigorosamente à nossa utopia de libertário. O que vale é que Jaime Cubero nos fez melhores em nossas realizações independentes, na afirmação de nossas diferenças anônimas, na força de buscar a autosustentação fora do instituído.

Cubero nos foi inspirador. Alguém que fazia crescer em nós a admiração por qualquer pessoa ou grupo que se utilize da cultura libertária para viver sem medo, com alegria e autodeterminação. Pena ele ter morrido. Aposto que ia gostar de vir aqui onde, faz bem dez anos, invento vacúolos de silêncio onde ancorei os pedaços libertários que existem em mim. E juntando memórias com nossos visitantes de afinidade, rir do mundo, porque bastam algumas libertárias existências singulares para revelar ao mundo muito do seu quase todo poder. Esse tipo de anarquista "cuberiano", vivo ou morto, consegue isto. Então vale a pena registrar suas façanhas para instigar o raciocínio daqueles que não tiveram o privilégio que nós tivemos. (verve 14/2008 p. 259-263)

Jaime Cubero: uma potência singular da anarquia - José Maria Carvalho Ferreira:

Conheci o Jaime Cubero, na realização do "Encontro do Pensamento Libertário Internacional - Os Outros 500", realizado em São Paulo, no período de 24 a 29 de Agosto de 1992.

Desde então, até à sua morte em 20 de Maio de 1998, tive oportunidade de partilhar e viver, com ele, momentos inesquecíveis. Cedo percebi-me em reuniões, palestras, conferências, assim como nos convívios na sua vida familiar com a sua companheira de sempre Maria, que estava em presença de um homem, cuja razão de ser decorria da anarquia. Os factores de causalidade deduzidos da minha inteligência intuitiva resultam de duas dimensões básicas que atravessavam o seu carácter: vida quotidiana; militante da anarquia.

Da primeira ilação extraio o caráter humano, ético e moral da sua trajetória biológica e social. Nesta dimensão, a anarquia para Jaime Cubero, antes de mais nada, traduzia-se em relações sociais e relações interpessoais intensas e extensas em quaisquer espaço-tempo da sua vida quotidiana. Quem frequentou a sua casa e quem teve oportunidade de conviver com Jaime Cubero e a sua companheira Maria, como foi o meu caso, compreende o significado do que acabo de dizer. Todavia, esse comportamento comunicacional, afetivo, solidário e livre estendia-se nos momentos de convívio com companheiras e companheiros que emergiam em correlação estreita com o espaço-tempo das reuniões e palestras realizadas no Centro de Cultural Social, em São Paulo, ou em cursos de formação ou colóquios sobre o anarquismo que aconteceram no Brasil e em outros países.

Como militante da anarquia, sublinhe-se a sua ação individual e coletiva de toda uma vida em prol de uma aprendizagem teórica e prática do anarquismo no Brasil.

Neste domínio, na minha opinião, Jaime Cubero era um homem que, desde muito novo, se apercebeu da realidade social, econômica, política e cultural do Brasil assente na miséria, pobreza, opressão e exploração do homem pelo homem. Ao procurar as razões perversas que estavam na origem dessa realidade, encontrou-as, com naturalidade e espontaneidade, no Estado e no capitalismo. Daqui decorre que grande parte da sua vida tenha sido para reconstruir a COB (Confederação Operária Brasileira) no Brasil, recorrendo para tal ao modelo de militância anarco-sindicalista que tinha sido desenvolvido na Espanha no período de 1936 a 1939. Face ao fracasso das premissas que enformavam o referido modelo, depressa percebeu que as hipóteses de revitalizar a anarquia passavam por um diálogo intenso e extenso entre os diferentes anarquismos que, entretanto, conflitavam entre si e nada mais faziam que se transformar em seitas ou “guetos” e, por essa via, destruir a própria essência de emancipação social preconizada pela anarquia.

Um ano antes de morrer tive a oportunidade de fazer uma entrevista que foi publicada na revista Utopia, nº 8. Da história da sua vida e da sua obra extraí uma grande lição: como anarquista sou um aprendiz de Jaime Cubero. (verve 14/2008, p. 263-265)

Juventude - Guilherme Corrêa:

Meu primeiro encontro com o Anarquismo se deu no grupo de pesquisa do Núcleo de Alfabetização Técnica (NAT) da UFSC em 1988, coordenado por Maria Oly Pey. À época, o grupo estava dividido em duas partes: a dos grandes, formada pelos estudantes de pós-graduação, e a dos pequenos, que reunia minha colega Rita e eu, então estudantes de graduação em Química. Os grandes

preocupavam-se em encontrar uma fundamentação teórica para seus trabalhos de mestrado em educação quando a recorrência a Paulo Freire e à noção de conscientização subjacente a toda sua obra já não satisfaziam mais seu intento de problematizar uma educação livre. Como a grande maioria das pessoas, eu também sabia o que era anarquismo e não me agradava nem um pouco a idéia de uma educação anarquista, ou seja, na minha cabeça de maioria, de uma educação sem um mínimo de ordem nem hierarquia - esta última, é claro, formada só por pessoas bem intencionadas que fariam a boa orientação dos rumos da educação.

Foi nesse sistema, do qual o jovem estudante universitário que eu era tinha orgulho de participar, que Jaime Cubero interferiu. O sistema com a coerência quase inescapável da responsabilidade bem intencionada, tecido do mal costurado disfarce dos intelectuais de direita e de esquerda nos seus postos de mando, incansáveis em gerir vida dos outros.

E como ele fez isso? De várias maneiras, todas elas com uma particularidade: todas elas maneiras não reativas. Na impossibilidade de falar de várias delas, todas as que tive a alegria de participar, destaco a sua abertura do "Seminário de Educação Libertária" promovido pelo NAT, em 1994. Jaime abriu sua fala evocando a admiração que temos pela arte do bonsai. A beleza das pequenas árvores, algumas centenárias, resulta da arte de inibir seu crescimento atingindo a forma de uma árvore adulta. Felizmente não se tem notícia da aplicação das técnicas do bonsai em seres humanos. Lembrou que, todavia, se uma arte da diminuição física não foi empreendida, nossa sociedade produz em profusão, e delas se mostra orgulhosa, **técnicas eficazes na miniaturização emocional, social, intelectual e criativa do homem**. A partir daí deu seguimento ao seu tema "educação independente de escola" sublinhando que, da perspectiva libertária, não há formação que não seja autoformação e que é esse o ponto em que educação e liberdade coincidem. E o caminho da liberdade, acrescentou, é o da prática da própria liberdade. Não mais libertar, mas liberar-se.

São dez anos sem ouvir a sua voz, sem ver seu rosto amável, sem ver os movimentos do seu corpo frágil e leve, sempre um corpo de menino. Mas não são dez anos sem rir com ele. Nos encontros com os que o conheceram, nos divertimos muito com a graça de suas palavras. Suas frases nos chegam sempre vívidas e frescas e somos tomados da alegria marota que sempre trazia consigo e acompanha os que o amam e com ele aprenderam os **mais generosos, alegres e contundentes sentidos da anarquia**. (verve 14/2008 p. 265-267 – grifos meus)

Jaime Cubero, uma anarquia brasileira no século 20 - Edson Passetti:

Jaime Cubero fez parte de uma era do Centro de Cultura Social de

São Paulo (CCS) inventada por Edgar Leuenroth, habitada pelo ecletismo intelectual anti-autoritário. Jaime, na companhia de Mario Ferreira dos Santos, ali no CCS, acolheu e formou muitos anônimos contestadores e anarquistas vigorosos como José Carlos Morel e Nildo Avelino, acompanhados pela presença cuidadosa de Antonio Martinez, o vozeirão teatral de Francisco Cubero, e uma familiaridade libertária salutar que hospedava intelectuais, arquivos, publicações, pesquisadores, anarco-punks e um tanto de provadores da irresistível anarquia. Magro, com seus óculos de lentes grossas, trazia à mão uma lupa para facilitar sua leitura. A visão podia falhar, mas não o lidar com as palavras movidas nas cartas, nos livros, jornais, panfletos ou fanzines e endereçadas a si, às suas sutis reflexões e oferecidas aos anarquistas de todo lugar, a qualquer tempo. O Jaime era bom de anarquia, incluindo comer, beber, rir, ironizar, ensinar, ouvir e sei lá qual palavra que eu perdi. Vou lembrá-la adiante, mas sem lamentos. O lamento não era próprio do Jaime Cubero, nem da anarquia. A memória sim, mesmo quando escapava; por isso montar os arquivos e notar estranhamente como parte dos documentos anarquistas foi parar na universidade; por isso lembrar que há outra parte ainda guardada e protegida. O Jaime sabia porque a resguardava; seus parceiros de defesa também o sabem. O Jaime era uma pessoa boa e livre das transcendências. Fazia no imediato e propiciava. O quê? Um tantão! Gostava de misturar trabalho manual com trabalho intelectual. Valorizava a anarquia através dos tempos como Max Nettlau. E se divertia e me entretinha falando de oportunistas, os temporários e os temporões. Essa gente metida a sério. Era um homem de respeito. Fez greve sindical, desprezou os benefícios legais para não virar ostra do Estado e abalou o Jornal O Globo, nos anos 1950. Afirmou a firmeza com leveza e o jornalismo autodidata. Encerrou uma era da anarquia no Brasil. (verve 14/2008 p. 267-268)

Imagem 16 – Jantar durante a realização do Seminário de Educação Libertária – SC

Raquel Stela de Sá Siebert, Maria Oly Pey, Jaime Cubero e Guilherme Carlos Corrêa -1996

Fonte: acervo pessoal de Parmênides Cuberos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY e SILVA, Doris. A chama e o silêncio: memória e esquecimento das lutas anarquistas no Brasil. In WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta, FIAMENGUE, Elis Cristina & VELÔSO, Thelma Maria Grisi (org.) **Ideologia & Esquecimento**: aspectos negados da memória social brasileira. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2010.

ACCIOLY e SILVA, Doris. **A Obra-Trajeto de Maurício Tragtenberg Sob O Prisma das Afinidades Eletivas**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara, Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2005 a.

ACCIOLY e SILVA, Doris. Anarquistas: Criação Cultural, Invenção Pedagógica. In: **Educação & Sociedade**. Campinas: UNICAMP, V. 32, nº 114, Jan-Mar/2001. <<http://cedes.preface.com.br>>. Acesso em 22/09/2011.

ACCIOLY e SILVA, Doris e SANTOS, Luciana Eliza dos. Trajetória e Produção Literária de João Penteado a partir de seu Arquivo Pessoal. In: MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. (Org.) **Educação Libertária no Brasil - Acervo João Penteado: inventário de fontes**. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp, 2013.

ACCIOLY e SILVA, Doris e MARRACH, Sonia Alem (Org.). **Maurício Tragtenberg Uma vida para as Ciências Humanas**. São Paulo: UNESP. 2001

ACCIOLY e SILVA, Doris. Repressão Política, Resistência e Memória Social: um estudo de caso. In: WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta, VELÔSO, Thelma Maria Grisi (org.) **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande - PB: EDUESP, 2005 b.

ALMEIDA, M. da Conceição de. Por uma ciência que sonha. In: GALENO, Alex; CASTRO, Gustavo de, e SILVA, Josimey Costa da (Orgs.). **Complexidade à flor da pele – Ensaio sobre Ciência, Cultura e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, Rógério de. Educação Contemporânea: a sociedade autolimpante, o sujeito obsoleto e a pedagogia da escolha. **Revista Educação: teoria e prática**, Vol. 20, nº 34, p. 47-64. Jan/2010a.

ALMEIDA, Rógério de. Educação e Escolha: as coisas pequenas e comuns da vida. In: BASSIT, Ana Zahira (org.) **O Interdisciplinar - olhares contemporâneos**. São Paulo: Factash, 2010b. p. 153-164.

ALMEIDA, Rógério de. Imaginário e pós-modernidade: estudo mítico das representação social do corpo. **Revista Voos**, Vol. 02, nº 01, p. 21-37, 2010c. ISSN 1808-9305.

AVELINO, Nildo. **Anarquistas: ética e antologia de existências**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

AVELINO, Nildo. Revolta e ética anarquista. In: **VERVE: Revista Semestral do NUSOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária**/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC. São Paulo, nº 1, p.183-210, Mai/2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 7ª Edição. 1994.

BERNARDO, Terezinha. **Memória em branco e negro – um olhar sobre São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

BORGES, Paulo Eduardo B. **Jaime Cubero e o Movimento Anarquista em São Paulo 1945-1954**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais defendida pela Pontifícia Universidade Católica - PUC, Campus São Paulo. 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. Esquecer para lembrar e ser. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

CASTRO, Rogério. **Instrução Integral: uma ferramenta dos trabalhadores**. São Paulo: Faísca/SINDSCOPE-RJ/ SINASEFE, 2010.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado (investigações de antropologia política)**. Porto: Afrontamento, 1979.

CUBERO, Jaime. **A Concepção Anarquista do Homem**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Set/1993.

CUBERO, Jaime. **A Nova Desordem Mundial**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, 1992

CUBERO, Jaime. **A Universidade Popular "Presidente Roosevelt"**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Jul/1991.

CUBERO, Jaime. **Anarco-Sindicalismo**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Dez/1989.

CUBERO, Jaime. Antimilitarismo e Anarquismo. In: **VERVE: Revista Semestral do NU-SOL** - Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC. São Paulo, nº 1, p. 183-210, Mai/2002.

CUBERO, Jaime. **Apresentação**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, 1989.

CUBERO, Jaime. As idéias Força do anarquismo. In: **Anarquismo: Atualidade e Reflexão**. Curso livre do CCS. s/d.

CUBERO, Jaime. **Batalha da Praça da Sé**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, 1998.

CUBERO, Jaime. **Centro de Cultura Social**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, 1987.

CUBERO, Jaime. **Discurso de formatura da Turma de História de 1991, da Universidade Metodista de Piracicaba**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Dez/1991.

CUBERO, Jaime. **Edgard Leuenroth**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Dez/1986.

CUBERO, Jaime. **Histórico do Centro de Cultura Social de São Paulo**. s/d. Disponível em: <<http://www.ccssp.org/ccs>>. Acesso em 25/02/2012.

CUBERO, Jaime. Nosso Sítio In: **Dealbar**. São Paulo, ano I, nº 7, p. 4. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Set/1967.

CUBERO, Jaime. **Nuestra concepción del Anarcosindicalismo**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Out/1993

CUBERO, Jaime. **O Anarquismo: Uma Visão da Educação da Criança na Família**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Out/1995.

CUBERO, Jaime. **Razão e Paixão na Experiência Anarquista**. São Paulo: Libertárias, 1997 <www.nu-sol.org/libertarias-4>. Acesso em 11/11/2005.

CUBERO, Jaime. Reflexos da Revolução Russa no Brasil. In: **Boletim do Centro de Cultura Social**. São Paulo, nº 24, Set/2007.

CUBERO, Jaime. **Universidade e Escola Livre**. Marília. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Ago/1992.

CUBERO, Jaime. **Universidade Livre**. Manuscritos organizados por Christina Lopreato, Parmênides Cuberos & José Carlos O. Morel, Ago/1991.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

ESCOLAS MODERNAS: Educação libertária na São Paulo do início do século. COLETIVO CINESTESIA. Direção: Carlos ROMANI, Humberto PIMENTEL e Oldimar CARDOSO. São Paulo: Cinestesia, duração 40 min., 1995. Documentário.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Jaime Cubero e o Movimento Anarquista no Brasil - Entrevista de Jaime Cubero. In: **Revista Utopia**, nº 8. Portugal: 2001.

FERREIRA-SANTOS, Marcos & ALMEIDA, Rogério (Org). **Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética**. São Paulo: Képos, 2012.

FERREIRA-SANTOS, Marcos & ALMEIDA, Rogério (Org). **Antropolíticas da Educação**. São Paulo: Képos, 2ª. Ed., 2014.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. Fundamentos antropológicos da arte-educação: por um pharmakon na didaskalia artesã. **Revista @mbienteeducação**, Vol. 3, nº 2, jul/dez, p. 59-97, 2010. Disponível em:

<http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_educacao/pdf/volume_3_2/6_rev_n6_marcos_santos_2.pdf>. Acesso em 25/02/2012.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. **Crepusculário: Conferências sobre Mitohermenêutica & Educação em Euskadi**. São Paulo: Editora Zouk, 2ª Ed. 2005.

FÉTIZON, Beatriz Alexandrina de Moura. **Educar professores? - um questionamento dos Cursos de Licenciatura da Universidade de São Paulo**. São Paulo: FEUSP, Estudos e Documentos, V. 24, 1978.

FRANÇA, Fernando Cesar Teixeira. Criação e Dialética: **O pensamento Histórico-Político de Cornelius Castoriadis**. São Paulo: EDUSP e Brasiliense, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GALLO, Silvio. **Educação Anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Unimep, 1995.

GODWIN, William. Educação pela vontade. In: **WOODCOCK, George. Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: LPM, 1981a.

GODWIN, William. Os males do ensino nacional. In: **WOODCOCK, George. Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: LPM, 1981b.

GUSDORF, Georges. **Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia. Col. Psicologia e Pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo – Roteiro da Libertação Social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LOPREATO. Christina da Silva Roquette. Sobre o pensamento libertário de Kropotkin: individuo, liberdade, solidariedade. In: **História & Perspectiva**. (27 e 28), p.557-572, Uberlândia. Jul./Dez. 2002/Jan./Jun. 2003

LOPREATO. Christina da Silva Roquette. Um outro mundo possível: cultura de paz em Gandhi e Tolstói. In: SEIXAS, Jacy Alves de, CERASOLI, Josianne e NAXARA, Márcia (org) **Tramas do político: linguagens, formas, jogos**. p.475-490, Uberlândia: EDUFU, 2012.

LUENGO, Josefa Martín, MONTERO, Encarnación Garrido, PEY, Maria Oly & CORRÊA, Guilherme Carlos (org.). **Pedagogia Libertária: Experiências hoje**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

LUIZETTO, Flávio. O movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna nº 1 (1912-1919). **Educação & Sociedade**, UNICAMP, Campinas: São Paulo, ano VIII. nº 24. Ago/1986.

LUIZETTO, Flávio. **Utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Trad. Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

MALATESTA, Errico. **Textos Escolhidos**. Porto Alegre: L &PM Pocket, 1984.

MARTINS, Angela Maria Souza. **A Educação Libertária na Primeira República**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Angela_Maria_Souza_Martins_artigo.pdf> Acesso em 28/04/2009.

MEIHY, José Carlos Sebe. B. e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2ª Edição, 2010.

MILLS, C. Wright. **A imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 4ª Ed, 1975.

MORAES, José Damiro de. **Educação Anarquista no Brasil da Primeira República**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_052.html> Acesso em 02/11/2009.

MOREL, José Carlos Orsi. Centro de cultura social, uma prática anarquista: entrevista com José Carlos Morel. In: VERVE: **Revista Semestral do NU-SOL** - Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC. São Paulo, nº 7, p. 209-223, 2005.

MOREL, José Carlos Orsi. A Semente e a Estrela (adeus a Jaime Cubero). In: **Libera Amore mio**. nº 85. Jun/1998. Disponível em: <<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/05jaimecubero.htm>>. Acesso em 17/10/2010

MORIYÓN, Félix Garcia (Org.). **Educação Libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 5ª edição, 2006.

ORTIZ-OSÉS, Andrés. **Amor y Sentido: uma hermenêutica simbólica**. Barcelona: Editorial Anthropos, 2003.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. Formação operária: arte de ligar política e cultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 266-288, Jan./Abr. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 28/04/2009.

PARENTI, Michael. **La lucha de la cultura**. Hondarribia: Hiru, 2007.

PASSETTI, E. **Anarquismo urgente**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

PRADO, Antonio Arnoni e HARDMAN, Francisco Foot. (org). **Contos Anarquistas Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RAGO, Margareth. **Quem foi Jaime Cubero**. Disponível em: <http://www.arteeanarquia.xpg.com.br/quem_foi_jaime_cubero.htm>. Acesso em 23/01/2012.

READ, Herbert. Uma abordagem estética da educação (1955) IN: WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: LPM, 1981.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus - tomo I. 1994

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa: Edições 70, 1976.

ROCKER, Rudolf. Tolstói, Profeta de uma Nova Era. In: COELHO, Plínio Augusto (org.). **Tolstói A insubmissão e outros escritos**. São Paulo: Ateliê Editorial e Editora Imaginário, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e Comunicação: princípios radicais**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ROMANI, Carlos. Da biblioteca à Escola Moderna. Breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul. In: **EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA**. São Paulo: Editora Imaginário, nº1, p. 87-100, 3º quadrimestre de 2006.

ROSSET, Clément. **La filosofia trágica**. Buenos Aires: El cueco de plata, 2010.

ROSSET, Clément. **Lógica do pior**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTOS, Maíra Moraes. **Educação Libertária nas Primeiras Décadas do século XX em São Paulo: uma ponte para as utopias anarquistas**. São Paulo: FESPSP, Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

SANTOS, Maíra Moraes. **Entrevista realizada com Miquelina Veiga e Nilton Melo**. São Paulo, no dia 14 de Outubro de 2013. (transcrição, manuscrito, 26 páginas)

SANTOS, Maíra Moraes. **Entrevista realizada com Parmênides Cuberos**. São Paulo, no dia 08 de Dezembro de 2013. (transcrição, manuscrito, 33 páginas)

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2009.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (Res)sentimentos Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá (Org.). **Educação Libertária: textos de um Seminário**. Rio de Janeiro: Achiamé. 1996.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da USP, 2013

SILVA, Rodrigo Rosa. **Entrevistas Jaime Cubero**. Imprensa Marginal, s/d. Disponível em: <<http://anarcopunk.org/biblioteca/?p=108>>. Acesso em 07/02/2012.

TRAGTENBERG, Maurício. As utopias a partir do Renascimento. In: VIEIRA, Evaldo A. (Direção). **Teoria e ação libertárias**. Coleção Maurício Tragtenberg. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária. In: **Educação e Sociedade**. Campinas: UNICAMP / Cortez e Moraes, ano 1, nº 1, 1978.

VALVERDE, Antonio José Romera. Socialismo Libertário, educação e autodidatismo: Entrevista-depoimento de Jaime Cubero. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, V. 34, nº 2, p. 393-408. Mai-Ago/2007.

VALVERDE, Antonio José Romera. **Pedagogia libertária e autodidatismo**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP 1996.

VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC. São Paulo, nº 14, 2008. 303 p.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. A desinvenção da tradição: esquecimento e memória na História do Brasil - Ensaio de Interpretação Sociológica. In WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta, FIAMENGUE, Elis Cristina & VELÔSO, Thelma Maria Grisi (org.) **Ideologia & Esquecimento: aspectos negados da memória social brasileira**. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2010.

WOTLING, Patrick. **Vocabulário de Friedrich Nietzsche**. Trad. Claudia Berliner. Coleção Vocabulário dos filósofos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ANEXOS - ROTEIROS

Roteiro da entrevista - Utilizado em 14 de outubro de 2013 com Miquelina Veiga e Nilton Melo

Nome completo:

Ocupação atual:

Formação escolar:

- Como conheceu o Jaime Cubero?
- Qual lembrança dele é mais forte?
- Ele influenciou nos estudos, de que maneira?
- Ele influenciou na sua visão política de mundo?
- Tem algo do comportamento do Jaime Cubero que marcou você ao ponto de você repensar, ou mudar suas próprias atitudes?
- Como pessoa, como era Jaime Cubero?
- Se fosse possível defini-lo em poucas palavras, como você definiria o Jaime?

Pontos da Conversa com Maria Cubero realizada em 17 de agosto de 2014

- Eram primos, conheceram-se ainda na infância?
- Como foi participar do Grupo Juvenil de Estudos Sociais - na Vila Bertioga?
- Como foi o casamento com Jaime Cubero?
- Jaime agia de forma diferente como marido e como figura pública?
- Como foi sua participação no CCS, no teatro?
- Como foi o período da loja de calçados (Calçados Cuberos)?
- Como era a convivência entre homens e mulheres na Chácara e no Sítio?
- Jaime Cubero recebia muitas pessoas em casa, como era essa situação para você?
- Quais foram os amigos mais próximos ao Jaime Cubero?
- Quais as atividades que Jaime Cubero mais gostava de realizar?

Quem foi Jaime Cubero para você?